

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

LAURA SOARES ABBAD

**Coletivo *Immutare*: uma experiência social juvenil de produção identitária,
subjetividades e conquista da autonomia em bairro periférico de Ribeirão Preto**

Ribeirão Preto

2020

LAURA SOARES ABBAD

**Coletivo *Immutare*: uma experiência social juvenil de produção identitária,
subjetividades e conquista da autonomia em bairro periférico de Ribeirão Preto**

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na Biblioteca Central
da Universidade de São Paulo - campus Ribeirão Preto)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação pela
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Fundamentos Filosóficos,
Científicos e Culturais da Educação

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida

Ribeirão Preto

2020

Nome: ABBAD, Laura Soares

Título: Coletivo *Immutare*: uma experiência social juvenil de produção identitária, subjetividades e conquista da autonomia em bairro periférico de Ribeirão Preto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 05/02/2020

Banca Examinadora

Prof. Dra. Marília Pontes Sposito

Instituição: Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Marilena Nakano

Instituição: Centro Universitário Fundação Santo André/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Geraldo Romanelli

Instituição: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Julgamento: Aprovada

*Para minha avó Dada (in memoriam) que me alfabetizou e
minha mãe Mercedes (in memoriam) que me pôs em contato com
as artes e literatura, duas mulheres incríveis que me deixaram a
educação como principal herança.*

AGRADECIMENTOS

Produzir um estudo e escrever uma dissertação pode parecer um processo um tanto solitário e em parte, é. Em grande parte. Mas só é possível com o suporte que recebemos ao nosso redor, quase invisível aos olhos de quem está com o olhar totalmente voltado para os movimentos de leituras, pesquisa, transcrições, escrita e reescrita.

Agradeço minha família por este apoio tácito, antes e durante este processo. Em especial à minha irmã Luana, por ser minha fortaleza e ao meu pai, Rui Carlos, pelo amor incondicional e abraços, por relevarem momentos em que foram privados de minha companhia em decorrência desta rotina acadêmica aliada à demanda profissional, que desenvolvi simultaneamente durante esta pós-graduação. Pela compreensão dos almoços corridos, das eventuais (ou recorrentes) alterações de humor decorrentes de prazos de entregas a cumprir. Às minhas queridas sobrinhas Alice e Alana, que também se privaram em muitos momentos do convívio com esta tia coruja e até agora tentam compreender “por que a Tia Laura estuda tanto?”.

À minha mãe Mercedes (in memoriam) e minha avó Dalva, professoras incansáveis de escolas públicas que com seu amor, a mim e à profissão, me ensinaram o valor da luta, do estudo e da educação.

A todos professores e professoras do Curso de Pedagogia da FFCLRP – USP, que seguem me ensinando e me fortalecendo nesta caminhada permanente por uma educação emancipadora, gratuita e de qualidade.

À educadora e grande amiga Lúcia Tinós, que me encorajou a inscrever o projeto, me incentivou durante o percurso e me acolheu quando quase esmoreci. Grata pelos diálogos motivadores em sua sala e fora dela.

À Angelita Gandolfi, amiga que a vida me presenteou, parceira de trabalho e inspiração, por aceitar contribuir e realizar com competência a revisão desta dissertação.

Ao Marcos Paulo, que me ajuda a tornar a vida mais leve com sua companhia, amizade e escuta, me lembrando sempre de ser capaz de rir de mim mesma e das incertezas da vida.

À Gabriela Bazan, bibliotecária apaixonada por sua profissão que gentilmente me auxiliou nos detalhes finais.

Às jovens e aos jovens que aceitaram o convite e compartilharam suas experiências, pela disponibilidade das entrevistas e pelos relatos pessoais, que tornaram possível esta dissertação.

À Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, por autorizar a pesquisa, pelos aprendizados durante o tempo em que trabalhei nesta instituição, pelas amizades e parcerias que fiz.

À Marília Sposito e Geraldo Romanelli pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Ao meu orientador, Elmir de Almeida, pelos ensinamentos desde a graduação, pela disponibilidade em me ouvir e me formar nesta jornada de aluna à pesquisadora crítica e questionadora, com preciosas contribuições na construção de minha subjetividade.

*“Se quiseres conhecer uma pessoa, escuta-lhe o
sonho”.*
Mulheres de Cinza
Mia Couto

ABBAD, Laura Soares. **Coletivo *Immutare*: uma experiência social juvenil de produção identitária, subjetividades e conquista da autonomia em bairro periférico de Ribeirão Preto**. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa investiga a experiência social construída por jovens participantes de projeto de educação não escolar na perspectiva de “Protagonismo Juvenil” ofertado por uma Fundação da cidade de Ribeirão Preto. Teve como objetivo compreender esta experiência social construída por jovens ribeirão-pretanos que conformaram o Coletivo *Immutare*, no bairro Quintino Facci II, e como ela contribuiu para construção de subjetividades, autonomia e produção identitária nesta etapa da vida, bem como as contribuições que propostas de educação não escolar poderiam oferecer aos processos de escolarização dos jovens na atualidade. Este estudo é de natureza qualitativa, com contribuições teóricas das áreas da Educação e das Ciências Sociais. Analisou-se documentos oficiais e não oficiais do Projeto criado pela Fundação, percorreu-se também os trilhos que implicaram no levantamento bibliográfico e leitura de referências sobre as relações entre “juventude e protagonismo juvenil”, em diferentes bases de dados; o diálogo com jovens que participaram do Projeto entre 2013-2015, com educadores sociais e integrante da equipe gestora da Fundação que se responsabilizou pelo desenvolvimento da proposta na cidade. Destaca-se a experiência social construída pelos jovens participantes a partir do que a proponente pretendia desenvolver com eles e nota-se as contribuições geradas para seus processos de produção identitária, de suas subjetividades e perspectivas de futuro a partir da conformação do Coletivo *Immutare*. Diante destas relevantes constatações questiona-se ainda como a educação escolar pode valer-se destas informações para repensar seu currículo e propostas para jovens estudantes numa perspectiva de educação integral do sujeito.

Palavras-chave: Experiência Social. Sujeito Juvenil. Protagonismo. Educação não escolar.

ABBAD, Laura Soares. **Collective *Immutare*: a youth social experience of identity production, subjectivities and achievement of autonomy in a peripheral neighborhood of Ribeirão Preto.** 2020. 100 f. Dissertation (Master's Degree in Education) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

ABSTRACT

This research investigates the social experience constructed by young participants of a non-school education project in the perspective of “Youth Protagonism”, offered by a Foundation from the city of Ribeirão Preto. It aimed to understand this social experience constructed by youngsters from Ribeirão Preto who formed the Collective *Immutare*, in the Quintino Facci II neighborhood, and how it contributed to the construction of subjectivities, autonomy, and identity production in this stage of life, as well as the contributions that non-school education proposals could offer to the schooling processes of young people today. This is a qualitative study, with theoretical contributions from the areas of Education and Social Sciences. Official and unofficial documents of the Project created by the Foundation were analyzed, as well as the paths that led to the bibliographic survey and reading of references on the relations between “youth and juvenile protagonism”, in different databases, the dialogue with young people who participated in the Project between 2013-2015, with social educators and member of the Foundation's management team who was responsible for the development of the proposal in the city. We highlight the social experience built by the young participants from what the proposer intended to develop with them and notice the generated contributions to their processes of identity production, their subjectivities, and future perspectives from the conformation of the Collective *Immutare*. Given these relevant findings, it is also questioned how school education can use this information to rethink its curriculum and proposals for young students in a perspective of integral education of the subject.

Keywords: Social experience. Juvenile Subject. Protagonism. Non-school education.

LISTA DE SIGLAS

FFL	Fundação Feira do Livro
FNLRP	Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto
FLL	Fundação do Livro e Leitura
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBICIT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IPCCIC	Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Fanzine *Immutare*/Os Protagonistas: Centro Cultural Quinto Facci II51**
- Figura 2 – Fanzine *Immutare*/Os Protagonistas: Centro Cultural Quinto Facci II51**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação dos Sujeitos de Pesquisa	21
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 Apontamentos iniciais sobre projetos pedagógicos de “protagonismo juvenil” na realidade brasileira	16
2 Procedimentos metodológicos adotados na realização das diferentes etapas da pesquisa.....	18
CAPÍTULO 1 PERCURSOS DO ESTUDO: DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E APORTES TEÓRICOS.....	25
1.1 Aportes teóricos usados no estudo.....	32
CAPÍTULO 2 PROJETO “JOVENS PROTAGONISTAS” E A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO IMMUTARE EM RIBEIRÃO PRETO	38
2.1 Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto: acontecimento cultural e festivo .	38
2.2 Feira Nacional do Livro: de adolescentes dispersos à jovens protagonistas ...	41
2.3 Os objetivos do Projeto <i>Jovens Protagonistas</i> e a “metodologia” adotada para concretizá-los	42
2.4 A equipe de educadores sociais do Projeto	44
2.5 A escolha do bairro para se conformar um “grupo de líderes”	44
2.6 Procedimentos adotados para a escolha dos integrantes do “grupo de líderes”	46
2.7 Tempos e ritmos da experiência social construída pelos jovens-estudantes: do <i>Jovens Protagonistas</i> ao <i>Immutare</i>	49
2.8 Quadros formativos oferecidos aos integrantes do <i>Immutare</i>	50
2.9 A presença e os sentidos das ações do <i>Immutare</i> no Quintino Facci II e em equipamentos públicos.....	53
2.10 A escolha do Coletivo <i>Immutare</i> em agir nas escolas do bairro	57
2.11 As ações do <i>Immutare</i> no âmbito das edições da Feira do Livro.....	60
CAPÍTULO 3 UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL JUVENIL COMO PROCESSO FORMATIVO, DE PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E CONQUISTA DA AUTONOMIA.....	65

3.1 Os jovens-estudantes e envolvimento que tinham com o bairro antes de participarem do <i>Jovens Protagonistas</i>	65
3.2 De um grupo filiado ao Coletivo <i>Immutare</i>	68
3.3 “As pessoas que tinham que fazer não estavam preocupadas”: embates e tensões com a Administração Municipal, a Fundação, e a Feira do Livro.....	72
3.4 A experiência do <i>Immutare</i> e suas contribuições aos processos de diferenciação e produção identitária de seus integrantes	77
3.5 Contribuições aos processos de subjetivação e de autonomia dos jovens.....	80
3.6 A experiência no <i>Immutare</i> e perspectivas para o futuro.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	97
APÊNDICE A – Roteiro de perguntas utilizado nas entrevistas com os jovens.....	97
APÊNDICE B – Roteiro de perguntas utilizado na entrevista com educadores do Projeto Jovens Protagonistas da FFL	99
APÊNDICE C – Roteiro de perguntas utilizado na entrevista com gestora da FFL.....	100

INTRODUÇÃO

A pesquisa que está na origem deste texto tem por fundamento um conjunto de inquietações provenientes da trajetória de formação universitária realizada nas áreas da arte e da educação, e se direcionavam as experiências artísticas e práticas educativas de crianças e adolescentes em contextos e processos formativos não escolares.

Com formação superior em artes cênicas, primeiro, e posteriormente na licenciatura em pedagogia, paulatinamente adotando a posição que compreende a educação tal como defendida por Brandão: como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.” (BRANDÃO, 1982 p. 8); um entendimento da educação em seu sentido mais amplo, não redutível à escola e ao processo de escolarização, na medida em que ela envolve as possibilidades contidas na tríade arte-cultura-educação como alicerce de formas e sentidos variados de se socializar e educar indivíduos, a fim de torná-los sujeitos críticos.

Em anos recentes, atuei profissionalmente na curadoria de um reconhecido evento cultural que se realiza na cidade de Ribeirão Preto há décadas: a Feira Nacional do Livro¹, promovida pela Fundação do Livro e Leitura – FLL². Minhas atividades junto à Fundação consistiam na coordenação de programação e acompanhamento da Feira, além de responsabilizar-me por projetos socioeducativos de incentivo ao livro, leitura e à formação de leitores.

Nesse período, mais precisamente em 2013, integrantes da equipe gestora da FLL, formularam e executaram um Projeto por eles intitulado de Jovens Protagonistas, direcionado a jovens estudantes, moradores de bairro da periferia de Ribeirão Preto.

Não me envolvi diretamente com aquela proposta da Fundação. Acompanhei à distância algumas atividades e produções culturais desenvolvidas pelos jovens e educadores que participaram da iniciativa. Em 2016, a FLL tomou a decisão por não dar continuidade ao Jovens Protagonistas, sem criar nova proposta ou substituí-la por iniciativa similar. Em mim, mesmo acompanhando à distância a iniciativa, fortalecia a vontade de melhor compreendê-la, de conhecer e decifrar as razões que levaram à Fundação a formatá-la, como ela definiu o bairro em que Projeto seria realizado, como seus profissionais se inseriram e concretizaram a proposta em um dos bairros periféricos da cidade.

¹ Em dezembro de 2019, a Feira passa a ter uma nova marca, denominada FIL (Feira Internacional do Livro).

² A partir de 2016 ocorre a alteração do nome da Fundação, pois até então era nominada com Fundação Feira do Livro, e passa-se a chamar Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto.

Observava os jovens participantes se envolvendo com atividades formativas e de difusão cultural, e interessava-me saber o que eles discutiam nas reuniões do agrupamento que conformaram. Indagava pelas motivações para estarem e agirem em grupo em uma proposta desenvolvida na perspectiva do acesso ao livro e ao fomento à leitura. Questionava se aquela experiência oferecia ou não contribuições para as suas vivências juvenis.

Este estudo partiu mais das inquietações da educadora formada em artes cênicas e pedagogia, e menos das questões e temas da profissional da FFL. Minha disposição foi a de investigar o Projeto “Jovens Protagonistas” como uma proposta de educação não escolar, mas tomando como referências as visões que dele tinham seus jovens participantes, a fim de compreender se iniciativas como a da FLL podem efetivamente contribuir para a formação de jovens, estudantes, moradores de periferias urbanas. Bem como, o que elas podem oferecer a seus processos de subjetivação, produção identitária e busca por autonomia.

Além dessas inquietações, também questionava sobre as contribuições que as propostas de educação não escolar poderiam oferecer aos processos de escolarização dos jovens na atualidade, valendo-se de metodologias e vivências que fortaleçam seus processos de participação no interior da dinâmica social escolar e atribuam sentido à trajetória acadêmica de jovens estudantes.

1 Apontamentos iniciais sobre projetos pedagógicos de “protagonismo juvenil” na realidade brasileira

À luz da literatura especializada, o Projeto desenvolvido pela FFL não é necessariamente uma proposta inovadora de atuação com jovens, estudantes (ou não), moradores de bairros periféricos de centros urbanos.

Desde o final dos anos de 1980, já é possível identificar eventos e documentos oficiais da UNESCO a presença de um discurso sobre o “protagonismo juvenil” que foi assumido por instituições estatais e organizações da sociedade civil em ações de educação escolar ou não escolar com determinados segmentos da juventude brasileira, de modo mais específico com jovens pobres, das classes populares, inseridos em meios urbanos degradados com uma precária presença do Estado e respostas pouco satisfatórias aos problemas sociais, culturais e urbanos de bairros periféricos.

Em levantamento realizado, em 2016, no portal de dissertações e teses da CAPES/Ministério da Educação e no sítio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, sobre as produções acadêmicas acerca dos temas da juventude e do

“protagonismo juvenil”, foi possível constatar que desde os anos 1990 o tema do “protagonismo juvenil” mereceu atenção de investigadores das áreas da Educação e Ciências Sociais e, em síntese, os pesquisadores percorreram dois eixos distintos, porém complementares: num deles, se aplicaram na descrição e análise de como aquela temática desembarcou na realidade brasileira, como ela foi sendo apropriada por organizações do terceiro setor e orientou projetos sociais com jovens pobres das camadas populares; no outro, os investigadores buscaram compreender os alcances e os limites dos projetos sociais ancorados naquela noção, a partir das narrativas e reflexões dos jovens que deles participaram.

No município de Ribeirão Preto, centro de região metropolitana localizada a noroeste da capital do estado de São Paulo, em 2013, a então Fundação Feira Livro – FFL de Ribeirão Preto, tendo em vista interações atribuladas com adolescentes que afetaram as edições consecutivas da Feira Nacional do Livro, ocorridas em 2012 e 2013, formulou e pôs em prática o Projeto “Jovens Protagonistas”. O objetivo da Fundação foi o de promover proposta de educação não escolar com jovens moradores de bairro de região periférica da cidade – Quintino Facci II - de maneira a orientá-los e prepará-los para desenvolver ações sociais e práticas culturais no território daquela comunidade, sobretudo para atuarem na educação e formação de seus pares como “novos leitores”.

A partir das intenções mencionadas, a FFL promoveu seleção e entrevistas com estudantes de escolas públicas estaduais situadas no Quintino Facci II. Os jovens que foram selecionados e se interessaram em integrar-se ao Projeto, constituíram um coletivo por eles nomeado de *Immutare* e se envolveram com múltiplas e variadas propostas de formação não escolar, conceberam e puseram em prática uma série de atividades culturais em diferentes espaços-tempos do bairro e da cidade.

Dentre os estudos identificados abordando iniciativas públicas e de organizações não governamentais, voltados para a juventude com foco no protagonismo juvenil, poucos foram os que se preocuparam em compreender como os jovens que integram projetos de protagonismo juvenil exploraram e agiram a partir do que os proponentes das iniciativas lhes ofereceram. A partir desta constatação, me propus a investigar a experiência social construída por jovens estudantes moradores do Quintino Facci II, que se engajaram em projeto da FFL.

A partir dos enquadramentos mencionados acima, de aportes conceituais da área da educação não escolar (SPOSITO, 2008), da sociologia da experiência desenvolvida por François Dubet (1994) e da sociologia dos indivíduos produzida por Danilo Martuccelli (2007), desenvolvi a pesquisa de mestrado em Educação, de forma a compreender: 1) que

contribuições os jovens-estudantes que se integraram e participaram do “Jovens Protagonistas” – e foram construtores do Coletivo *Immutare* -, extraíram daquela experiência para se constituírem como sujeitos juvenis, tendo em vista os processos de subjetivação e autonomia vividos no tempo da juventude; 2) que contribuições propostas de educação não formal, tal como a desenvolvida pela FFL com os jovens do *Immutare*, podem oferecer aos processos de escolarização dos jovens da atualidade, tanto em termos de vivências e metodologias como possibilidade de fortalecimento de suas práticas de participação no interior da dinâmica social escolar.

Assim, o presente estudo não pretende analisar em profundidade e produzir conhecimento sobre as potencialidades educativas e políticas do Projeto, mas deseja compreender as possíveis contribuições que os jovens dele extraíram. Assim, em busca de respostas ao objeto de estudo, realizou-se a escuta dos sujeitos.

2 Procedimentos metodológicos adotados na realização das diferentes etapas da pesquisa

Dos momentos em que observava, como profissional a serviço da FFL, as atividades que ela desenvolvia no contexto do Jovens Protagonistas até a elaboração deste texto, vários caminhos foram trilhados para desenvolver o projeto de investigação e encontrar respostas às questões centrais da pesquisa; cita-se a seguir alguns fundamentais:

1) Participação em disciplinas que pudessem fortalecer a formação teórica e histórica sobre temas relativos à produção da pesquisa científica em Ciências Sociais e Educação, sobre iniciativas do poder público e da sociedade civil direcionadas aos jovens brasileiros que envolviam a educação não escolar e o protagonismo juvenil.

Nesse sentido, uma atividade acadêmica que ofereceu significativas contribuições à revisão do projeto inicial de investigação foi a disciplina *Projetos de Pesquisa: Leituras sobre o Método e Técnicas na Sociologia da Educação*³, ministrada pela Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, que permitiu a compreensão de forma crítica e reflexiva dos temas a estudar – projetos de educação não escolar para jovens e projetos sociais para jovens construídos a partir da noção de “protagonismo juvenil”.

2) Envolvimento no grupo de estudos coordenado pelo orientador desta pesquisa, dedicado à leitura e debates de obras da sociologia contemporânea que contribuem para a

³A disciplina oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da FEUSP teve por objetivo contribuir com o debate e aprimoramento de projetos de pesquisa de mestrandos, doutorandos e aspirantes à pós-graduação, na área da Sociologia da Educação.

compreensão da juventude e a vivência de segmentos juvenis em diferentes contextos históricos e sociais na atualidade, entre elas destaco as de Octávio Ianni (1989), a *Sociologia e o mundo moderno*, de Wright Mills (1982), *A imaginação sociológica*, de François Dubet (1994), *Sociologia da experiência* e a de Danilo Martuccelli (2007), *Lecciones de sociologia del individuo*.

A partir das contribuições obtidas nas atividades anteriores, foi possível realizar os seguintes percursos:

- a) levantamento, seleção e leitura de documentos oficiais e não oficiais que permitissem melhor apreender os objetivos e as atividades do Projeto *Jovens Protagonistas* da FFL na cidade;
- b) delimitação do conjunto de profissionais e educadores-sociais da Fundação e do conjunto de jovens-estudantes que participaram do Projeto com os quais buscava interagir e dialogar;
- c) escolha da entrevista com roteiro semiestruturado, aproximada ao tipo de entrevista compreensiva (FERREIRA, 2014), para dialogar com os jovens⁴ e os profissionais da Fundação que atuaram diretamente no Projeto.

Para produzir uma breve caracterização sociodemográfica das garotas e rapazes que aceitaram contribuir com a pesquisa, foi elaborado um questionário com questões abertas visando obter dados sobre a idade dos jovens no momento da entrevista; a idade que tinham quando decidiram participar do Jovens Protagonistas; a escolaridade atingida; a escolaridade e a profissão dos pais ou responsáveis; relações dos jovens com a esfera do trabalho quando participaram do Projeto e quando foram entrevistados.

Inicialmente, fez-se contato com os 10 (dez) jovens que participaram da primeira formação do *Immutare*, utilizando-se como meios as redes sociais – *Facebook* e *Whatsapp*, e também telefone. Daquele conjunto, cinco (5) jovens se prontificaram a participar e contribuir com o estudo.

Para a montagem do conjunto de jovens que se desejava dialogar, levou-se em consideração o sexo e o tempo de duração da participação no Projeto da FFL. Dentre os cinco (5) jovens que aceitaram colaborar com a pesquisa, três (3) são do sexo feminino e dois (2) do masculino, sendo que: dois (2) deles participaram do início ao fim da iniciativa (3 anos); dois (2) se integraram à proposta já em andamento e nela permaneceram até a sua descontinuidade

⁴No caso da entrevista com os jovens, tomou-se a decisão que a pergunta disparadora do diálogo, com cada um deles, seria: “*Como era sua experiência diária no seu bairro antes de participar do projeto ‘Jovens Protagonistas’ da Fundação Feira do Livro?*”.

e; uma (1) jovem integrou-se ao *Jovens Protagonistas* durante doze (12) meses e dele se desligou ao final da primeira etapa das atividades desenvolvidas no bairro.

O quadro a seguir apresenta os dados sociodemográficos dos cinco (5) jovens envolvidos na pesquisa.

Quadro 1 – Identificação dos Sujeitos de Pesquisa

Jovem-estudante entrevistado/a⁵	Auto declaração da cor da pele	Idade quando entrou e quando saiu do <i>Immutare</i>	Idade na época da entrevista	Escolaridade atingida na época da entrevista	Escolaridade e profissão da mãe	Escolaridade e profissão do pai	Situação na esfera do trabalho à época da entrevista
Vanessa (Se autodeclarou negra)	Negra	16 aos 17 anos	20 anos	Cursando Ensino Superior (Publicidade e propaganda)	Fundamental Completo; Costureira.	Superior Completo; Presidente em Associação	Desempregada
Gisele (Se autodeclarou branca)	Branca	15 aos 17 anos	20 anos	Cursando Ensino Superior - Terapia Ocupacional	Ensino Superior Incompleto; Vendedora.	Ensino Médio Completo; Alinhador de Carros;	Auxiliar de Escritório
Bento (Se autodeclarou negro)	Negra	13 aos 16 anos	17 anos	Cursando 3º ano do Ensino Médio	Ensino superior completo; Telemarketing	Ensino Fundamental completo; Porteiro	Estagiário
Luisa (Se autodeclarou negra)	Negra	16 aos 18 anos	20 anos	Ensino Médio Completo	Ensino Fundamental incompleto; Faxineira	Ensino Fundamental incompleto; Pedreiro	Atuou como menor aprendiz em uma empresa à época do Projeto; desempregada
Danilo (Se autodeclarou albino)	Albina	16 aos 18 anos	22 anos	Ensino Médio Completo	Ensino Médio; Trabalha em Produção	Ensino Médio; Soldador	Segurança no Magazine <i>Torra Torra</i> , no centro da cidade

Fonte: ABBAD, Laura Soares (Pesquisa de Campo, 2017).

⁵ Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos (as) jovens entrevistados (as)

As entrevistas foram realizadas em datas e locais sugeridos pelos(as) entrevistados(as), e gravadas em equipamento apropriado⁶. Cada entrevista teve mais de 60 minutos de duração. Diferentes espaços tais como Igreja, residência, faculdade, entre outros, serviram de local para a realização dos diálogos, respeitando sempre o tempo, a disponibilidade e a escolha do(a) entrevistado(a), compreendendo que “o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização” (Bourdieu, 1997, p. 704).

Segundo Martins (2004), no relato do informante a memória orienta a visão que ele tem da experiência vivida e nesse sentido estaria “fazendo *interpretações* e não expondo a *verdade*”. A autora ainda destaca que na nossa relação com o outro, que também é sujeito detentor de conhecimento, não deve haver intenção de direcionamento, pelo contrário, neste processo de contribuir com as interpretações e reflexões do pesquisado sobre sua experiência vivida, há que se,

[...] fornecer um conhecimento que ajude esses sujeitos a se fortalecerem enquanto sujeitos autônomos, capazes de elaborar o seu projeto de classe. Autonomia dos sujeitos pressupõe a liberdade no uso da razão (...). Não cabe ao cientista reforçar ideologias existentes, mas fornecer instrumentos para desvendá-las e superá-las (MARTINS, 2004, p. 296).

Assim como complementa Bourdieu sobre este movimento reflexivo do pesquisado durante o diálogo com o pesquisador, esta é uma ocasião na qual é possível para os entrevistados “construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo” (BOURDIEU, 1997, p. 704).

Quando da ocorrência das entrevistas, ainda atuava na curadoria da Feira do Livro da Fundação, assim, houve o cuidado em expor a cada um dos jovens que tanto a entrevista como a investigação desenvolvida não tinha relação alguma com a FLL ou a Feira do Livro de Ribeirão Preto especificamente. A intenção foi deixá-los (as) à vontade para conceder a entrevista, formular suas narrativas e suspendê-las caso desejassem. Atentou-se, ainda, para o lugar e o papel de pesquisadora que assumia naqueles momentos, de forma a posicionar-me de modo receptivo, acolhedor, porém com uma postura crítica, sem formular juízos, valores ou preconceitos do que estava por vir nos relatos dos jovens. Sobre esta questão ética, Martins (2004) observou que:

⁶ As gravações e transcrições dos diálogos foram por mim realizadas.

[...] os cientistas sociais tendem frequentemente a tomar como objeto de investigação grupos sociais com os quais tem alguma identificação política. Neste caso, temos que estar constantemente alertas, especialmente quando usamos metodologia qualitativa, para que, em vez de cientistas, não nos transformemos em militantes de uma causa ou de um movimento, que olha e procuram entender a realidade não como ela é, mas como gostaríamos que ela fosse (MARTINS, 2004, p. 296).

Neste jogo relacional, o pesquisador “situa-se realmente, numa situação paradoxal: de um lado, ele está implicado *dentro* de um campo de investigação, na relação com o ator social; de outro, ele deve observar *de fora* esta mesma relação” (RANCI, 2005, p. 63; grifos do autor).

Além dos jovens estudantes integrantes do *Immutare*, dialogou-se também com dois (2) educadores sociais (uma mulher e um homem)⁷ e 1 (uma) gestora⁸ da FLL que assumiu a responsabilidade pela implantação, acompanhamento e avaliação dos percursos o Jovens Protagonistas no bairro em que foi concretizado.

Findadas essas etapas do trabalho de investigação, voltou-se à leitura de obras ou textos produzidos nas áreas da sociologia e da educação, de forma a sistematizar e analisar o conjunto de informações e dados obtidos nas diferentes atividades de campo, em especial as narrativas dos jovens-estudantes relacionadas à integração do Jovens Protagonistas, a conformação do *Immutare*. Tais expressões sustentam os desafios que enfrentaram na construção da experiência que construíram no bairro do Quintino Facci II e na cidade, as interações e relações sociais que estabeleceram e as ações que conceberam e realizaram em nome do coletivo e que delas extraíram para fortalecerem seus processos de conquista de autonomia e formação como sujeitos sociais.

A apresentação e análise do conjunto do material levantado, a partir dos diferentes itinerários percorridos na pesquisa, estão representadas em três capítulos.

O primeiro aborda temas da educação não escolar e suas relações com a juventude, de forma a discorrer sobre as iniciativas de projetos sociais desenvolvidos a partir da noção de protagonismo juvenil no contexto brasileiro em décadas recentes. Trabalha-se questões

⁷Em relação aos educadores sociais da FLL, escolhi dialogar com os dois únicos educadores participantes do projeto, e estabeleci questão disparadora para o diálogo, a seguinte indagação: *O que o (a) motivou a participar deste projeto para jovens moradores deste bairro específico, Quintino II?* O roteiro de questões que orientaram o diálogo com os educadores encontra-se no apêndice A.

⁸A integrante da equipe gestora da FLL entrevistada foi a responsável pela ideia e a implementação do “Jovens Protagonistas”. O roteiro da entrevista com essa profissional também contou com uma questão disparadora: *Como surgiu a proposta de desenvolver projetos especificamente para jovens, a partir da Fundação do Livro e Leitura?* O roteiro de questões que orientaram o diálogo a gestora encontra-se no apêndice B.

centrais da investigação e apresenta os aportes teóricos adotados para melhor apreendê-la e compreendê-la no contexto da realidade sociocultural de Ribeirão Preto.

No segundo capítulo realiza-se uma descrição detalhada da Fundação Feira do Livro/Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, do evento cultural Feira do Livro, das razões para a concepção e realização do projeto Jovens Protagonistas – suas intencionalidades e objetivos - os caminhos percorridos pelos responsáveis da FLL para a concretização da iniciativa no bairro do Quintino Facci II e as formas de interação com os jovens estudantes de escolas públicas estaduais inseridas naquele território. Ainda nesta parte, trata-se analiticamente dos tempos e ritmos da experiência que os jovens construíram na comunidade do Quintino, na cidade e em algumas edições da Feira do Livro de Ribeirão Preto.

O terceiro capítulo dedicou-se em explorar analiticamente os relatos dos jovens sobre os sentidos atribuídos à experiência social em que foram atores centrais. Neste sentido, foram abordadas as lógicas que orientaram os jovens-estudantes em relação: às vivências que tinham no interior do bairro antes de se engajarem e participarem do *Jovens Protagonistas*; às orientações por eles adotadas para a adesão ao Projeto e; aos desafios que se depararam para a montagem do “grupo de líderes” proposto pela Fundação e os sentidos da conformação de um coletivo juvenil que denominaram de *Immutare*. Ademais, retrata como os jovens-estudantes se apropriaram da proposição da Fundação para tecerem processos de produção identitária, de subjetivação e conquista de autonomia, bem como as expectativas prévias que tinham em relação ao futuro, e as (re) elaboradas a partir da experiência social que construíram.

Nas considerações finais, prevalecem os principais achados e contribuições de projetos de educação não escolar para a juventude, sobre como os (as) jovens participantes do *Immutare* foram afetados (as) com esta experiência de construção da autonomia para se constituírem enquanto sujeitos, bem como reflexão acerca da educação escolar básica e como ela pode ser repensada a partir desta discussão.

CAPÍTULO 1 PERCURSOS DO ESTUDO: DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E APORTES TEÓRICOS

Em artigo que trata analiticamente do binômio juventude e educação, Sposito (2008) abordou um leque de questões referentes às relações entre a educação escolar dos jovens pertencentes aos setores populares e “empobrecidos” da sociedade brasileira e a educação não escolar a eles destinada, proposta em forma de programas ou projetos, por órgãos do poder público ou organizações da sociedade civil, ou ainda por parcerias envolvendo instituições públicas e organizações não governamentais.

Ao defender a ideia de que não se deve avaliar separadamente a “dimensão escolar e a não escolar” que os jovens se envolvem como se fossem “duas unidades estanques”, pois nas experiências juvenis é bem possível que elas se cruzem e possa ocorrer um entrelaçamento entre elas, Sposito (Id) também formulou uma contundente crítica à educação escolar fundamental, média e superior que os jovens brasileiros têm acessado a partir da década de 1990, pois a expansão das oportunidades de acesso à escolarização que vem ocorrendo no país ao mesmo tempo em que tem garantido o direito de acesso à escola aos segmentos juvenis das camadas populares e pobres, também tem gerado novas formas de “desigualdades”, e ainda um “paradoxo”:

[...] de um lado o forte reconhecimento de que a escolaridade é fundamental e, ao mesmo tempo, a ausência de sentido imediato para essa escola [por parte dos jovens]. Ocorre uma espécie de dialética entre o sentido possível do projeto escolar que se volta para o futuro e a ausência de sentido do tempo escolar presente (SPOSITO, 2008, p. 87).

Quanto às relações dos jovens com a educação não escolar, Sposito (2008) chama a atenção para o fato de que, no país, propostas desse tipo de educação conformam um acervo histórico de experiências e de práticas, que remontam a década de 1960, incluindo iniciativas dos “movimentos de educação ou de cultura popular”, nas quais “os elementos ético-políticos das práticas eram mais fortes e visíveis, traduzidos muitas vezes na ideia da conscientização das massas populares”. (Idib, p. 87)

Atualmente, são perceptíveis alterações nos princípios propostos à educação não escolar, dirigidos a distintos segmentos juvenis, sobretudo aos pobres e marginalmente incluídos na esfera dos direitos da cidadania. São parcialmente influenciados por orientações externas à realidade nacional, a exemplo do “debate europeu” contemporâneo sobre as finalidades desse tipo de educação, mediante o reconhecimento das necessidades de formação

contínua e permanente dos indivíduos no percurso da vida, para além da escolarização, e em virtude do processo de globalização em curso, das acentuadas mudanças do capitalismo, do mundo do trabalho e do emprego, que introduzem “os temas da informação e do conhecimento como variáveis fundantes dos mecanismos da sociabilidade e do poder na contemporaneidade”. (Idib, p. 88).

As relações que estabelecem os jovens brasileiros com a educação não escolar puderam ser evidenciadas em pesquisas que efetuaram balanços quantitativos e qualitativos das ações públicas desenvolvidas por diferentes níveis de governo, dirigidas àqueles indivíduos, a partir da década de 1990⁹. Sposito (2008) chamou a atenção para o aumento de iniciativas públicas de educação não formal para “jovens das classes populares, vinculadas à frequência à escola”, que, fundamentadas em “matrizes conceituais e ideológicas diversificadas, foram valorizadas por organismos internacionais como UNICEF e UNESCO” e induziram “certa concepção de política para jovens pobres, conformando uma espécie de paradigma de ações educativas” para os sujeitos juvenis dos setores populares (Idib, p. 87-88).

O “paradigma” enfatizado pela autora assentou-se em três eixos: um deles impondo a compulsoriedade da participação aos jovens em “projetos educativos”; o outro, prevendo a eles uma “transferência de renda, (...) como um pequeno auxílio mensal”; o terceiro fixando o engajamento dos jovens “em atividades comunitárias” (Idib, p. 89). Sobre o último eixo, a “participação obrigatória”, ela geralmente é defendida a partir de “slogans”, como por exemplo, o “protagonismo”, o “empreendedorismo juvenil”, ou ainda, “em termos mais contemporâneos, a proposta de que os jovens seriam ‘agentes estratégicos do desenvolvimento local’” (Idib, p. 89).

Nas críticas formuladas sobre o trabalho voluntário dos jovens na prestação de serviço à comunidade, Sposito (Id) aponta as formas diferenciadas de como o Estado e as organizações da sociedade civil tratam os jovens das distintas classes sociais, no desenvolvimento de iniciativas que envolvem o “protagonismo juvenil”. As agências ao inserirem no jogo de relações sociais e educativas uma “contrapartida”, àqueles atores coletivos instaura-se o “dever do voluntariado para os jovens pobres, a partir da visão de que o trabalho voluntário que fomentaria a **solidariedade social**”. (Id, p. 92, grifos da autora). Fundada na posição ética de uma solidariedade induzida e seletiva, indaga a pesquisadora:

⁹A respeito, cf: SPOSITO & CARRANO, 2003; SPOSITO & CORROCHANO, 2005; SPOSITO *et al*, 2006.

[...] por que segmentos juvenis de outras classes sociais não estão contemplados no interior dessa ideia? (...) Jovens de classes médias, usuários do sistema público de ensino profissional e universitário, não são alvo de qualquer proposta de contrapartida pelo acesso a serviços públicos educacionais – escolas profissionalizantes e universidades públicas – muito mais dispendiosos do que uma pequena bolsa mensal que remunera os usuários desses programas. Para esses segmentos não se pensa na “obrigatoriedade do trabalho voluntário”; trata-se de mais uma forma de penalização dos jovens pobres? (Id, ib).

Além do tratamento desigual que o Estado e associações da sociedade civil dispensam aos jovens de diferentes classes sociais, há que se considerar ainda o contrassenso presente em documentos oficiais e também de agências internacionais, quando nos deparamos com proposições que defendem a responsabilidade dos jovens por ações de “desenvolvimento local”, ou seja, insiste-se na carga dos jovens pela melhoria da qualidade de vida de suas comunidades, diante da ausência do Estado ou em face de uma ação estatal precária e ineficaz nas áreas da educação, saúde, esporte, lazer, artes e transportes públicos etc. Apela-se para uma “retórica” que apreende os jovens como “em situação de risco e vulnerabilizados” e ao mesmo tempo “atores estratégicos do desenvolvimento local”. Tal discurso acaba por produzir silêncios sobre o fato de que os verdadeiros atores estratégicos de desenvolvimento são as “políticas públicas”, capaz de garantir direitos de cidadania, inclusive o direito de apropriação e uso da cidade (Idib, p. 92).

Autores, como Ferreti *et al* (2004), Castro (2008), Souza (2009) e Tommasi (2014) também se dedicaram a explorar analiticamente as origens dos discursos que dão sustentação a programas ou projetos para jovens das classes populares a partir da noção de protagonismo. Castro (2008) identificou a presença da UNESCO na concepção e execução do Projeto *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*, no Rio de Janeiro, e sobre o discurso do protagonismo juvenil destacou que ele acentua o jovem como “objeto” ou sujeito das iniciativas que ocorrem em determinado meio social, nos quais ele é sempre um “ator central”. (Id, p.2).

Souza (2009) também localizou em impressos e eventos da UNESCO, desde a década de 1980, as origens do discurso sobre o “protagonismo juvenil” e como ele foi apropriado na realidade brasileira principalmente por entidades do chamado “terceiro setor”¹⁰. Para esta pesquisadora, a expressão é “vagamente definida”, pois às vezes ela envolve ações de educação não formal endereçadas à “juventude pobre”, em outros momentos assemelha-se a

¹⁰Tais como a Fundação Odebrecht, Instituto Ayrton Senna, Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania, entre outras.

“método, princípio ou eixo pedagógico que focaliza a atividade dos sujeitos educandos como forma deles superarem uma suposta passividade e transitarem do papel do “mero beneficiário ou depositário de conhecimentos” para a “posição” de participantes ativos. Por vezes ainda, o denominado protagonismo tem por objetivo ressaltar uma “certa capacidade intrínseca ao jovem, a de ser protagonista – ou o ator principal – no desenvolvimento do país, da chamada comunidade” (Ibid, p. 2-4).

Tommasi (2014), ao refletir sobre as concepções normativas sobre a juventude e os jovens no Brasil, chamou a atenção para o fato que eles já foram representados como “problema” – social e etário, mas também “como sujeitos de direitos”. Porém, observa que nas últimas décadas, o enfrentamento da “suposta questão juvenil” não tem se fundamentado na “gramática dos direitos” e em seus pressupostos analíticos, pois o que se impôs na pauta política e nos programas sociais dirigidos por ONGs, fundações empresariais destinados aos segmentos juvenis, foi a assunção da “juventude como solução”. Deste modo, os jovens passariam a ser “parte da solução” no enfrentamento de “problemas sociais”, isto é,

[...] o contraponto da juventude-problema tem sido a ênfase na juventude como *solução*, ideia amplamente difundida no âmbito do chamado *terceiro setor* (...), particularmente entre as fundações empresariais e os projetos de organizações não governamentais (ONGs) financiados por elas. Os jovens seriam, nessa ótica, *parte da solução* para os problemas sociais, ou seja, suas forças, suas energias, seus desejos de transformação e até sua suposta *rebeldia* potencial podem e devem ser ativados e utilizados em prol do desenvolvimento social, da melhoria das condições de vida das *comunidades locais* e do enfrentamento dos problemas sociais, tanto no campo quanto nas cidades (TOMMASI, 2014, p. 536).

O apregoado protagonismo juvenil seria “o emblema dessa representação dos jovens-solução, matriz discursiva, motivação e, tautologicamente, finalidade dos programas sociais acionados pelos governos e pelas organizações sociais”. (Ibid, p. 536).

Além do mais, como alertou Ferretti *et. al.*, (2004), o termo “protagonismo juvenil” atrela-se a outros conceitos e por vezes a compreensão do que cada um significa dentro de um contexto específico, pode se apresentar de um modo um tanto desconexo em alguns trabalhos:

[...] (...) a revisão bibliográfica sobre o tema indica que o ‘protagonismo dos jovens/alunos’ é um conceito passível de diferentes interpretações e, além disso, imbrica outros conceitos igualmente híbridos, como ‘participação’, ‘responsabilidade social’, ‘identidade’, ‘autonomia’ e ‘cidadania’. Nem mesmo a distinção conceitual entre ‘participação’ e ‘protagonismo’ é clara (...) Ou seja, um autor pode-se referir a “protagonismo” em contextos em que outro falaria de “participação”, e vice-versa, havendo, ainda, casos em que as duas expressões são usadas como sinônimos (FERRETTI, et.al, 2004, p. 416).

As referências acionadas evidenciam que na realidade brasileira das últimas décadas, seja pelo chamado terceiro setor ou pelo poder público, firmou-se toda uma gramática em torno dos jovens pobres, que os concebem como “problema-social” ou “sujeitos de direitos”, mas também acentua a compreensão daqueles indivíduos como atores fundamentais e capazes para encontrar respostas adequadas a questões sociais e culturais que marcam os meios urbanos ou rurais degradados, precários, nos quais a pobreza, a miséria e as desigualdades múltiplas modulam o seu cotidiano.

Os autores citados enfatizam o fato de que as instituições estatais e as organizações sociais – internacionais ou nacionais, ao assumirem o denominado protagonismo juvenil para atuarem com jovens pobres, se utilizam de uma retórica ético-política envolvente e sedutora, para que os jovens assumam uma posição e participação ativa em suas localidades para agirem no lugar do Estado, exercendo funções que a este compete diante da garantia de direitos da cidadania moderna e também humanos, sobretudo a partir da Constituição Federal de 1988.

Nos modos contemporâneos das instituições e do mundo adulto operarem com os segmentos jovens das classes populares, também é possível apreender certa perversidade, que reside no fato da falha dos jovens no exercício da “contrapartida”, em suas “ações voluntárias”. Nesse processo educativo que se deseja ativo, se eles não derem conta de um dever que só parcialmente é deles, acabam por tornarem-se publicamente responsáveis pelo desafio de produzirem mudanças sociais e culturais que afetariam positivamente a qualidade de vida e a dignidade dos moradores em geral e a condição juvenil¹¹ em particular, no bairro, região ou cidade em que estão inseridos. Para não serem representados como problemas-sociais, os jovens devem assumir o papel de atores de soluções na conformação de garantias de direitos sociais, civis e políticos de seus pares e, por extensão, dos integrantes das demais gerações de moradores de suas localidades (TOMMASI, 2014).

Ainda que a literatura sobre projetos ou programas direcionados à juventude brasileira, pobre, moradora de bairros das periferias de grandes metrópoles e centros urbanos, fundamentados na noção de “protagonismo juvenil”, apresente um conjunto de críticas

¹¹Ao tomarem por referências textos de Miguel Abad (2003a, 2003b), Schmidt & Durand (2004) recordam as diferenças entre “a condição e a situação juvenil, sendo a primeira, o modo como uma sociedade constitui e significa o momento do ciclo de vida, e a segunda, a situação que traduz os diferentes percursos que estes jovens experimentam com base nos mais diversos recortes: de classe, gênero e etnia.”

contundentes a essa modalidade de iniciativa “pedagógica”¹², considera-se pertinente investigar como os jovens constroem a experiência social no interior de projetos realizados em nome do chamado “protagonismo juvenil” e seus princípios, e os sentidos que eles a ela atribuem em conjuntura histórica em que há uma forte percepção da perda da centralidade da instituição escolar em seus processos de socialização e de conquista de autonomia (SINGLY, 2005; SPOSITO, 2008).

Em outras palavras, esta pesquisa sustenta-se na possibilidade de construção de conhecimentos sobre jovens envolvidos com projeto de educação não escolar, fundado nos princípios do protagonismo jovem, a partir das seguintes questões: como eles constroem uma experiência desta natureza? Que sentidos eles atribuem a experiência que constroem? O que da experiência que eles constroem contribui aos seus processos de autonomia e de formação como sujeito?

Para encontrar respostas, o estudo voltou-se à compreensão da experiência social construída por jovens estudantes ribeirão-pretanos que se envolveram com projeto de incentivo à leitura e formação de novos leitores, formulado e desenvolvido pela Fundação Feira do Livro de Ribeirão Preto, entre 2013-2015.

A proposta da Fundação Feira do Livro de atuar com jovens estudantes moradores de bairro popular de Ribeirão Preto, contém pontos de convergência com projetos ou programas semelhantes, desenvolvidos por organizações públicas e/ou privadas de outras localidades, já investigados por pesquisadores que se dedicam a produção de conhecimentos sobre temas da juventude, dos jovens e de suas relações com a educação não escolar na chave do protagonismo juvenil (FERRETI *et al.*, 2004; CASTRO 2008; SPOSITO, 2008; SOUZA, 2009; TOMMASI, 2014; BOGHOSSIAN & MINAYO, 2009) e, sob aquelas perspectivas, esta pesquisa poderia ser compreendida como “mais do mesmo”.

Contudo, partiu-se da hipótese de que seria possível pesquisar e produzir conhecimento sobre o projeto *Jovens Protagonistas* e suas relações com a educação não escolar ao menos por três eixos: o primeiro, faz menção ao fato de que ele foi gerado e desenvolvido tendo por referências centrais as temáticas cruzadas do acesso ao livro, à leitura e a formação das novas gerações de leitores; o segundo, é que a FFL deliberou por concretizar sua proposta, a partir da conformação e atuação de um agregado de jovens estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas estaduais situadas em bairro da periferia do

¹²Para NOVAES & ALVIM (2014, p. 274), os programas e projetos desenvolvidos na perspectiva do protagonismo juvenil, a partir da “consigna ‘jovem não é problema, é solução’, (...) tratava-se de um ‘protagonismo pedagógico’ que estimulava um papel proativo dos jovens, mas não visava ampliar sua participação social na construção da esfera pública.”

município ribeirão-pretano; o terceiro, e mais importante, relaciona-se ao fato de que estudantes que se interessaram em participar do Projeto, agiram no sentido de se apropriar do agregado concebido pela FFL, lhe nomearam - Coletivo *Immutare*, e se esforçaram por construir uma “identidade coletiva” (REGUILLO, 2000), a partir das relações sociais que estabeleceram com outros atores sociais e instituições existentes no bairro que moravam e na cidade, assumindo a condição de atores que se esforçaram por construir uma experiência social, a partir de lógicas distintas de ação social (DUBET, 1994).

Deste modo, num esforço de imaginação sociológica (MILLS, 1982), interessa menos investigar e construir conhecimento sobre os alcances e desafios do projeto *Jovens Protagonistas*, da FFL, e mais compreender como e o quê os dez (10) jovens do coletivo *Immutare* fizeram ou “criaram” (SIROTA, 2001, p. 19) a partir do que a Fundação e seus educadores sociais fizeram para e com eles, tendo em vista o fortalecimento de seus processos de conquista de autonomia e de formação como sujeitos na fase da juventude.

Por autonomia, entende-se a capacidade que tem o indivíduo “outorgar-se sua própria lei, de formar uma visão de mundo” (SINGLY, 2005, p. 114-50) ou “dar-se orientações para a ação” (MARTUCCELLI, 2007, p. 36), ou ainda “que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida” (FREIRE, 1996, p. 37).

Segundo Martuccelli (2007), a noção de sujeito está relacionada às grandes representações normativas – morais e históricas - que do indivíduo possui uma coletividade. Elas são sempre mais ou menos ideais e por serem múltiplas, as figuras de sujeito são diversas segundo as sociedades, múltiplas e mesmo antagônicas dentro de uma mesma sociedade (Idib, p. 25). Contudo, nesta pesquisa, adotou-se a sugestão de Dayrell (2003) que, em diálogo com Charlot, define o sujeito como sendo:

Um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, *o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (...) O sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.* (DAYRELL, 2003 p. 42-3; grifo meu).

Para avançar na construção desta seção, na sequência, se apresenta os aportes teóricos que fomentaram a apreensão e compreensão da experiência construída pelos jovens do

Immutare no contexto das interações e relações sociais, tecidas no Bairro Quintino Facci II e na cidade de Ribeirão Preto.

1.1 Aportes teóricos usados no estudo

Em *Sociologia da experiência*, Dubet (1994) defende a ideia de que na contemporaneidade é possível constatar a perda de centralidade das noções de sociedade e de “personagem social”, e que um “conjunto social não pode ser definido pela sua homogeneidade cultural e funcional, pelos seus conflitos fulcrais e por movimentos sociais igualmente fulcrais”. Sob tais condições,

[...] os actores e as instituições deixam de ser redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural das condutas; *a subjectividade dos indivíduos e a objectividade do sistema* separam-se. Os movimentos sociais deixaram de ser sustentados pelas ‘leis da História’ e por ‘contradições fulcrais’, *as organizações surgem como construções e não como organismos funcionais, as condutas banais são interpretadas como estratégias e não como realização de papeis.* (DUBET, 1994, p.15; grifo meu).

Para analisar a ação social de indivíduos e coletivos, e os sentidos que ela envolve, em um mundo que se encontra descentrado, em que não se pode apreender sua “homogeneidade cultural e funcional”, Dubet (1994) propõe que a ação do ator seja apreendida por uma noção de médio alcance - a “experiência social”. Ela designa “as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos – diferentes lógicas de sistemas justapostos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade”. (DUBET, 1994, p.15; grifo meu).

De acordo com o autor, a noção de “experiência social” permite esclarecer três características básicas da ação social: a primeira delas diz respeito a “heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas” de indivíduos e coletivos sociais, porque,

[...] tudo se passa como se os actores adoptassem simultaneamente vários pontos de vista, *como se a identidade fosse deles apenas o jogo movediço das identificações, como se outrem fosse alternadamente definido de múltiplas maneiras, aliado e adversário, vizinho e exótico.* Os papeis, as posições sociais e a cultura não bastam já para definir os elementos estáveis da acção porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir de elementos vários da sua vida social e da multiplicidade de orientações que consigo trazem. Assim, *a identidade social não é um ‘ser’, mas um ‘trabalho’.* (DUBET, 1994, p. 15-16, grifo meu).

Outra característica da noção de “experiência social” diz respeito ao afastamento subjetivo que os indivíduos mantêm em suas relações com a objetividade do sistema, situação que permite perceber que os “atores parecem nunca estar plenamente na sua ação, na sua cultura ou nos seus interesses”, e essa distância não se constitui com uma falha, um “defeito” dos processos de socialização (Idib).

Na contemporaneidade, os jovens, os adultos, os movimentos sociais, também os militantes, os professores e os migrantes¹³ vivenciam uma situação comum, suas condutas são marcadas por uma frequente “reserva e uma distância crítica” em relação ao sistema. Tais condutas tornam-se evidente porque os atores não se satisfazem apenas em confirmar sua vida, eles seguem adiante, assumindo uma postura que consiste em discorrer, explicar, justificar suas condutas. Nas circunstâncias e espaço em que se encontram e a partir de suas ações e interações, eles sentem a necessidade de narrar sobre “como constroem as suas práticas e sua experiência num mundo já presente.” (Id, p. 17).

Assim, como o distanciamento crítico e a reflexividade demonstradas pelos atores ocupam dimensões significativas na experiência social, ao pesquisador cabe o trabalho de examinar, numa perspectiva sociológica, o “processo que *define a autonomia dos atores, que faz deles sujeitos*” (Idib, grifo meu).

Complementa esta noção o fato de que a fabricação da “experiência coletiva”, pelos atores, tomar o lugar da “noção de alienação”, central nos estudos de natureza sociológica sobre o poder e as relações de poder, pois,

[...] *não só a dominação social não unifica a experiência social, como também a dispersa mais ainda, como mostram as condutas dos jovens dos subúrbios, sobretudo dos jovens saídos da imigração. Eles vivem em vários mundos ao mesmo tempo, em ‘comunidades’ e numa cultura de massa, na exclusão econômica e numa sociedade de consumo, no racismo e na participação política.... A destruição da sua personalidade é o que está em jogo na experiência deles porque eles conseguem dominar a diversidade das lógicas de ação que os guiam* (DUBET, 1994, p. 18; grifo meu).

Mas, quais são lógicas elementares da ação que se associam na “experiência social”, na concepção de François Dubet (1994)? Ele as define e também as distingue, como sendo as “lógicas” da “integração”, a “estratégica” e a da “subjetivação”. (Idib, p. 19).

Na medida em que se constata a debilidade da “ideia clássica de sociedade”, em que é difícil admitir a existência de um “conjunto social” estruturado marcado por “um princípio de coerência interna”, há que se considerar que a sociedade é estruturada pela sobreposição de

¹³Atores citados por Dubet à página 17.

três tipos de sistema¹⁴: o da “integração” identificado a uma “comunidade”; o de “mercado” ou “vários mercados”, não redutíveis a noção de “mercado econômico”; e o “cultural”, concebido como fruto da “criatividade humana” não tomada de forma mecânica e linear à “tradição e à utilidade”. (DUBET, 1994, p. 113).

A experiência social, portanto, seria o produto da associação das três lógicas da ação que:

[...] cada actor individual ou coletivo, adopta necessariamente [aqueles] três registros da acção que definem simultaneamente uma orientação visada pelo actor e uma maneira de conceber as relações com os outros. (...) Na lógica da integração, o actor define-se pelas pertenças, visa mantê-las ou fortalecê-las, no seio de uma sociedade considerada então como um sistema de integração. Na lógica da estratégia, o actor tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses numa sociedade concebida então ‘como’ um mercado. No registo da subjectividade social, o actor representa-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação (Idib, p. 113, grifo meu).

Ao esclarecer como compreende a “experiência social”, Dubet (1994) nos explica que “essa tipologia da ação” foi inspirada em formulações de Alain Touraine, ou seja, cada uma das lógicas por ele mencionada pode ser analisada a partir de elementos mais simples, que são “os princípios de “Identidade, de Oposição e de Totalidade, nos quais o ator põe em jogo uma definição de si mesmo, da natureza de sua relação com outrem e daquilo que está em jogo nessa relação”. Dubet (id), porém, assume que se acolheu determinadas contribuições de Touraine, delas também se afastou porque entende que as três lógicas são também autônomas e não se conformam necessariamente a partir de uma hierarquia no interior de uma sociedade. Para Dubet (Id), as lógicas da ação social não estabelecem uma relação necessária entre elas, antes, “suas ligações são aleatórias no momento intelectual e social que nos encontramos”. (Idib, p. 114)

A lógica da integração, no plano da ação, corresponde aos “mecanismos de integração” assumidos por qualquer formação social, e tem relação direta com a “identidade” do ator ou do indivíduo, a constituição e oposição entre “Eles e Nós”, os valores e as condutas de crise (Idib, p. 155-120). Na lógica estratégica a identidade do ator, as relações sociais e o

¹⁴Para Dubet (Idib, p. 113-4), “cada uma destas lógicas de ação remete para os elementos que estavam confundidos na ideia clássica de sociedade. Com efeito, a sociedade como Estado-nação tinha a capacidade de articular um mercado e uma cultura, até mesmo a capacidade de os ligar numa comunidade. É porque estes elementos se separam actualmente que é preciso distinguir nitidamente as lógicas da acção às quais eles correspondem. No entanto, qualquer formação social é definida pela co-presença de uma capacidade de integração comunitária, que nos opõem aos ‘outros’, de um sistema de concorrência regulada, e de uma cultura que define a capacidade crítica e a capacidade de ação voluntária”.

que no seu interior está em jogo, são definidos de modo diverso, pois a identidade social pode ser tomada também como um “recurso” no contexto de um “campo concorrencial”, que “não diz respeito apenas às trocas econômicas, mas também ao conjunto das atividades sociais”.

Mas é preciso estender a definição desta forma de identidade social porque, na realidade, ela não se distingue, no seu ‘conteúdo’, da identidade integradora, ela é a realização desta última, a herança e o ‘ser’, *do ponto de vista dos recursos numa relação de concorrência*. Nesta perspectiva, o Ego social funciona como um meio, (...) um “capital”, “num espaço de concorrência e de negociação”. (...) *Ao passo que os ‘motivos’ da ação integradora têm em vista o fortalecimento da pertença, os da ação estratégica são sustentados por uma racionalidade limitada que visa fins concorrenciais*. (...) Nos dois casos, a ‘psicologia abstracta’ dos atores não é a mesma. *A estratégia implica uma racionalidade instrumental, um utilitarismo da própria ação que visa conceder os meios para as finalidades pretendidas nas oportunidades abertas pela situação*. (DUBET, 1994, p. 123, grifo meu).

A lógica estratégica implica a substituição da integração do sistema pela regulação do próprio sistema, dado o imperativo de se manter as regras do jogo de forma que ele possa ser jogado, pois a lógica estratégica tem relações com os interesses dos indivíduos ou atores, “uma condição necessária à prossecução dos objetivos. (...) A ação estratégica mais claramente finalizada não é possível sem o apoio de uma integração mínima. (...) *Sem uma lógica de integração simultânea, a concorrência tornar-se-ia em guerra*” (DUBET, 1994, p. 123-24).

Para Dubet (id), se as lógicas da integração e a estratégica são expressões positivas da ação, a lógica da subjetivação não se manifesta como as anteriores, ela se expressa por via indireta, mediante uma atividade crítica, pois para apreendê-la é necessário ter em conta que o ator não se reduz aos seus “papéis nem aos seus interesses”,

[...] quando ele adopta um ponto de vista diferente do da integração e da estratégia. É uma postura, muitas vezes negada. (...) A atividade crítica, quer seja cognitiva quer seja normativa, supõe a existência de uma lógica cultural pela qual o actor se distingue das outras lógicas. Mas, mal ele tenha adoptado esta posição, logo deixa de a experimentar de maneira positiva e completa para a viver como uma tensão com as outras lógicas da acção. (DUBET, 1994, p. 130).

A lógica da subjetivação é associada à atividade crítica do ator, pela qual ele se diferencia da lógica de integração e estratégica, e quanto a sua identidade esta definida por seu engajamento, “empenhamento em modelos culturais que constroem a representação do

sujeito”, pouco importando se “esse sujeito seja um ‘mito’ ou uma ‘ilusão’, desde que seja socialmente eficaz”. Este engajamento para formular uma representação cultural do sujeito,

[...] é vivido como um inacabamento, como uma ‘paixão’, impossível e desejada que permite descobrir-se como autor de sua própria vida, ainda que seja na amargura ocasionada pela impossibilidade de realizar plenamente esse projecto. A identidade subjectiva mostra-se e experimenta-se de forma indirecta numa ‘teologia negativa’, como carência ou como a dificuldade de realizar a representação cultural do sujeito. Ao passo que o actor da integração é um indivíduo moral, que identifica o bem com o interesse coletivo e como a utilidade de cada um, o sujeito é um actor ético porque não aceita esta identificação. (...) A parte subjectiva da identidade percebe-se tanto no desprendimento como no empenhamento. (...) Ela provoca uma reserva que impede o indivíduo de ser totalmente o seu papel e a sua posição, de ser a sua personagem social. (DUBET, 1994, p. 131).

As relações sociais são percebidas como obstáculos ao reconhecimento e à expressão da subjetividade. O conflito social (...) é a luta contra a alienação; no sentido de impotência, do sentimento de não ser nada mais que o espectador de sua própria vida (WAUTIER, 2003, p.184).

Em consonância com a perspectiva sociológica de considerar a experiência social, buscou-se, através de uma interação dialógica com os jovens entrevistados, que se engajaram no Projeto proposto pela FFL, investigar como eles construíram a experiência proposta pela FFL, a partir das lógicas que estruturam a “experiência social” e o que dela eles extraíram para se tornarem sujeitos juvenis, pois,

[...] a experiência é uma atividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o ‘verificar’, de o *experimental*. A experiência constrói os fenômenos a partir das categorias do entendimento e da razão. Evidentemente, para o sociólogo, estas categorias são, em primeiro lugar, sociais, são ‘formas’ de construção da realidade. Deste ponto de vista, a experiência social não é uma ‘esponja’, uma maneira de incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, mas uma maneira de construir o mundo. (DUBET, 1994 p. 95) (grifos do autor).

Partindo da concepção de que o indivíduo é inacabado, a socialização constante e os atores são mais um processo do que um produto (MARTUCCELLI, 2007). Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa pautou-se nos relatos dos (as) jovens, a partir de perguntas idênticas, com o objetivo de evidenciar as diferenças e pontos em comum nas respostas e especificidades de cada vivência e trajetória construída pelos jovens participantes da proposta da FFL.

Na seção seguinte, apresenta-se a Fundação Feira do Livro - origem, proposta e o Projeto Jovens Protagonistas (surgimento, objetivo inicial e principais atividades desenvolvidas).

CAPÍTULO 2 PROJETO JOVENS PROTAGONISTAS E A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO IMMUTARE EM RIBEIRÃO PRETO

Neste capítulo há a oportunidade de circunscrever a respeito de elementos do contexto social e cultural de Ribeirão Preto em 2012 e 2013, que mobilizaram e serviram de justificativas para a Fundação Feira do Livro - FFL formular e executar um projeto de educação não escolar (SPOSITO, 2008), usando a “metodologia do protagonismo juvenil”, para grupo de estudantes do ensino fundamental e médio, moradores de bairro situado fora do território central do município. Apresenta-se os objetivos iniciais e finais do projeto, os profissionais – educadores – que a entidade contratou para auxiliá-la na operacionalização de sua proposta, a escolha do bairro em que a iniciativa foi desenvolvida entre 2013-2015, o modo como os profissionais escolheram os estudantes para conformarem um “grupo de líderes”. Por fim, se retrata os diferentes momentos vivenciados pelos jovens estudantes e educadores na construção e desenvolvimento daquela experiência social (DUBET, 1994), em diferentes espaços-tempo do bairro Quintino Facci II - o Centro Cultural Quintino Facci II, a Biblioteca Lima Barreto, escolas públicas estaduais, também em distintas edições da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, e em outros lugares da cidade.

Relatos sobre a concepção e execução do Projeto Jovens Protagonistas são referências, sendo estes obtidos por meio de entrevistas realizadas com a gestora da Fundação que contribuiu na elaboração da proposta e com dois (2) profissionais – uma educadora e um educador – que atuaram com os jovens-estudantes. Documentos oficiais e não oficiais sobre a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e suas distintas edições – identificados e recolhidos na *Web* – programações, informações, notícias, entre outros, também foram consultados; além de obras das ciências sociais e educação que contribuíram para expor e interpretar aquele Projeto, as ações e as lógicas dos atores sociais que com ele eram envolvidos no período de sua vigência.

2.1 Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto: acontecimento cultural e festivo

Nas últimas duas décadas, a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto - FNLRP tornou-se uma referência sociocultural e educacional no país. A primeira edição do evento ocorreu no segundo semestre de 2001, na Esplanada do Theatro Pedro II, instalada em região

central e histórica da cidade. Seus principais realizadores foram a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a Câmara Brasileira do Livro¹⁵.

Desde então, a Fundação Feira do Livro - FFL¹⁶ passou a ser a organizadora e executora oficial deste evento que integra o calendário cultural da cidade e do país, pois, além da tematização e divulgação do livro, das práticas de leitura, da presença de intelectuais e autores – nacionais e estrangeiros - de livros considerados relevantes, acompanhados de seus públicos, a comissão organizadora do evento também tem incorporado na programação da Feira, atividades de formação, difusão e fomento nas áreas das artes - música, canto coral, fazer teatral, danças, saraus, exposições de artes visuais, cinema, entre outras expressões culturais, incluindo também a problematização e debate de temas relativos à educação escolar e não escolar, à educação não formal e informal.

Ao assegurar um repertório amplo e variado de manifestações culturais e atividades educacionais de natureza não escolar, desde a sua primeira edição, a FNLRP tornou-se um evento cultural com uma dinâmica social que envolve públicos provenientes de diferentes extrações sociais e econômicas, integrantes de múltiplas gerações etárias e sociohistóricas, indivíduos com diferentes níveis de escolaridade, coletivos e agrupamentos diversos, integrados ou não à cidade de Ribeirão Preto, oriundos de diferentes localidades da região metropolitana nucleada pelo município, atores individuais e coletivos com estilos e gostos culturais variados – erudito, popular, cultura de massas.

Durante quinze dias, em diferentes lugares da região central do tecido urbano da cidade, o público amplo e internamente diferenciado que se integra e participa da Feira, promove encontros e interações sociais similares a uma festa, isto é, entre acontecimentos, episódios e “objetos culturais diversos [que põem] em evidência o caráter socioespacial” daquele evento, em que “envolvem a criação artística ou intelectual, produtos e serviços

¹⁵À época, a gestão do Executivo municipal estava sob a responsabilidade de representante do PT - Partidos dos Trabalhadores –. Documentos não oficiais da FFL declaram que, em 2004, houve iniciativa legislativa, por meio do Projeto de Lei – 1681/2004 de autoria do vereador Cícero Gomes da Silva, votado e aprovado em 9 de novembro, que atribuiu a realização da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto à Fundação Feira do Livro. Em 8 de dezembro de 2004, o Executivo municipal, em gestão de representante do PSDB - Partido da Socialdemocracia Brasileira, vetou o Projeto de Lei 1681/2004. Em sessão ordinária realizada no dia 17 de fevereiro de 2005, a Câmara Municipal de Ribeirão Preto rejeitou o veto total do Prefeito ao Projeto e promulgou a Lei 10.311/2005, autorizando a Fundação Feira do Livro - FFL a realizar a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/educacao-ribeirao-preto-terafeira-nacional-do-livro-para-200-mil-pessoas/>;<https://cm.jusbrasil.com.br/legislacao/683104/lei-10311-05?ref=topic_feed>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁶Fundação de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 2004. Disponível em: <<https://fundacaodolivroeituarp.com/fundacao/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ligados à fruição e à difusão da cultura na cidade, bem como a sociabilidade que a vida urbana impõe”. (SOUZA, 2010, p. 30¹⁷).

Nesse tempo de aglutinação festiva, em que “o conjunto prevalece sobre a unidade” (SOUZA, 2010, p.33), as distâncias sociais, culturais e de poder podem ser momentaneamente suspensas, mas ela não concentra uma força social capaz de eliminar as diferenças e desigualdades vigentes na estrutura socioeconômica da cidade: elas se refletem nos modos como os indivíduos, coletivos e agregados se integram e se apropriam da Feira, demonstrando que o evento não tem sentido e significado únicos aos participantes, pois ela também se estrutura por aquilo que foi denominado de o “Lado B da Feira”¹⁸, dimensão que revela a presença das hierarquias existentes entre os indivíduos que dela usufruem, posicionando-os e distinguindo-os do ponto de vista cultural.

Na edição de 2012¹⁹, a dinâmica dos encontros promovidos pela Feira foi também modulada pela ocorrência de “distúrbios” (CEFAI, 2017), “tumultos” provocados por “outsiders”, os quais, segundo intérpretes, tiveram adolescentes e jovens, moradores de bairros afastados da região central, como atores e vítimas dos atos de “violência” e “depredações”, havendo inclusive confrontos com policiais militares. A imprensa eletrônica e jornais impressos, de abrangência nacional e local, divulgaram os atritos:

Dez pessoas foram presas, incluindo adolescentes, após um tumulto generalizado na noite deste domingo, na 12ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto (...). Entre os presos, segundo a polícia, quatro portavam drogas --maconha e cocaína. De acordo com a polícia, uma briga iniciou o tumulto. Foram danificados um banheiro químico e um estande do Centro Cultural Palace [região central]. Além disso, pedras foram atiradas contra policiais e participantes da Feira e latões de lixo foram jogados para o alto. (UOL/BOL-Folha de S. Paulo, 2012)²⁰

¹⁷Segundo o autor, trata-se do “conceito alongado” da Festa que deriva das contribuições Henri Lefèbvre sobre o tema, sobretudo em sua obra intitulada A produção do espaço.

¹⁸Folha de S. Paulo, *Cotidiano*, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/05/1458614-violencia-e-vandalismo-expoem-lado-b-de-feira-do-livro-de-ribeirao-preto-sp.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2016.

¹⁹Em 2013 e 2014, atos de tumultos, incivildades e violência também marcaram a dinâmica sociocultural da Feira. Cf. Folha de S. Paulo, *Cotidiano*, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/05/1458614-violencia-e-vandalismo-expoem-lado-b-de-feira-do-livro-de-ribeirao-preto-sp.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2016.

²⁰Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/brasil/2012/05/28/tumulto-na-feira-do-livro-de-ribeirao-termina-com-dez-presos.jhtm>>. Acesso em: 19 set. 2016.

Imagens feitas no sábado, por uma moradora do Centro, mostram um tumulto no calçadão depois do show (...), durante a 12ª Feira Nacional do Livro. As imagens mostram garrafas sendo arremessadas contra a polícia, que revidou usando balas de borracha e bombas de efeito moral. (...) Foram quatro carros danificados no sábado e três no domingo, ocorrências que ele atribui à realização da Feira do Livro. ‘Infelizmente, associamos ao evento. Isso é decorrente do pessoal que saiu dos shows’. (G1/GLOBO, 2012)²¹.

Após os confrontos envolvendo adolescentes e PMs em shows da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto (...), a organização do evento decidiu que não haverá apresentações desse tipo na Esplanada do Theatro Pedro 2º. (BOL/Folha de S.Paulo, 2013)²².

2.2 Feira Nacional do Livro: de adolescentes dispersos à jovens protagonistas

Os atritos envolvendo os jovens que usufruíam da Feira, “a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam” (PAIS, 2004, p.14), inclusive com agentes da segurança pública, foram indicados como ocorrências que contribuíram fortemente à formulação e desenvolvimento do projeto intitulado *Jovens Protagonistas*, idealizado “com o intuito de envolver jovens de bairros periféricos da cidade e incentivar a leitura, fomentar a cultura, arte e a educação” (FFLRP, 2013). Porém, relatos de integrante da equipe gestora da Fundação e dos educadores sociais que estiveram à frente do Projeto, trouxeram outros elementos e situações que auxiliam a compreender o contexto mais amplo que levou a Fundação Feira do Livro a executar aquela iniciativa entre 2013 e 2015.

Em 2011, segundo entrevista concedida por gestora daquela Entidade, o coletivo de seus profissionais se preocupou em desenvolver “uma série de ações que estivessem contempladas na programação” da Feira, mais direcionadas e “compatíveis” com “os anseios” do público juvenil, “pois a gente fazia, e tinha, uma programação muito adequada para o público infantil”, “para crianças e adultos”, já os “jovens acabavam ficando sem espaço, acabavam ficando também de forma mais dispersa na Feira, causando muitas vezes uma falta de alinhamento com os objetivos do evento”. (GESTORA FFL).

Nessa direção, em 2011 e 2012, durante a realização do evento, a Fundação concebeu e pôs em movimento um conjunto de atividades visando “atender os interesses” dos segmentos juvenis da cidade, assim como já fazia com crianças e adultos. A iniciativa voltada

²¹Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/06/onibus-sao-depredados-apos-shows-na-feira-do-livro-de-ribeirao-preto.html>>. Acessado em 19 set. 2016.

²²Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/84577-apos-tumultos-feira-do-livro-muda-shows.shtml>. Acessado em 19 set. 2016.

para adolescentes e jovens entre “12 e 19 anos de idade”, nomeada de *Fábrica do Conhecimento*²³, teve a coordenação de um jovem profissional *skatista* e *Master of Ceremony - MC*, vinculado ao Movimento *Hip Hop* da cidade²⁴ (GESTORA FFL), contando com oficinas de formação cultural nas áreas da dança de rua, de *DJ/MC*,²⁵ desenho e pintura, iniciação às artes circenses e fazer teatral, além de eventos de formação com profissionais das áreas do jornalismo e comunicações, da poesia, da literatura juvenil, da língua portuguesa, com representantes de organizações não governamentais que atuam com temáticas socioambientais, referentes a jovens, negros, pobres, moradores em núcleos de favela, e ainda, shows com bandas de diferentes gêneros musicais – de *rock*, *reggae*, samba, entre outros. (FFL, 2011; 2012).

Em 2012, em face dos “tumultos” atribuídos aos adolescentes, tomados como uma “situação problema” (CEFAI, 2017, p.13), a Fundação decidiu desenvolver projetos com duração mais alongada, envolvendo adolescentes e jovens, estudantes ou não, com o propósito educativo de:

Trabalhar durante todo o ano para que quando chegasse à Feira a gente tivesse aí a ajuda deles também, na construção da programação e na construção daquilo que a gente imaginava ser um diálogo saudável, porque nossa intenção nunca foi excluir esse público da Feira e, sim, sempre tivemos o objetivo de trazer esse público prá perto (...) (GESTORA, FFL).

[...] desenvolver um trabalho pedagógico, (...) cujo objetivo primário foi de formar um grupo de jovens protagonistas visando a melhoria da relação jovem-Feira em 2013 (FUNDAÇÃO FEIRA DO LIVRO).

Observa-se a seguir, os caminhos escolhidos pela FFL para desenvolver projeto de educação não escolar com os jovens da Zona Norte da cidade.

2.3 Os objetivos do Projeto *Jovens Protagonistas* e a “metodologia” adotada para concretizá-los

Pelo relato da gestora da Fundação, originalmente, o Projeto não teve como objetivos a formação de jovens leitores mediante o incentivo a práticas de leitura. O “foco inicial” era o de incentivar a “mobilização juvenil” a partir de práticas de formação pedagógica e de

²³ Programação aconteceu nos Estúdios Kaiser de Cinema: situado na região central da cidade, o espaço cultural que também abrigou atividades de contínuas edições da FNL, direcionadas para juventude por meio de oficinas disponíveis para agendamento escolar prévio.

²⁴ Posteriormente, tornar-se-ia educador social do *Jovens Protagonistas*.

²⁵ DJ - Disc Jockey.

conformação de “grupo de líderes”, que “auxiliasse” os agentes culturais da entidade na organização da Feira e na interlocução com os pares que acessassem ao repertório amplo e variado de atividades culturais oferecidos pela Feira do Livro (GESTORA, FFL). Na interpretação do educador social que atuou no Projeto:

Eles [a Fundação] estavam muito, na verdade...assim...querendo desenvolver uma ação por causa da questão da juventude na Feira, né? Da violência que tinha, (...) na Feira a gente tinha problema com o jovem. E aí eles pensaram um projeto prá (...) ser mais inclusivo, prá entender as demandas do jovem, prá de repente levar pra Feira; (...) era mais focado na questão de mobilização da juventude. Não era o livro e a leitura, (...) era mais uma questão de mobilização de juventude, de formação do cidadão, envolver os jovens no exercício da cidadania, a partir de um grupo que trabalhasse junto, coletivamente. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Para a conformação de um “grupo de líderes” composto por jovens, a gestora da Fundação entrevistada, assumiu que defendeu junto à direção da Entidade que o Projeto se fundamentasse na “metodologia do protagonismo juvenil”, por acreditar que auxiliaria “muito [na] função de estimular os jovens” a se questionarem, “questionarem o seu entorno”, levantarem os problemas e, a partir de um diagnóstico inicial, (...) formularem propostas de ações de enfrentamento às resistências e confrontos que a Fundação vivenciava com a presença dos adolescentes dispersos e não afinados com as finalidades e atividades da Feira (GESTORA FFL). Tal perspectiva foi confirmada pela educadora social que atuou na proposta: “eles sabiam que era um grupo de protagonismo juvenil”; “o trabalho do jovem se envolver em uma ação; em uma causa. (...) O protagonismo juvenil é um instrumento, que o mediador utiliza”. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

A partir das diretrizes acima, a Fundação também assumiu o compromisso de que cada jovem que viesse integrar e participar do “grupo de líderes”, acessaria uma “ajuda de custo” no valor de trezentos reais (R\$300,00), para que pudesse se dedicar “de forma mais intensa ao Projeto”, configurando um modo de “convencer” as famílias a liberarem o “horário” de seus filhos”, de forma que eles concretizassem as variadas atividades do Projeto (GESTORA, FFL).

O Jovens Protagonistas então, derivado da inquietação de várias instituições e atores coletivos presentes no tecido social da cidade, em especial de gestores e agentes culturais da FFL, foi concebido a partir da mobilização de diversos modos de se conceber adolescentes e jovens, estudantes e não estudantes, moradores de bairros dos setores populares de Ribeirão Preto: de “ausentes” e “dispersos” em diversas edições da FNLRP, apreendidos como jovens-

problema, passam a “jovens-solução” (NOVAES; ALVIM, 2014, p. 214), possíveis “líderes” e “parceiros potenciais” na elaboração, organização e desenvolvimento do rol de atividades de um dos principais eventos culturais de Ribeirão Preto e do país.

2.4 A equipe de educadores sociais do Projeto

Além da gestora que detinha acumulado saber na realização de projetos baseados na “metodologia do protagonismo juvenil”, a entidade recorreu ao apoio de dois outros profissionais que já a auxiliara em outras iniciativas. Um deles, uma jovem mulher, professora de língua portuguesa no ensino superior e no ensino fundamental, em instituição escolar da rede privada; em seu relato, revelou “nunca ter trabalhado com jovens” e que “também não sabia o que esperar do projeto, Então foi tudo muito construído no passo a passo” (EDUCADORA, Projeto Jovens protagonistas). O outro, jovem *skatista*, *MC*, envolvido com o Movimento *Hip Hop*, que atuou no projeto *Fábrica do Conhecimento*. Além dessa vivência profissional, em sua entrevista, discorreu sobre experiências pregressas como educador social junto a Fundação e outras participações profissionais em ações de arte e cultura com a juventude, jovens em situação de risco, sobretudo com jovens moradores de bairros populares da Zona Norte do município, território em que morara e crescera:

Na Feira do Livro eu já era presente, já trabalhava há uns quatro anos com a Fundação, e também as ações que já tinha feito muito, voltadas pro bairro que eu cresci que foi [Adelino] Simioni, Quintino [Facci] II, Avelino Palma, aquela região da Zona Norte. (...) Era importante o trabalho, no meu bairro. (...) De início tinha esse lado, (...) de estar em um projeto lá. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Se para a educadora a integração profissional ao Projeto esteve associada “mais pela questão pedagógica” e tratou-se de “uma experiência super nova”, pois ela “não sabia o que esperar do Projeto” por não ter trabalhado com jovens, menos ainda com aqueles compreendidos como uma “situação problema”, para o educador, por sua vez, a expectativa era distinta, pois para ele “as questões ligadas com a cultura, (...) no meu bairro” era o mais importante, já possuindo familiaridade com o público.

2.5 A escolha do bairro para se conformar um “grupo de líderes”

De acordo com depoimentos dos profissionais envolvidos com o *Jovens Protagonistas* para definir o bairro ou os bairros da cidade em que o Projeto deveria se concretizar, a Fundação adotou três referências: resultados de levantamentos realizados para conhecer a

procedência dos jovens envolvidos nos “distúrbios” identificados na edição da Feira em 2012, cujos dados apresentava como maioria “adolescentes” provenientes de bairros localizados na zona norte da cidade: “[Adelino] Simioni, Quintino [Facci] II, Avelino Palma”; matéria jornalística publicada por jornal diário de grande circulação no município – *A Cidade* –, que ratificava os dados levantados pela Fundação e explorava, de forma “bem provocativa, (...) essa questão da juventude” (EDUCARDO, Educador social); a terceira relacionou-se ao fato da Fundação contar em seu quadro de profissionais autônomos, com o jovem educador social que coordenara o projeto *Fábrica do Conhecimento* (2011-2013), nascido e morador da região Norte até a adolescência, com acúmulo de conhecimento no trabalho com “jovens em situação de vulnerabilidade” nos bairros identificados pelo levantamento anteriormente mencionado.

(...) a escolha do bairro e tudo foi muito por conta do [educador]. (...) Por ele já conhecer. Já tinha ido no Spinelli²⁶, (...) e [conhecia] jovens do bairro que tinham relação com o Centro Cultural [Quintino Facci II]. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Dados os enquadramentos acima e, sobretudo, a identificação de grande parte dos promotores dos “distúrbios” – a “situação problema” (tinham idades e situações de moradias precisas) na 12ª edição da Feira, a Entidade deliberou por implantar o *Jovens Protagonistas* no Bairro Quintino Facci II. Este, situado em região historicamente marcada por processos de crescimento e urbanização, combina a luta social por moradia mediante a ocupação de terrenos públicos e privados, a constituição de núcleos de favelas, além da intervenção do estado com a construção de moradias populares nos anos de 1990 e o crescimento do movimento de instalação de indústrias de médio e grande porte (VINHAS, 2014).

Resultados de estudo realizado por Vinhas (2014) contribuem para breve caracterização dos territórios escolhidos pela Fundação, permitindo reconhecer a zona norte de Ribeirão Preto como subsetor do município com maior número de bairros; em 2010 contava com uma população juvenil – de 15 a 19 anos de idade – estimada em “24.943” indivíduos, metade do conjunto total de “49.886” jovens do município para aquele intervalo etário. Ainda de acordo com a pesquisadora:

O mapa contendo os índices paulistas de vulnerabilidade social - IPVS, indicava que a maior parte do território que corresponde a região norte, era marcada por alta vulnerabilidade social, sobretudo pela presença de moradias ou de aglomerados subnormais. [Em 2010] a região contava com ‘26 núcleos de favela, correspondendo a 75,5% do número de (...) favelas existentes no município. (VINHAS, 2014, pp. 86-7).

²⁶Escola Estadual Professor Doutor Domingos João Baptista Spinelli.

Quanto ao núcleo do bairro Quintino Facci II e a sua expansão, a partir dos anos 1980, esteve relacionada “a criação de conjuntos habitacionais construídos pela COHAB/SP, (...) ‘sem infraestrutura adequada, o que mobilizou entidades de representação dos moradores a pressionarem o poder municipal, para asfaltar as ruas e melhorar as condições do bairro’”. (VINHAS, 2014, pp. 91).

Entre 2008 e 2012, no Quintino II, o setor municipal da Assistência Social, em parcerias pouco exitosas com escolas públicas estaduais, e a partir dos princípios do “protagonismo juvenil”, desenvolveram atividades de três (3) coletivos do programa federal Projovem Adolescente. (VINHAS, 2014).

O bairro dispõe de um Centro Cultural denominado “Centro Cultural Quintino II”²⁷, de modo que a única informação encontrada sobre este equipamento cultural no site da prefeitura da cidade é seu endereço²⁸.

Entre 2013 e 2015, saraus, feira de trocas, espetáculos teatrais e de dança, oficinas de dança de rua, escultura, aulas de teatro e ballet foram realizadas no Centro Cultural Quintino II por diferentes agentes e instituições culturais, muitas mobilizadas pela parceria instituída pelos jovens do projeto da Fundação. No entanto, ao pesquisar mais informações sobre equipamentos públicos ou não de cultura, não se encontrou menção a quaisquer outros espaços e nem atividades desenvolvidas no Centro Cultural, anteriores ao ano de 2013²⁹. Tal situação permite considerar que ações derivadas da política pública municipal de cultura no território do Quintino Facci II eram irregulares ou episódicas e não derivava de uma agenda permanente de programas, projetos ou ações de formação, criação e difusão cultural.

2.6 Procedimentos adotados para a escolha dos integrantes do “grupo de líderes”

No contexto urbano e sociocultural do Quintino II, no entorno e no interior do Centro Cultural Quintino Facci II e de escolas públicas estaduais ali instaladas, entre 2013 e 2015 a Fundação induziu a configuração do seu “grupo de líderes” juvenis. De acordo com documentos oficiais e relatos dos educadores entrevistados, o “grupo” contou com duas formações de integrantes: os jovens-estudantes que deram início a experiência social proposta no segundo semestre de 2013 e os que a ela se integraram entre 2014-2015.

²⁷ Posteriormente seria a sede para as reuniões e ações culturais desenvolvidas pelos jovens do projeto

²⁸ Disponível em < <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/i14ccult-quintino.php>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁹ Informações obtidas na página do facebook do Centro Cultural Quintino II. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/CentroCulturalQuintinoII/posts/>>. Acesso em: 10 mar. de 2019.

Ainda que a gestora da Fundação em seu relato tenha afirmado que a “seleção” dos primeiros integrantes do “Jovens Protagonistas” tenha ocorrido de “forma espontânea”, mediante a divulgação do Projeto “no bairro, na escola”, os depoimentos dos educadores sociais esclareceram que a identificação dos primeiros integrantes do “grupo” se deu em função de experiências e conhecimento construído pelo jovem educador junto à dinâmica social de determinadas escolas públicas estaduais instaladas em diferentes bairros da zona norte do município. Nos estabelecimentos públicos de ensino conhecidos pelo educador, ele adotou procedimentos que combinaram intuição, diálogo e informalidade:

[...] Eu fui nas escolas e comecei uma conversa geral, assim. Saía conversando com a galera nos intervalos. (...) Eu fui no Moura Lacerda³⁰, no Spinelli³¹ e tinha mais uma do Avelino³². Só que do Avelino não virou muito porque era mais ensino fundamental, [ensino] médio era as outras duas escolas. Daí eu comecei uma conversa com geral na escola, ver quem tinha disponibilidade, quem queria participar de um projeto que de repente era de juventude. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Ao perceber que os procedimentos acima não lhes permitiria atingir o objetivo esperado, o educador passou a interagir e dialogar diretamente com estudantes do ensino médio e formular lhes convite para participarem do *Jovens Protagonistas*: “(...) aí algumas pessoas indicaram: - ‘Ah... fulano acho que gosta’; ‘Num sei quem... acho que tem o perfil’; ‘Ah, eu quero ir, pra ver o que é’, tá ligado? (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas). A partir desses expedientes, dezessete (17) estudantes demonstraram interesse em participar do Projeto e se “encontraram na Fundação; depois, acabaram ficando 10”. “*Então o princípio foi bem assim!*”. (EDUCADORA; EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas; grifo meu).

Durante os dois anos em que o Projeto foi desenvolvido no território selecionado, os integrantes do “grupo” se alteraram, pois alguns estudantes desistiram da experiência, outros se mudaram de bairro ou da cidade. Diante dessas situações, a gestora da Fundação reavaliou os procedimentos adotados à montagem da primeira formação de integrantes do agregado de “líderes”: as escolas continuaram a ser o lugar privilegiado para a busca e seleção de novos aderentes, porém, tornou-se necessário buscar um perfil mais claramente definido de estudantes, o que combinasse as perspectivas do “jovem empreendedor” e do “ativista”:

³⁰Escola Estadual Professor Doutor Oscar de Moura Lacerda, bairro Adelino Simioni.

³¹Escola Estadual Professor Doutor Domingos João Baptista Spinelli, bairro Quintino Facci II.

³²Escola Estadual Getúlio Vargas.

[...] Depois, a gente percebeu que o trabalho mais próximo com a escola trazia jovens com o perfil mais diferenciado. (...) O que a gente percebe nos trabalhos com jovens, principalmente nessa metodologia, que visa muito esse trabalho de iniciativa, de mobilização, de liderança, que o jovem precisa ter um perfil mais empreendedor, né? Um perfil mais ativista e não tão passivo. (GESTORA, FFL).

Dos integrantes da primeira formação do agrupamento, contribuíram com esta pesquisa, tal como descrito na introdução, três (3) estudantes de escolas públicas do ensino médio - Gisele³³ (15 anos), Luisa (16 anos) e um (1) estudante do ensino fundamental público - Bento (13 anos). Dos que se integraram ao Projeto em sua segunda formação, foi possível dialogar com Vanessa (16 anos) e Danilo (16 anos).³⁴

A iniciativa de trabalho com e para os segmentos juvenis da cidade, formatada e desenvolvida pela Fundação, de acordo com a literatura acadêmica, pouco se diferenciou de propostas semelhantes voltadas a jovens pobres, de setores populares, concebidos simultaneamente como “problema e solução” de questões sociais, levadas a efeito por outras organizações da sociedade civil e por diferentes níveis de governo do estado brasileiro – federal, estaduais e municipais, inclusive pela própria Prefeitura Municipal ribeirão-pretana. Neste sentido, não se pode afirmar que a Fundação Feira do Livro no início da segunda década dos anos 2000, tenha concebido e desenvolvido uma ação socializadora e educativa para a juventude com elementos de inovação e criatividade; se inventividade e inovação existiram, estiveram associadas a promoção de iniciativa com público juvenil nos registros do acesso ao livro e as práticas de leitura aos jovens dos setores populares, moradores de bairro da periferia de Ribeirão Preto.

Contudo, como já enfatizado, o trabalho empírico que deu sustentação a esta dissertação teve por foco menos o Projeto “Jovens Protagonistas” e o formato que ele adquiriu no bairro do Quintino Facci II e, se preocupou mais com aquilo que os jovens - que dele participaram – fizeram com o quê o Projeto quis deles e fez com eles (SIROTA, 2001). Se os integrantes foram “selecionados e escolhidos”, eles também atuaram como atores de escolhas ao se integrarem ao Projeto e investirem na construção de uma experiência social em diferentes espaços-tempo de Ribeirão Preto, escolha que lhes impôs desafios de agirem a partir das lógicas da “integração”, da “concorrência” e da “subjetivação”. (DUBET, 1994).

³³ Nomes fictícios para preservar a identidade dos jovens entrevistados

³⁴ Idades que os jovens possuíam ao ingressar no projeto

2.7 Tempos e ritmos da experiência social construída pelos jovens-estudantes: do Jovens Protagonistas ao *Immutare*

A partir das situações e enquadramentos expostos, entre o segundo semestre de 2013 e 2015, educadores e jovens estudantes construíram a experiência proposta pelo Projeto, envolvendo tempos e ritmos combinados de estruturação do “grupo de líderes” em si, atividades de formação de seus integrantes, práticas de produção/criação, intervenção e difusão cultural.

Organizado o agrupamento que concretizaria os objetivos do Jovens Protagonistas, coube a educadores e jovens-estudantes transformarem o “amontoado” pessoas que se voluntariaram e foram selecionados em um “nós”, um grupo concreto, a partir da construção de vínculos sociais rotineiros entre seus membros, do sentimento de pertencimento de cada um deles a um coletivo, da construção de afinidades e interesses comuns, de modo a interagir com outros indivíduos, grupos e instituições, e entrarem no jogo de relações que contribuem a produção de uma identidade. Freire *et al* (1998) observa que pode-se chamar de grupo,

[...] um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes, se reúnem em torno de uma tarefa específica. (...) Num cumprimento de desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo com objetivo mútuo (FREIRE *et al*, 1998).

Neste sentido, uma das primeiras ações dos jovens foi a de atribuírem um nome ao agrupamento de forma a afirmarem que não tinham sido apenas eleitos para participarem do Projeto, mas eram também atores capazes de escolhas, batizando o “nós” de *Immutare*³⁵, palavra de origem latina com significado de “mudança”³⁶.

Segundo uma das jovens entrevistadas que integrou o projeto neste início, a definição por *Immutare* foi reflexo de um processo coletivo no qual “cada um sugeriu (...) vários nomes e cada um que levou um nome explicou o porquê e aí acabou todo mundo escolhendo esse, né (...) como tinha esse projeto de intervenção, de fazer uma mudança.....” (GISELE, jovem participante).

³⁵Ao longo do texto, vamos nos referir ao Projeto da FFL de *Jovens Protagonistas* e de *Immutare* o grupo de jovens-estudantes que forjaram a experiência social no âmbito do bairro Quintino Facci II e demais territórios da cidade.

³⁶Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/imute/>>. Acesso em: 11 mar. de 2019

2.8 Quadros formativos oferecidos aos integrantes do *Immutare*

No que diz respeito às atividades formativas dos integrantes do *Immutare*, uma das perspectivas adotadas foi a de envolvê-los em práticas educativas tendo por referências os princípios do “protagonismo juvenil”, associados às noções de democracia, coletividade e cidadania³⁷; outra foi a de atender a demandas dos próprios jovens de acessarem arranjos formativos relacionados a determinadas linguagens e “conteúdos artísticos”, como a do fazer teatral –“como uma forma deles conseguirem se expressar melhor em público, para que eles tivessem essa habilidade também” (GESTORA, FFL).

Dois outros quadros formativos a eles oferecidos foram a “oficina” de elaboração de *fanzine*³⁸ e a produção de um documentário com o objetivo abordar a temática de práticas de incivildades e violências que ocorrem no ambiente de uma imaginária instituição escolar.

Para oficina de elaboração de *fanzine*, os jovens contaram com a colaboração de um “repórter” que se dispôs a contribuir com seus processos de formação e de expressão na área da produção literária (GESTORA, FFL), mediante a interação e diálogo com o repertório de produção da contracultura. (ROSSETTI; SANTORO JÚNIOR, 2014; LOURENÇO, 2006).

Nas duas edições do impresso que elaboraram e fizeram circular na cidade, os jovens se apresentaram individualmente, divulgaram a identidade do “nós” que construíram e declaravam pertencimento e publicidade a elementos da história do Centro Cultural Quintino Facci II e de sua biblioteca, com ênfase nos variados modos como organizações do mundo adulto ocuparam e trataram publicamente aqueles territórios de cultura no bairro – a Prefeitura e uma escola de samba da cidade. Ademais, discorreram sobre a importância de uma produção literária “marginal” como o *fanzine* e focalizaram também duas formas de expressões artísticas de protesto e resistência, predominantemente juvenis, que envolvem a

³⁷Momento em que interagiram e dialogaram com o jornalista Gilberto Dimenstein.

³⁸ Rossetti & Santoro Júnior (2014, p. 63) observaram que “*Fanzine* é um neologismo formado pela contração das palavras inglesas *Fanatic* e *Magazine*, que foi criado em 1941, por Russ Chauvenet, em português o sentido seria algo como: revistas de fãs, que são publicações amadoras, produzidas por fãs e destinadas aos fãs de algum tipo de expressão artística, os primeiros *fanzines* surgiram nos Estados Unidos, na década de 30, com autores de ficção científica, era a única forma de jovens artistas publicarem seus trabalhos, que eram classificados como subcultura, ou sublitteratura”.

Lourenço (2006, p. 2) esclarece que um *fanzine* ou *zine*, como produção impressa, “utiliza técnicas de edição, editoração, diagramação, impressão e distribuição e, às vezes, até publicidade, embora não trabalhe com a mesma formalidade, nem pretensões editoriais dos grandes meios de comunicação de imprensa.” A autora chama a atenção, ainda, para uma importante característica do *fanzine*: ele “é atitude, estilo de vida (...), é prazer em publicar que nada tem a ver com obrigações e prazos, injustos das grandes redações, é posicionamento diante do hermético mercado editorial nacional, da mórbida rotina de indiferença que reina nas grandes cidades, diante do ritmo do tempo da produtividade. (...) *Fanzine* é (...) uma ação de alguém criando uma situação de mídia na qual não se pretende fazer jornalismo, nem treinamento para se ingressar na grande imprensa, mas agir no ambiente social aqui e agora. É uma via de acesso ao que parece interessar realmente aos editores: experimentar situações de vida que consigam ir além da simples antipatia teórica contra as instituições fixas como o Estado, a educação, a política, a família, a religião, etc”.

apropriação e uso de lugares, áreas e equipamentos públicos e privados situados em territórios centrais e periféricos do espaço urbano: a pixação e o grafite (BARBOSA, 2010).

Figura 1 – Fanzine *Immutare/Os Protagonistas*: Centro Cultural Quinto Facci II.



Fonte: Arquivo pessoal de jovem participante (2013).

Figura 2 - Fanzine *Immutare/Os Protagonistas*: Centro Cultural Quinto Facci II



Fonte: Arquivo pessoal de jovem participante (2013).

No caso da oficina de produção de documentário que adotou como referência livro publicado por docente da área da psicologia social da FFCLRP-USP³⁹, segundo depoimentos da gestora e educadora, a proposta atendia a três finalidades: formar os jovens na prática cultural de expressão audiovisual; incentivar que realizassem um diagnóstico das demandas culturais indicadas por moradores do bairro, que deveriam ser incorporadas e figurar na agenda do Centro Cultural; apresentar aos jovens a oficina de audiovisual como uma perspectiva de ocupação profissional.

[...] a gente usou essa linguagem pra que eles pudessem levantar os problemas, as questões, né? E fazer isso de uma forma mais lúdica e mais atrativa pra eles e não simplesmente uma pesquisa. (GESTORA, FFL).

[...] na época, a gente optou por essa linguagem por ser uma linguagem que pode ser passada em outros lugares, pra que eles se apropriassem de uma nova perspectiva até profissional. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Entretanto, segundo os educadores, no caso dessa proposta educativa, os jovens se mostraram inquietos com o papel de coadjuvantes que lhes foi imposto, se sentiram em posição de subalternidade nos processos de concepção e elaboração do documentário, na medida em que viram ameaçadas a “autonomia” que vinham conquistando e a “liberdade de expressão” que já começavam disputar e experimentar. Ao reconhecerem que a experiência que construíam também implicava processos que incluíam uma lógica de concorrência e que incidia diretamente nos processos de produção da identidade do coletivo e de subjetivação individual que vivenciavam (DUBET, 1994), passaram a questionar os sentidos que julgavam predominantes naquela ação:

³⁹Oficina audiovisual interativa: provendo inclusão sociocultural. O documentário tem o título de *5ª F*, e foi baseado no capítulo 3 do livro de Sérgio Kodato, *O Brasil fugiu da escola*, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEUHz9Ko9pM&fbclid=IwAR1pMnS1rtAMDXW1F37801F7ufyRF_xIxyuk2dBHXZB1EIY5JHleM50ZqSU>. Acesso em: 15 jan.2019.

Não era uma oficina construída; eles se sentiram usados. Tinha um roteiro... tal pessoa ia fazer tal coisa, já tinha as falas e tudo mais... Eles questionavam: - ‘a coisa já estava pré-determinada’. Eles queriam mandar uma carta; (...) foi mandada uma carta. Falando do desrespeito, até do release da oficina que dizia uma coisa, mas que não era aquilo que tinha acontecido. E aí eles se posicionaram! (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Foi uma das coisas mais frustrantes que a gente teve ao longo do projeto a princípio seria uma oficina. Uma oficina de audiovisual e a gente chegou lá, e a gente não aprendeu a fazer um curta, entende? A gente não aprendeu a fazer algo do tipo. A gente não aprendeu a fazer nada! A gente simplesmente foi direcionado pra isso, entende? Mas foi uma das experiências mais fantásticas que a gente teve de reivindicar alguma coisa. Porque pô, a gente queria aprender a fazer, a gente não queria só fazer! (BENTO, Jovem participante).

Entretanto, mesmo com o incômodo que sentiram em serem tomados mais como reprodutores de uma produção cultural e menos como seus criadores, os jovens dela participaram até chegarem ao produto planejado e a difusão do documentário em diferentes espaços da cidade. Assim, agiram de modo a fortalecer a construção do coletivo *Immutare* e deram visibilidade pública à identidade do grupo e às suas ações por intermédio de uma atividade que envolvia, simultaneamente, os planos da formação, informação e difusão cultural.

2.9 A presença e os sentidos das ações do *Immutare* no Quintino Facci II e em equipamentos públicos

Simultâneo aos quadros formativos e de produção cultural em prática, desde 2013, os jovens passaram ao plano das intervenções culturais no bairro, percorrendo três eixos: diagnóstico das demandas por atividades culturais da comunidade do Quintino; desenvolvimento de ações pontuais no entorno e no Centro Cultural; e revitalização da Biblioteca Lima Barreto.

O diagnóstico das demandas culturais do Bairro, além de se vincular a elaboração do documentário já mencionado, também tinha por sentido seguir a “própria metodologia do protagonismo juvenil”, visando “estimular os jovens que se questionem; questionem o seu entorno, observem seu entorno, levante os problemas e a partir desse diagnóstico inicial, consigam propor ações para resolver esses problemas”. (GESTORA, FFL).

Segundo a educadora social, em 2013, o Centro Cultural do Quintino e sua Biblioteca, equipamentos de responsabilidade da Prefeitura Municipal, não contavam com agenda pública de atividades culturais e os espaços não eram acessados e usados pela comunidade: o “centro (...) estava relativamente ocioso, não tinha atividades, o pessoal não frequentava. A gente imaginou que (...) começando o trabalho ali no centro cultural, a gente ia conseguir uma força maior”. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Assim, o *Immutare* pôs-se a divulgar as potencialidades inerentes àqueles equipamentos culturais como forma de “reativar”, incentivar o uso e apropriação pela comunidade, tendo em vista o descaso da Prefeitura na elaboração e manutenção de uma agenda constante de atividades artístico-culturais e de incentivo a práticas de leitura.

Diante da situação em que se encontravam aqueles espaços, os jovens do *Immutare*, ampliaram as formas de intervenção no bairro, realizando atividades relacionadas ao projeto público municipal *Vamos Arborizar Ribeirão*⁴⁰ – *plante uma árvore*, passando a incentivar, com regularidade, a ocorrência de saraus “para a juventude”, mediante a recepção de grupo que se ocupa e difunde “linguagens e estética negra - o *Sarau Preto*”, atividade conduzida em parceria com o Coletivo Abayomi: “num sábado à tarde, pra chamar o público”⁴¹. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Com as atuações citadas anteriormente, os jovens expandiram o repertório de ações do *Immutare* ao assumirem a responsabilidade pela recuperação e “revitalização” do espaço físico do Centro Cultural e de sua Biblioteca pública – “de 2013 até final de 2014, a gente revitalizou o Centro Cultural”. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

No registro da revitalização daqueles equipamentos municipais, os jovens agiram no sentido de recuperar as instalações físicas da Biblioteca, mediante a pintura do prédio, a troca de portas, de cadeiras e mesas, bem como intervindo no acervo bibliográfico do ambiente - “catalogação e disposição dos livros por gênero literário, organização de documentos para registro da frequência e empréstimos dos livros”. (FFL, Revista Entre Nós, p. 17).

Apesar de o Coletivo ter solicitado o apoio financeiro e de materiais à Administração Municipal para revitalizar os equipamentos públicos, as respostas da Prefeitura se restringiram aos planos das intencionalidades e promessas. No entanto, o mesmo não ocorreu

⁴⁰Disponível em: <<http://www.cidadederibeiraopreto.com.br/noticia2635-vamos-arborizar-ribeirao-quer-plantar-11-mil-mudas-de-arvores.html>>. Acesso em: 14 jan. de 2019

⁴¹“Organização negra de Ribeirão Preto”. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoAbayomi/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 14 jan. de 2019. À época o Sarau era realizado no primeiro sábado de cada mês.

por parte dos representantes do setor comercial do bairro, que efetivamente se revelaram parceiros e solidários:

A gente comprou material, (...) a gente conseguiu pintar o centro cultural... O comércio da comunidade ajudou: (...) ganhamos 10 computadores, (...) conseguimos os computadores, conseguimos a fiação, (...) tudo de forma particular, tudo por ofício a particulares. (...) E nada foi da Prefeitura: porque foi pedido, a gente mandava ofício. (...) A prefeitura alegou que não tinha dinheiro pra comprar fiação para montar [os computadores]. A gente comprou as coisas e aí a Prefeitura disse: - ‘quando tiverem comprado tudo, a gente libera a pessoa pra ir fazer a montagem...o electricista’. Não mandaram! (...) Chegou ao ponto da Prefeitura dizer: ‘a gente não tem verba’(EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Para dinamizar a ação cultural em torno do acesso ao livro e ao fomento de práticas de leitura na Biblioteca, o coletivo estabeleceu interações e parcerias com reconhecidas entidades de escritores da cidade, a fim de coletar livros de temáticas variadas. Dentre as instituições públicas e privadas que interagiram tem-se a Academia Ribeirãopretana de Letras, Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto, Casa do Poeta, União Estadual dos Escritores (subsede RP), Fundação Instituto do Livro, Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais - IPCCIC⁴².

Em paralelo a essas atividades, o coletivo se dedicou à divulgação do equipamento público e seu acervo para estudantes e professores das duas escolas públicas estaduais instaladas no bairro.

Com a revitalização do Centro Cultural, o próximo passo dos educadores e do Coletivo, direcionou-se a oferecer processos de formação cultural e literária a públicos distintos do bairro.

Em 2014, os modos de agir do *Immutare* na comunidade do Quintino e em seus equipamentos culturais se expandiram para outros territórios do bairro e da cidade, quando a experiência foi contemplada e reconhecida pela Fundação Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura: premiação em recursos monetários, no âmbito do edital *Leitura para Todos*.

Com reconhecimento social e visibilidade pública, o Coletivo, com o apoio de educadores, agiu no sentido de ampliar e diversificar as “oficinas” de leitura e formação artística, incluindo propostas formativas no âmbito da dança, do fazer teatral e da música: “(...) aí a gente começou a ligar mais uma coisa na outra”. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

⁴²Tais atividades foram desenvolvidas de 2013 a 2014.

No registro da formação cultural, os jovens ampliaram a rede de colaboradores e parcerias com associações culturais presentes na cidade: no âmbito da música e de fazer teatral, com o *Projeto Kabuki*⁴³ e *Cia Teatral Valeu a Brincadeira*⁴⁴; no cenário dos temas e questões socioambientais, com a *Associação Cultural e Ecológica Pau Brasil*⁴⁵.

Ao avaliar a experiência desenvolvida pelo *Immutare*, a educadora deu especial destaque a esse momento da vivência do Coletivo no bairro do Quintino, pois ele diz respeito à conquista de uma possibilidade de financiamento das ações que o Coletivo se propunha a realizar: “quando a gente ganhou o prêmio, a gente continuou revitalizando o Centro Cultural; em 2015, (...) houve um monte de oficinas realizadas no Centro Cultural⁴⁶, (...) foi o ano que mais teve coisas no Centro (...), porque todas as ações que a gente fez, foi com o dinheiro desse prêmio, que era voltado prá leitura...” (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

A experiência construída pelo *Immutare* no interior da comunidade do Quintino Facci II e seus equipamentos, permitiu que o agregado inicial de jovens-estudantes que atenderam ao chamado da FFL se convertesse paulatinamente em um grupo concreto, com capacidade de ação no bairro e na cidade. Assim, o *Immutare* se fortalecia na arena pública local, conquistava autonomia, o que lhes permitiram interpelar e questionar publicamente o papel, a função e a inação do setor público municipal da Cultura no interior do bairro. Com tais movimentos, o Coletivo estabeleceu relações marcadas por tensões e conflitos com o Executivo municipal, na medida em que conseguiam distinguir com mais clareza o que “era uma política pública” e o que era o contexto de uma “campanha eleitoral”, e a partir das percepções que construíam “começaram a questionar as formas de agir da Secretaria da Cultura” e seu Secretário no bairro:

⁴³Vinculado a Associação de Cultural Quarteto de Cordas de Ribeirão Preto – ACQUARP, desenvolve atividades de formação e difusão nas áreas da música, dança e teatro. Disponível em: <<http://acquarp2.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

⁴⁴Associada ao Projeto Kabuki, desde 2011, realiza espetáculos para todos os públicos da cidade e desenvolve propostas de iniciação cultural com crianças e adolescentes da comunidade, nas áreas da música, teatro, dança, entre outras. Disponível em: <<http://projetokabuki.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

⁴⁵Constituída em 1998, tem por “missão” defender, preservar e restaurar o “patrimônio cultural, histórico, ambiental e ecológico brasileiro”. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/acepaubrasil/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 12 dez. 2018.

⁴⁶As oficinas de leitura para integrantes da comunidade, eram oferecidas uma vez por semana, com duas horas de duração cada, divididas entre público infantil (6 a 12 anos), adolescente (13 a 19 anos) e jovens e adultos (acima de 20 anos), com 25 vagas cada uma. Além das oficinas, uma vez por mês, ocorriam *Saraus de Literatura Marginal* – denominado Sarau Preto com o intuito de incentivar novos escritores e a produção local.

Tinha situações que eles já não admitiam mais o secretário fazer, né? O Secretário da Cultura foi lá [na Fundação], e reclamou, falou que a gente estava colocando os jovens contra ele. O Projeto estava colocando os jovens contra ele. (...) Com todas as letras, falou com o [presidente da Fundação]: – ‘Eu quero que corta o Projeto; eles estão colocando os jovens contra mim, eu não posso mais fazer as coisas lá, que eu fazia antes’. (EDUCADORA; EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Dada postura ambivalente do representante da Prefeitura Municipal, que ao mesmo tempo em que reconhecia qualidade da experiência social e pública do *Immutare* no Quintino Facci II sentia-se ameaçado, a direção da FFL, por sua vez, foi assertiva e cerceadora quanto aos avanços dos processos de autonomia e de subjetivação dos integrantes e do próprio coletivo: deliberou pela continuidade do Projeto e as ações do Coletivo, mas aconselhou os educadores: “o projeto está dando certo, (...) só não vai pro embate, não se expõe, continua trabalhando!”.

Ao discorrer sobre a situação de embate político acima, o educador também destacou ainda mais os sentidos da experiência que os jovens estavam construindo: “mas isso era os jovens, não era nós! É que eles começaram a entender o papel deles como cidadãos, como funcionava (...) o poder público, (...) a escola, (...) a família.” (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

2.10 A escolha do Coletivo *Immutare* em agir nas escolas do bairro

De acordo com os depoimentos dos educadores do Jovens Protagonistas, a partir de 2015, na medida em que o grupo de jovens estudantes passou a agir como um Coletivo, com interesses e objetivos comuns, atendendo não apenas aos propósitos da FFL, mas também às próprias aspirações, com reconhecimento público, os jovens demandaram que suas ações se estendessem também para o interior das escolas públicas estaduais situadas na região em que atuavam, para que também pudessem interagir e dialogar com os pares e tentar convencê-los à se integrar à experiência que teciam no Quintino:

Eles acharam tão legal trabalhar no centro cultural que eles pediram pra gente ir na escola que estudavam, pra convidar novos jovens, aí que fizemos uma parceria com a secretaria de educação que nos ofereceu 4 escolas da zona Norte”. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas)

[...] chegou uma época que a gente tinha que atuar na escola e ficamos conhecidos pelos professores e diretores e eles comentavam que nunca, em aula nenhuma os alunos faziam tanto silêncio como quando a gente estava falando. Nunca, nunca! (LUISA, Jovem participante).

Entretanto, antevendo possíveis desafios que poderiam emergir nesse deslocamento para as escolas, os jovens demandaram o suporte dos educadores no sentido de pavimentarem os caminhos para a interlocução com os gestores das escolas públicas, em especial para atuarem junto aos grêmios estudantis:

[...] Quando eles começaram a se atentar para as questões que eram do Centro Cultural, eles começaram a entender também como funcionava a escola. Tipo: - ‘Ah...a gente queria que vocês ajudassem a gente a resolver coisa do grêmio...’ Mas a sociedade atual não acredita no jovem, então é importante, no princípio, ter um adulto... Então, eles queriam que a gente fosse lá pra ajudar a dialogar. [...] Saber como dialogar com isso e, como em meio a isso, realizar o que fosse necessário. Quem levou a gente pra escola, foram eles [os jovens]. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Como conversar com o diretor, como fazer o diretor passar a respeitar o jovem dentro da escola (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Uma das ações do *Immutare* que merece destaque foi a que combinou a ação cultural com uma ação de natureza política de participação, envolvendo um grêmio escolar de estabelecimento público de ensino fundamental e médio da região.

Neste caso, dispensaram o apoio dos educadores, agiram por conta e risco e vivenciaram um atrito com a direção da instituição escolar, que os impediu de participarem das eleições, segundo os educadores:

Por exemplo, no Spinelli, a gente fez um trabalho de grêmio.... Um dia que a gente não foi, eles [a direção da escola] fizeram a eleição do nada. (...) Deram o golpe! (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).
Eles tiraram uma turma, disseram: ‘Ah...vocês não podem disputar’. Então, eles nos ensinam a democracia, né? (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

A escolha feita pelo *Immutare*, no sentido de agir diretamente nas escolas da região norte e também buscar novos pares para ampliar o Coletivo, foi realizada com mudanças induzidas pela FFL, uma vez que a garantia da “ajuda de custo” aos jovens-estudantes nesse momento foi sumariamente suspensa.

Segundo a gestora da entidade, se no primeiro ano do Projeto o “apoio” monetário era concebido como um incentivo e forma de liberar o jovem para engajar-se no *Jovens Protagonistas*, com o tempo tal posição foi reavaliada pela Fundação e compreendida menos como um estímulo e mais como um “ônus”, pois os jovens atribuíam à ajuda de custo sentidos diversos do preconizado pela Fundação:

Depois a gente percebeu que isso [a ajuda de custo] também tinha seu ônus. (...) De alguma forma, muitos acabaram vendo ali como uma fonte de renda e não era o objetivo do Projeto. O objetivo (...) era realmente que essa ajuda de custo fizesse com que eles tivessem uma dedicação mais intensa em relação ao projeto, e depois, (...) a gente percebeu que talvez essa ajuda de custo, uma vez que o projeto foi pra dentro da escola, (...) pudesse ser direcionada pra outros fins, né? (GESTORA, FFL).

A deliberação da Fundação quanto ao corte da ajuda de custo aos jovens do *Immutare*, foi vista e avaliada com reservas pelos educadores que com eles atuavam:

Foi uma coisa que foi no processo do Projeto, mudou-se a ideia... Quando os meninos foram convidados na primeira vez, já foi colocado que eles ganhariam uma bolsa e tal. (...) Depois a gente se deu conta que não era essa a ideia e que talvez o Projeto podia ser feito dentro da escola. Apesar de eles terem achado importante esse auxílio (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

Olha, foi um aprendizado pros educadores, também. Porque num segundo momento, a gente não falava da bolsa, falava só depois, diminuimos o valor. Mas foi tudo muito questionado. (...) Eu acho que era falta de recursos e porque a gente queria dobrar o número de jovens. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Com a posição adotada pela Fundação em se livrar do “ônus” da ajuda de custo aos integrantes do *Immutare*, os gestores da entidade não se atentaram para a possibilidade de que aquele apoio financeiro, ao contribuir com os processos de independência financeira dos jovens participantes do Projeto, poderia também fortalecer seus processos de subjetivação, de conquista de autonomia, pois tal como observou Sposito e Corrochano (2005):

Grande parte dos gestores consideram que, para romper com a idéia da filantropia ou do assistencialismo, as iniciativas de transferência de renda demandam do indivíduo ações que estimulem seu engajamento ativo, eliminando riscos de sujeição ou atitudes de “dependência” em relação ao Estado. No entanto, há algumas décadas a idéia de uma renda assegurada pelo Estado aos cidadãos tem envolvido pressupostos e orientações diversos, constituindo, nas diferentes versões, modos de concepção do sistema de proteção e de direitos tendo em vista o papel fundamental do Estado no fomento da justiça e na atenuação das desigualdades sociais acentuadas com a crise do mundo do trabalho e do emprego assalariado. (SPOSITO e CORROCHANO, 2005, p. 160)

Mesmo com a suspensão da ajuda de custo, os jovens não deixaram de investir na continuidade da experiência, dando continuidade às atividades, sobretudo no interior das

escolas públicas estaduais da região norte. Entretanto, em 2016, em decisão unilateral, a FFL percorreu caminho oposto e descontinuou o Projeto.

2.11 As ações do *Immutare* no âmbito das edições da Feira do Livro

Se até 2012 os organizadores e programadores da agenda cultural das recorrentes edições da Feira Nacional do Livro tinham como foco principal o público infantil e adulto, conforme depoimento concedido pela gestora da Fundação, a edição do evento de 2014 deixou evidente uma preocupação mais incisiva de seus planejadores em contemplar possíveis interesses e demandas do público jovem em sua diversidade. Documentos oficiais da Entidade demonstram naquele ano modos diferenciados dos organizadores da Feira apreenderem e valorizarem a juventude, garantindo espaço aos jovens e às “culturas juvenis” no interior de um dos principais acontecimentos culturais da cidade:

Para a organização da Feira, o objetivo é pensar os jovens como sujeitos do evento, atores sociais que deixarão suas marcas, construindo identidades e pertencimentos a partir do consumo e da produção das diferentes manifestações da cultura juvenil: suas músicas, danças, modas, imagens e textos. (FFL, Revista Entre Nós, 2014, p.13)⁴⁷.

Em consonância com a declaração anterior, os organizadores da Feira se propuseram a assegurar debates de maneira que a “voz dos jovens” e suas culturas fossem ouvidas e vistas não apenas durante a atividade festiva, mas durante o ano todo e em outros espaços e tempos da cidade, de forma que suas manifestações encontrassem “formas de canalização durante o evento e, se possível, a partir daí, em outros espaços de cultura, revitalizando-os e possibilitando que seus efeitos se prolonguem por outros equipamentos culturais com o potencial de inserir o jovem no contexto da cidade como sujeito de cultura.” (FFL, Revista Entre nós, 2014, p.5).

A partir do cenário apresentado, o *Immutare* envolveu-se ativamente na conformação da programação juvenil da 14ª edição da Feira, assumindo papel de mediadores de atividades culturais voltadas exclusivamente aos pares, tais como atividades artísticas com artistas adolescentes por eles convidados, a montagem de uma rádio com transmissão de músicas e entrevistas com escritores presentes no evento, batalhas de *MCs*, equipamentos para prática de

⁴⁷ Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/b1bc65_4b7bb11b6a2745f385a150829d0286f7.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

esporte (mini quadra de basquete com acesso e adaptações para cadeirantes e mini rampa de skate), e a realização de um *Salão de Ideias* para mais de 300 (trezentos) alunos da rede pública, organizado na sala principal do Theatro Pedro II, para falarem do projeto e das ações que concretizavam em diferentes espaços-tempo da cidade.

A gente teve uma repercussão grande também na própria Feira do Livro, né? Promovemos salões de ideias com esses jovens pra que eles pudessem relatar... eu acho que a própria formação dos educadores também foi um desdobramento do Projeto (GESTORA, FFL).

Estava lotado! Tinha várias escolas. A escola que a gente estudava! O pessoal foi. As escolas do centro... apareceu bastante gente. A gente não pensava que ia aparecer tanta gente, mas apareceu (...) Todas as escolas. Eles nos procuravam. Porque eles viam que estava acontecendo alguma coisa, né? Na escola que a gente estudava tinha muita gente de talento...acho que em todas as escolas, então o pessoal cantava, tocava, tinha gente que dançava, que grafitava, então a gente queria eles. E queria o pessoal que dava trabalho também! Então eles começavam a procurar a gente pra participar, pra tá junto ou porque via a gente como um referencial e queria tá perto, sabe? Queria saber o que acontecia. Era o máximo! (LUISA, 20 anos).

Ao se tomar o conjunto de intencionalidades e as ações que deram substância a experiência dos integrantes do *Immutare/Jovens Protagonistas* em diferentes territórios da região norte do município e nos contextos de sucessivas edições da Feira do Livro, pode-se entender que os jovens-estudantes incorporados à iniciativa proposta pela Fundação, desenvolveram um conjunto de ações similares às de uma política pública⁴⁸ do setor da

⁴⁸Entendo que as atividades desenvolvidas pelo *Immutare* guardam com as atividades pertinentes a de uma política pública de cultura, porque Sposito & Carrano (2003, p. 17) observaram que, em perspectiva mais ampla, “a ideia de políticas públicas está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolve uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Ela não se reduz à implantação de serviços, pois engloba projetos de natureza ético-política e compreende níveis diversos de relações entre o Estado e a sociedade civil na sua constituição. Situa-se também no campo de conflitos entre atores que disputam orientações na esfera pública e os recursos destinados à sua implantação. É preciso não confundir políticas públicas com políticas governamentais. Órgãos legislativos e judiciários também são responsáveis por desenhar políticas públicas. De toda a forma, um traço definidor característico é a presença do aparelho público-estatal na definição de políticas, no acompanhamento e na avaliação, assegurando seu caráter público, mesmo que em sua realização ocorram algumas parcerias”.

cultura, tanto em sua dimensão antropológica como sociológica⁴⁹, pois elas envolveram reparo/manutenção/revitalização de equipamentos culturais, de acervo bibliográfico, atividades de formação, criação, produção e difusão cultural, entre outras. (BOTELHO, 2001).

Ainda no leque daquelas ações, os jovens divulgaram as potencialidades inerentes ao Centro Cultural Quintino II, como forma de “reativar” e incentivar seu uso e apropriação pela comunidade, tendo em vista o descaso da Prefeitura na elaboração e manutenção de uma agenda constante de atividades artístico-culturais naquele lugar.

Ao se construírem como atores sociais com capacidade de ação, na chave da cultura na comunidade do Quintino Facci II, se forjaram como grupo e demandaram a volta para o interior da instituição em que se encontravam, no ponto inicial do Projeto, assumindo a ideia de que seriam capazes de ações culturais e de atuação na área da política de base estudantil, junto aos seus pares, jovens e estudantes de escolas do ensino fundamental e médio.

Entretanto, mesmo com o êxito, reconhecimento social e visibilidade pública conquistada pelo Coletivo na cidade, em 2016, a Fundação decretou ponto final ao seu Projeto.

Os testemunhos dos educadores dão dimensão dos significados da decisão da entidade, e também dos sentidos que teve a experiência do Coletivo *Immutare*, tanto para os jovens-estudantes como para os seus parceiros-educadores:

⁴⁹Botelho (2001, p. 74) observa que uma política pública de cultura envolve duas dimensões: a antropológica e sociológica. Do ponto de vista da política pública, as duas dimensões são importantes, “mas exigem estratégias diferentes e devem ser objeto de uma responsabilidade do aparato governamental em seu conjunto. (...) Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. (...) Para que a cultura, tomada nessa dimensão antropológica, seja atingida por uma política, é preciso que, fundamentalmente, haja uma reorganização das estruturas sociais e uma distribuição de recursos econômicos. Ou seja, o processo depende de mudanças radicais, que chegam a interferir nos estilos de vida de cada um, nível em que geralmente as transformações ocorrem de forma bem mais lenta: aqui se fala de hábitos e costumes arraigados, pequenos mundos que envolvem as relações familiares, as relações de vizinhança e a sociabilidade num sentido amplo, a organização dos diversos espaços por onde se circula habitualmente, o trabalho, o uso do tempo livre, etc. (...) A dimensão sociológica não se constitui no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los. (...) A dimensão sociológica da cultura refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria.

Eu não acreditava, pensava: - ‘a Fundação é muito burra, de tá fazendo isso! Nem estava dando dinheiro para os jovens, era o momento que a Fundação estava gastando menos dinheiro com o projeto. (...) Estava começando a criar asas. Quatro espaços dentro da escola pra Fundação estar lá. Então assim, também demorou um tempo pra escola entender a gente, né? Eu fiquei chocada! (...) Eu fiquei com vergonha de voltar na escola. Os jovens ficaram procurando a gente até hoje. (EDUCADORA, Projeto Jovens Protagonistas).

A Fundação conseguia ajudar, mas, a maioria das vezes, eram caminhos que a gente apontava para as coisas acontecerem, senão, não acontecia. Ela teve muito retorno positivo, de visibilidade....de passar um pano numa instituição que tinha problema com a juventude e que era muitas vezes acusada de trabalhar em desfavor da juventude. A hora que a parada começou a andar....acabou o Projeto (risos). Nós construímos uma rede nas escolas, a gente conseguiu uma forma de pensar... Uma aceitação da comunidade...da Diretoria de Ensino. *E isso, foi construção!* (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas – grifo meu).

Apesar da descontinuidade do Projeto *Jovens Protagonistas* em 2016, as sucessivas edições da FNL-RP tiveram como marca propostas de programação e projetos para e com a juventude escolar, envolvendo ações de formação de leitores e de professores na rede pública da cidade. Tal fato evidencia que a intencionalidade da Fundação com a integração do jovem à proposta do evento vem se mantendo. A Feira do Livro sai de sua função mais evidente de difusão cultural, realizando propostas não pontuais com os segmentos juvenis, mas que iniciam com ações pré-feira e migra para o âmbito da formação, com a finalidade de incorporar e fortalecer a participação dos jovens estudantes durante o evento.

Um exemplo disto é o Projeto *Combinando Palavras* que teve início em 2017. Uma iniciativa que engloba diversas parcerias das áreas da cultura e educação e setores público e privado da cidade como, Diretoria Regional de Ensino, Secretaria Municipal da Educação, Fundação Educandário, SESC e Escolas das redes estaduais e municipais.

Os alunos trabalham ao longo do ano a obra de autores escolhidos para a edição e a apresentação dos trabalhos produzidos, bem como o encontro com o autor acontecem no evento da Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto (...). O projeto *Combinando Palavras* oferece também aos professores e coordenadores envolvidas oficinas de preparação. Nestes encontros são disponibilizadas as informações gerais sobre o projeto, bem como fornecidos materiais de apoio com as características de cada autor e de suas obras. A atividade também prevê dinâmicas de estudos e outros tipos de produções para salas de aula com os alunos. (Site Oficial – Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto)⁵⁰

⁵⁰ Disponível em <<https://fundacaodolivroeiturarp.com/combinando-palavras/combinando-palavras/>>. Acesso em: 16 mar. de 2019.

Com a finalização do projeto, professores e alunos das escolas participantes tem o transporte subsidiado para que possam participar da Feira do Livro e apresentar as produções autorais realizadas em sala específica para o autor durante o encontro. Todos os textos e produções artísticas baseadas nas obras estudadas são disponibilizadas em e-book e entregue ao autor participante ao final do evento. O projeto neste formato vivenciou sua 3ª edição em 2019 e teve como autores convidados em seu início em 2017, literários de renome nacional e internacional como Nélide Piñon, Lya Luft, Luis Fernando Veríssimo, Ignácio de Loyola Brandão e Zuenir Ventura.

Outra referência de projeto para juventude e com foco na formação de leitores é o *Recortando Palavras*⁵¹, que teve início em 2019, com foco na produção de fanzines por jovens de escolas da rede estadual da cidade e região.

Diante destes exemplos, nota-se que, mesmo com a descontinuidade do Projeto *Jovens Protagonistas*, a FFL segue com sua intencionalidade de qualificar a participação do jovem na Feira do Livro, através de propostas para formação deste público.

Apresentado os elementos centrais do Projeto *Jovens Protagonistas*, assim como alguns dos sentidos contidos na experiência social que os jovens-estudantes construíram na zona norte de Ribeirão, em edições consecutivas da Feira Nacional do Livro e na cidade, no capítulo a seguir tratar-se-á daquilo que os atores juvenis extraíram da experiência para seus processos de subjetivação e conquista de autonomia.

⁵¹ Disponível em: <<https://fundacaodolivroeleiturar.com/combinando-palavras/combinando-palavras/>>. Acesso em: 16 mar. de 2019.

CAPÍTULO 3 UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL JUVENIL COMO PROCESSO FORMATIVO, DE PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E CONQUISTA DA AUTONOMIA

Este capítulo aborda a experiência construída pelos jovens-estudantes moradores do Quintino Facci II, a partir da constituição do coletivo *Immutare*, no âmbito do Projeto *Jovens Protagonistas* da FFL nos anos de 2013-2015. A partir das narrativas que teceram durante as entrevistas, será apresentado e analisado os percursos que percorreram antes, durante e após a inserção e participação no Projeto da FFL, dando ênfase nos modos como se apropriaram das intencionalidades contidas na proposta pedagógica de protagonismo juvenil daquela entidade e o que eles dela extraíram para fortalecer e enriquecer seus processos identitários, de subjetivação e conquista de autonomia.

Por meio dos relatos que os jovens formularam sobre os sentidos atribuídos à experiência social em que foram atores centrais, a perspectiva será de explorar e analisar, as lógicas que orientavam os jovens-estudantes, em relação: 1) as vivências que tinham no interior do bairro antes da chegada do *Jovens Protagonistas*; 2) as lógicas que guiaram a as decisões em aderir ao Projeto da FFL; 3) os desafios que enfrentaram no processo de conformação de um “grupo de líderes” e posteriormente de um coletivo juvenil - o *Immutare*; 4) as tensões, conflitos e práticas de solidariedade que experimentaram nas relações com os atores sociais que interagiram no bairro, com as organizações sociais e instituições públicas inseridas na dinâmica sócio-política da cidade; 5) os modos como vivenciaram os processos de produção identitária, de subjetivação e conquista de autonomia; 6) por fim, exploro as expectativas que tinham em relação ao futuro, a partir da experiência social que construíram no interior da comunidade de bairro da periferia de Ribeirão Preto, no qual moravam e estudavam.

3.1 Os jovens-estudantes e envolvimento que tinham com o bairro antes de participarem do *Jovens Protagonistas*.

Ao investir na conformação de “um grupo de líderes” juvenis no bairro do Quintino Facci II, uma das finalidades da FFL era que ele viesse a assumir a responsabilidade, na fase inicial do projeto, por atividades de “observação, elaboração de um diagnóstico dos problemas” existentes no bairro e concebesses propostas de intervenção naquele território, em consonância com o que os profissionais da FFL entendiam ser a metodologia de projetos

de “protagonismo juvenil”. Dados tais objetivos, nas interações estabelecidas com os jovens que contribuíram com este estudo, solicitou-se que descrevessem as práticas de circulação que realizavam no bairro, de forma a apreender os modos de inserção e as interações que eles tinham com identidades coletivas e instituições presentes naquela comunidade, e se eles tinham conhecimento e/ou participavam de entidades ou movimentos que representavam as demandas do bairro junto à administração municipal ou órgãos dos governos estadual e federal presentes no município.

Pelos relatos dos jovens, foi possível compreender que as formas de inserção e conhecimento que eles tinham no/do Quintino, antes da adesão ao Jovens Protagonistas, eram atreladas às vivências da adolescência, concretizadas nos percursos diários entre “casa-escola-casa” ou nos itinerários entre “casa-escola-casa-círculo de amigos”, situações que evidenciariam a importância que tinham para os jovens a escola e as relações de amizade, ao mesmo tempo em que revelavam uma circulação restrita por outros lugares e demais círculos de sociabilidade existentes no território daquela comunidade, assim como demonstraram pouco conhecimento sobre os principais problemas que atingiam a comunidade do Quintino, à época.

A minha experiência do dia a dia era a de todo jovem normal: ia pra escola, depois eu voltava pra casa e era isso (DANILO, 20 anos)
[...] eu ia prá escola, ia prá minha casa, [...] saía com os amigos.... Eu não tinha uma identidade com meu bairro (LUIZA, 20 anos).

Bento (17 anos), ao retomar elementos da experiência de migração vivida na infância, foi mais enfático quanto às ausências de interações significativas tecidas na comunidade do Quintino: “eu vim do Pará: (...) não conhecia ninguém, não tinha amigos, era uma pessoa solitária”. Mesmo Gisele (20 anos), que admitiu se deslocar com mais assiduidade pelo bairro, porque na infância e adolescência frequentou estabelecimento escolar na região central da cidade, observou que tinha interações reduzidas com moradores da comunidade e seus coletivos.

Eu sempre estudei no centro, mas nessa época eu tive que estudar na escola do bairro. [...] Só que eu andava o bairro inteiro porque a escola era de um lado, minha casa era lá embaixo, [...] do outro lado! [...] E andava o dia inteiro! Só andava. Eu [...] não tinha muito contato com as pessoas, não.

A maioria dos jovens entrevistados não mencionou envolvimento e participação anterior em grupos, coletivos, movimentos ou identidades coletivas juvenis (REGUILLO,

2000, p.43), seja no contexto da comunidade em que estavam inseridos, ou no interior das escolas em que cada um estudava, ou ainda naqueles promovidos por projetos ou programas públicos voltados para jovens que foram desenvolvidos no Quintino durante os anos 2010, casos do Projovem Urbano e do Projovem Adolescente (Vinhas, 2014). Neste sentido, apenas Vanessa, relatou que já conhecia o Centro Cultural do Quintino, pois nele tinha participado de algumas reuniões, além de envolver-se em Programa socioeducativo do governo do Estado de São Paulo que visava fomento e difusão de uma “cultura da paz” e o fortalecimento de práticas de cidadania entre crianças e adolescentes e suas famílias – o *Escola da Família*⁵², e também realizado trabalho voluntário junto à Igreja Universal do Reino de Deus,

Antes eu não tinha participação ativa no bairro. Nunca fiz nada no bairro, eu só morava, existia e estudava. Então eu não era envolvida com nada, eu não participava de núcleo. Só participei uma vez, com Escola da Família, mas foi pouco tempo, então não me envolvia com projeto nenhum. (Vanessa, 20 anos)

De acordo com as narrativas dos entrevistados, verifica-se que a circulação no Bairro e as interações que estabeleciam com a comunidade, restringiram aos círculos sociais da família, escola e amigos. Por outro lado, nenhum deles mencionou ter participado de edições da Feira do Livro, em especial a edição de 2012, quando ocorreram os atritos provocados por adolescentes durante a ocorrência daquele evento cultural na cidade.

Ao atenderem ao convite do Educador da FFL ou ao se espelharem em experiências de amigos para engajamento no Projeto da Fundação, os jovens não indicaram possuir experiências anteriores de participação social, foram outras as lógicas que orientaram a adesão deles àquele Projeto. Uma delas pode ser denominada de natureza instrumental, pois se vinculava ao acesso da verba de apoio oferecida pela Fundação – “a bolsa”: a possibilidade de um recurso mensal representava alguma independência em relação à família ou a oportunidade de postergar as tentativas de inserção na esfera do trabalho, ainda que na idade da adolescência.

⁵²Instituído pelo Decreto Estadual nº 48.781, de 7/7/2004, e sob a reponsabilidade da Secretaria Estadual de Educação, o Programa se propõe a: 1) fortalecer uma “cultura de paz” no Estado de São Paulo, a partir da realização de “ações de natureza preventiva destinadas a reduzir a vulnerabilidade infantil e juvenil, por meio da integração de crianças e adolescentes, a fim de colaborar para a construção de atitudes e comportamentos compatíveis com uma trajetória saudável de vida; 2) atuar no interior de escolas públicas, públicas estaduais aos finais de semana, com o propósito de atrair os jovens e suas famílias para um espaço voltado à prática da cidadania, onde são desenvolvidas ações socioeducativas, com o intuito de fortalecer a autoestima e a identidade cultural das diferentes comunidades que formam a sociedade paulista.”. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v1/PEF/index.html>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

Na verdade, na verdade foi por conta da bolsa. Era pequena, mas tinha [...], era mais por causa da bolsa. (DANILO, 20 anos).
E pelo valor né...eu ia receber uma bolsa-auxílio, então eu não ia precisar me preocupar com o trabalho durante um tempo. (LUISA, 20 anos)

Duas outras lógicas que orientaram as escolhas foram expressivas: atração pela possibilidade de envolvimento com atividades formativas nos planos das linguagens literárias ou artístico-culturais; oportunidade de vivenciarem experiências de participação social no contexto do bairro em que moravam e viviam o cotidiano.

Eu entendi que a gente ia ler livros (risos). A gente ia ler livros, é isso! Pra mim, essa foi a maior motivação (BENTO, 17 anos).
A princípio, a gente não sabia o que era de verdade, [...] eu fui achando que ia ter oficina de grafite, entre outras coisas [...] E por achar que era grafite, oficinas em gerais (LUISA, 20 anos).

Segundo Vanessa e Gisele, a adesão ao Projeto se deu na medida em que vislumbraram a possibilidade de realizar atividades de voluntariado ou de “fazer alguma coisa”, “interferir” na “comunidade”:

Disseram que era um projeto voluntário, que eu ia gostar, porque eu gostava de fazer trabalho voluntário. Sempre fiz trabalho voluntário na Igreja, então pensei em fazer algo pelo lugar que eu moro também (VANESSA, 20 anos).

[...] pela proposta que eles tinham [...] de interferir... Eu sempre me interessei por isso. Porque eles tinham muito a proposta de intervenção na comunidade, com as pessoas na situação que tinha [...] Mas fui na intenção de realmente tentar fazer alguma coisa. Ajudar mesmo (GISELE, 20 anos).

Além destas motivações individuais, entretanto, os jovens destacaram durante seus relatos que, na apresentação que a FFL fez do Projeto, a proposta estava confusa e não tinham clareza do que estava por vir e nem dos caminhos propostos a percorrer, ou seja, mesmo dispondo de esparsas informações sobre os objetivos da Fundação eles aceitaram os desafios da construção de um “nós” e de atuação conjunta em nome de grupo.

3.2 De um grupo filiado ao Coletivo *Immutare*

Ao serem indagados sobre os desafios que enfrentaram para colocar em prática a proposta de participação em um grupo induzido ou “filiado” (EISENSTADT, 1968) à FFL, a partir das experiências adolescentes que tinham no Quintino, os entrevistados registraram que uma das maiores dificuldades foi o exercício de trabalhar coletivamente. Tal esforço

implicava combinar os traços da individualidade que construía com a sensibilidade em “ouvir” e respeitar a opinião do(s) outro(s) membro(s) do agrupamento. Desde o ponto de partida a experiência expressou complexidade, pois solicitava de cada um e de todos, a aceitação da alteridade e suas singularidades.

De acordo com Bento, todos chegaram para participar do Projeto e construir um grupo com a certeza de que sabiam trabalhar coletivamente, mas descobriram, ao longo do tempo e das ações que realizavam, que não dominavam os marcos e os códigos que envolvem um “trabalho coletivo”, o que solicitou a cada um deles um aprendizado, pois:

A gente não sabia. Particularmente, eu não sabia ouvir as pessoas. Prá mim, eu estava certo e as pessoas...eu nem me importava com o que elas diziam (risos), nem parava pra ouvir se elas estavam certas ou erradas: minha opinião era minha opinião! Eu chamava isso de ‘fé inabalável’. (...) Cada um teve que quebrar questões interiores prá (...) poder sentar numa mesma mesa e conversar. Esse foi um dos principais aprendizados que eu tive para construir um coletivo (BENTO, 17 anos).

[...] trabalhar em grupo e aprender a lidar com as opiniões diferentes. Hoje em dia eu já lido muito melhor com isso, eu já entendo muito melhor que pessoas pensam diferente, que pessoas tem outra vivência, então meu maior aprendizado foi nessa questão. A maior dificuldade era essa questão de aceitar, da dificuldade, sabe? (VANESSA, 20 anos).

Também para Luísa, as questões relativas às interações intragrupo – se posicionar e ser ouvida pelos parceiros, o aprendizado de ter uma escuta atenta e respeitosa às posições do outro, as ambivalências e tensões que permeavam as trocas que efetuavam para, enfim, agirem coletivamente – foram os maiores desafios, exigindo a busca por respostas, sobretudo por que tratava-se de uma experiência que tinha por objetivo unificar e dar sentido as ações de um conjunto de “pessoas mais novas”, adolescentes, com vivências diferenciadas de participação e de integração ao bairro, mas “capazes de pensar, de observar, de terem ideias, (...) “inteligências desejosas de conhecer e de pôr-se à prova, que querem crescer e entrar na experiência da vida, a procura de uma verdade sobre o mundo e sobre si mesmas” (FABBRINI; MELUCCI, [1992]2017, p. 13 tradução livre)⁵³. Por essas razões, afirmou a entrevistada:

⁵³“Capaci di sognare e di osservare, di avere idee e progetti per il proprio futuro. Troviamo intelligenze desiderose di conoscere e di mettersi alla prova, persone che non si accontentano di sognare e di illudersi ma che vogliono crescere ed entrare nell’esperienza della vita, tese alla ricerca de una verità sul mondo e su di sé...” (FABBRINI; MELUCCI, [1992]2017, p. 13).

[...] prá nós, de 14 a 16 anos, é mais difícil ouvir. (...) as pessoas. Nessa idade, a gente não quer ouvir, quer falar. E foi difícil de ouvir [...] Embora eu não seja tão tagarela, mas foi difícil ouvir, respeitar a opinião de outra pessoa; concordar, ao mesmo tempo discordando, sabe?

Gisele, ao concordar com os pares sobre a dificuldade de “ouvir e ser ouvida” chamou atenção também para o obstáculo de “se abrir” para os pares, em um momento em que se esforçavam em construir vínculos e estabelecer confiança uns com os outros, sobretudo para ela que era ensimesmada, “muito fechada” em seu mundo: “só eu que vivia nele (...), eu não tinha contato, eu vivia sozinha”.

Se cada integrante trazia consigo uma espécie de “fé inabalável” nas posições que tinham e defendiam, tal como expôs Bento, e cada um tinha que “quebrar questões interiores pra poder sentar numa mesma mesa e conversar”, as respostas que deram a essa prova permitiram que um a um se integrasse ao grupo articulado pela Fundação e construísse aprendizados de trabalhos coletivo. Se no início da experiência se reuniam uma vez por semana, logo as reuniões se tornaram mais frequentes, até tornarem-se diárias, não apenas em função das imposições dos educadores e gestora da Fundação, mas como fruto de uma escolha voluntária que faziam e pelo processo de identificação que teciam, ainda que tensões entre alguns integrantes do agrupamento também modulasse as interações:

A gente teve que aprender a construir textos coletivamente, foi uma das coisas que mais exercitou nossa coletividade. Então, a gente ficava horas e horas, e dias, de reunião, escrevendo um texto coletivamente. (...) A partir daí a gente começou a fazer juntos. Então, uma ideia que a gente tinha, a gente levava pra mesa pra todo mundo discutir. Não era algo individual. E aí foi assim. Sempre tem um ou outro que não interagia, que não gostava da iniciativa e tal, mas isso nunca foi problema, acho que todo mundo sendo jovem, a gente foi aprendendo a respeitar, foi andando junto até o final. (LUISA, 20 anos).

No processo de formação de um “nós” que escolheram construir, os jovens explicaram que se colocavam em defesa de lógicas e valores que carregavam consigo e orientavam seus processos de aproximação, integração e identificação com o Projeto da Fundação. Contudo, ainda que partilhassem um mesmo espaço-tempo, muitas vezes, constataavam que provinham de diferentes culturas e se sentiam desconfortáveis, na medida em que percebiam que tal situação colocava em ameaça ou ofendia os seus valores e a própria “identidade” pessoal que fabricavam, pois, as ofensas feitas aos valores individuais são de “fato feitas à identidade de cada um” (DUBET, 1994, p. 118). Assim, viviam as tensões intrínsecas à noção de identidade, na medida em que no seu núcleo há um “vínculo particular entre o individual e o

coletivo (...). Não há identidade individual sem a presença de identidades coletivas; e ao mesmo tempo, todo perfil identitário coletivo serve à estruturação de identidades individuais” (MARTUCCELLI, 2007, p. 47; tradução livre) ⁵⁴.

Para Danilo, no início, o esforço de trabalhar coletivamente “não foi muito fácil”, mas lembrou que para romperem as barreiras que se defrontavam, valeram-se da presença e das orientações dos educadores, de forma que pudessem expressar suas posições, “construir a ideia de cada um e juntar as ideias que eram diferentes”. Tal situação nos leva a demarcar a relevância que pode assumir os conteúdos das experiências e os apoios oferecidos pelos adultos para a conformação e unificação de um grupo juvenil e suas ações no espaço público.

Assim, na medida em que os encontros tornaram-se diários e o trabalho conjunto fluía, os jovens investiram na transição de um grupo induzido ou “filiado” à FFL à construção de um coletivo, de forma a interagirem com outros atores e organizações e atuarem no bairro do Quintino II e em outros territórios da cidade, mediante ações nos planos de práticas artísticas, da leitura e da literatura. Atado à ideia de “mudança”, e de mudanças que gostariam de poder realizar na comunidade e no Centro Cultural do bairro, os jovens nomearam o agregado e o Projeto que construíam de Coletivo *Immutare*.

Como tinha esse projeto de intervenção, de fazer uma mudança mesmo; (...) de uma revitalização naquele Centro Cultural. Eu lembro que tinha vários nomes, cada um que levou um nome, explicou o porquê e aí acabou todo mundo escolhendo esse. (GISELE, 20 anos).

Ao determos sobre os percursos realizados pelos jovens que se dispuseram a participar da iniciativa da FFL no Bairro do Quintino II, observa-se que eles desenharam um itinerário que os levaram de um agregado sem organicidade, cujo sentido de emergência se dava em função da partilha de um espaço-tempo comum, para a construção de um coletivo de jovens que teciam paulatinamente uma organicidade em torno da realização de atividades conjuntamente concebidas, de modo que muitos deles se esforçavam por compartilhar uma criação identitária (REGUILLO, 2000, p. 43).

Ainda de acordo com Reguillo (2000), pode-se defender a ideia de que eles conformaram um coletivo de pares que lançavam mão de lógicas diversas de ação para agirem ancorados em uma “comunicação cara a cara, de modo presencial, para conformar um espaço de confrontação, produção e circulação de saberes”, que se desdobraram em práticas nas áreas

⁵⁴ Un vínculo particular entre lo personal y lo colectivo (...). No hay identidad personal sin presencia de identidades colectivas; y al mismo tiempo, todo perfil identitario colectivo sirve a la estructuración de identidades personales. (MARTUCCELLI, 2007, p. 47)

das artes, do acesso e consumo do livro e da literatura. Construíram uma experiência na qual “aprendiam a tomar a palavra e se apropriavam dos instrumentos de comunicação” (Idib, p. 14), para agirem nos planos da cultura e participação no contexto do Bairro do Quintino II, nos equipamentos culturais neles existentes, e em diferentes territórios e eventos culturais de Ribeirão Preto.

3.3 “As pessoas que tinham que fazer não estavam preocupadas”: embates e tensões com a Administração Municipal, a Fundação, e a Feira do Livro

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, a construção do Coletivo *Immutare* e o reconhecimento social de sua identidade, possibilitou aos jovens integrantes com o apoio dos educadores, a interação e estabelecimento de parcerias com atores coletivos e organizações inseridos no bairro ou fora dele, resultando em incentivos variados e solidários, conforme exposto no capítulo anterior. Por outro lado, vivenciaram relações ambíguas, tensas e por vezes conflitivas com um conjunto de instituições enraizadas na cidade, às vezes com uma mesma instituição, que tinham frágeis e questionáveis vínculos do ponto de vista social e político com a comunidade do Quintino Facci II.

De acordo com Reguillo (2000), a identificação do outro, muitas vezes, se dirige a um ou mais antagonistas, que além de delimitar diferenças entre os grupos ou coletivos, também “outorga” e reforça um sentimento de pertencimento a um “nós”. Para a autora, “todos os grupos sociais tendem a instaurar sua própria alteridade”. Ou nas palavras de Martuccelli (2007): “a identidade, qualquer identidade, só existe em referência com uma alteridade, (...) uma identidade só existe na medida em pode se opor a outras” (Idib, p. 59)⁵⁵. “A construção simbólica de um “nós juvenil”, o *Immutare*, instaurou diferentes alteridades, de maneira principal, ainda que não exclusiva, com respeito a autoridade: a polícia, o governo, os adultos, (...) professores etc”, figuras que assumem a representação de “uma ordem social” compreendida como “repressora ou injusta” (REGUILLO, 2000, p. 41; tradução livre)⁵⁶.

Ao discorrerem sobre as relações que estabeleceram com os representantes de órgãos do Executivo Municipal e integrantes da Fundação Feira do Livro, os jovens destacaram o quanto muitas delas foram marcadas por tensões e conflitos, pois aqueles agentes, ao mesmo

⁵⁵ [...] la identidad, cualquier identidad, sólo existe en referencia con una alteridad; o sea que una identidad existe en la medida en que puede oponerse a otras. (MARTUCCELLI, 2007, p. 59).

⁵⁶ [...] la construcción simbólica "nosotros los jóvenes" instaure diferentes alteridades, principal aunque no exclusivamente, con respecto a la autoridad: la policía, el gobierno, los viejos, etcétera. (REGUILLO, 2000, p. 14).

tempo em que solicitavam o desenvolvimento de ações em parceria com o *Immutare*, também o desqualificavam como um coletivo juvenil. Assim, segundo os interlocutores, algumas das alteridades se personificaram em representantes de setores do Executivo Municipal e mesmo determinados profissionais da Fundação e responsáveis diretos ou indiretos pela organização e realização da Feira do Livro, a exemplo dos agentes de segurança pública.

Duas situações exemplificam as relações tensas e de antagonismos que vivenciaram os jovens do *Immutare* com setores da Prefeitura de Ribeirão, sendo que uma delas envolveu o setor municipal da Cultura e a outra o setor de serviços urbanos.

Como mencionado no capítulo 2, conforme o coletivo ampliava suas ações e reflexões acerca de seu entorno e comunidade, os jovens do *Immutare* questionavam o descaso da Secretaria Municipal da Cultura com o bairro do Quintino II. A partir desta percepção, o gestor da Secretaria à época foi tomado como um antagonista, uma autoridade pública que se opunha as ações do Coletivo, levando os jovens a refletirem sobre atitudes pontuais de um cargo político do executivo municipal e a continuidade de uma política pública implementada:

A gente pegou uma gestão, uma época que o centro cultural era uma moeda de troca e de campanha política, entendeu? Só que a juventude conseguiu entender esse processo de que poderia fazer do espaço de repente um espaço eleitoral para um candidato ou possível candidato. Mas de um espaço que remete a política pública, tá ligado? Não de repente plano de governo de um cara específico. Tinha um problema, era de seis em seis meses e aí acabava tudo. Aí começava de novo e acabava de novo. Então a pessoa que tá no centro cultural, até hoje sofre porque ela não sabe. Porque nunca tem continuidade o trabalho. Mais ficou nítido pro jovem que passou pelo projeto, que é necessário uma continuidade, um projeto pedagógico, recursos que não sejam extinguidos quando muda uma pasta ou outra, que se dê continuidade a algo que está dando certo. (EDUCADOR, Projeto Jovens Protagonistas).

Ao mesmo tempo em que recorriam ao poder público municipal para solicitar auxílio – naquilo que seria de responsabilidade da Prefeitura – os jovens administravam as tensões e conflitos que surgiam durante suas ações como: aparições descontextualizadas do representante político em reuniões com famílias da comunidade e inação diante dos pedidos do Coletivo para o bairro.

No caso do setor de serviços urbanos, Danilo fez referências a uma enquête que os jovens realizaram com parte de moradores da comunidade de Bairro próximo, que não dispunham de serviços de saneamento básico. O estudo que se propuseram a realizar tinha por objetivo produzir dados para viabilizar a intervenção da Prefeitura em relação a essa questão urbana. A fim de levantarem dados qualitativos relevantes sobre o tema, uma das atividades

dos jovens consistiu em realizar reuniões com segmentos de moradores do bairro que demandavam tal serviço e direito, bem como com grupo de mulheres que possuíam acúmulos em atuação política na região. Contudo, ao final das atividades, os jovens elaboraram uma forte percepção de que foram usados e contribuíram para gerar “uma falsa esperança” e um sentimento de injustiça em seus interlocutores e parceiros.

Mora muita gente lá, muita gente mesmo. Eu lembro que quando nós fomos fazer a pesquisa, (...) os moradores falaram: - ‘Ah vocês vão ser igual todo mundo, vão vir aqui perguntar e não vai resolver nada’. Mas nós estávamos crentes de que ia resolver alguma coisa. Na época a gente estava discutindo uma pauta que era saneamento básico, (...) a questão do esgoto ali. (...) Então a gente estava muito empolgado, era uma ideia muito massa. Mas, na prática.... (DANILO, 22 anos).

Além do diagnóstico mencionado, outra atividade realizada pelo *Immutare*, foi a de auxiliar os moradores na elaboração de um abaixo assinado, escrito à mão, reivindicando serviços de saneamento. Uma das moradoras do bairro vizinho, representando a comunidade, responsabilizou-se em protocolar e despachar o documento na Prefeitura. Na sequência, a Administração Municipal alegou que o documento era inválido. Tal fato foi interpretado como falta de reconhecimento da atuação do *Immutare* e uma injustiça cometida com os moradores que se organizaram e lutaram para a expressão daquela necessidade urbana.

Ela levou os documentos, levou um abaixo assinado escrito à mão. Tudo muito simples e o cara foi e deu o carimbo. (...) Quando chegou no advogado, ele falou que não era válido! O documento que ela montou não estava da forma certa. Tipo, o cara que deu o carimbo sabia, entende? Ele sabia. (...) Se eu que não estou lá fiquei assim....., não era o que eu estava esperando... imagino que o sentimento dos moradores que estão lá sejam piores que o meu. (DANILO, 22 anos).

Quanto à Fundação, questão levantada por alguns entrevistados concernia às relações que ela mantinha com o Coletivo que, do ponto de vista deles, era excessivamente marcada pela tutela, pelo controle de suas atividades e a verticalização nos processos de deliberação quanto ao fazer do *Immutare*, seja no Quintino II ou na cidade: “tudo o que tinha que fazer, passava para a Fundação. Tinha que ver se eles aprovavam. [...] eu acho que eles podiam ter aberto mais pra gente, para aprender a fazer mais coisas.” (GISELE, 20 anos).

Outro caso relatado por Luisa teve relação com o sentimento de desrespeito e ausência de reconhecimento do Coletivo e de suas ações por parte de funcionários da Fundação. Segundo narrou, no dia a dia, o mais próximo que ela e alguns pares chegavam da Instituição,

ocorria nos momentos em que iam até a sede para apanharem o cheque correspondente à bolsa auxílio.

Em uma de suas idas à sede da Fundação, a jovem começou a perceber que a relação entre eles estava confusa, não estava clara para nenhuma das partes envolvidas (FFL e jovens participantes), não havia uma distinção rigorosa dos papéis que cada um deveria assumir e executar no Projeto. No desenrolar do tempo, evidenciou-se tanto para ela como para alguns colegas, que “algumas pessoas da Fundação reclamavam” porque eles iam até a sede “prá assinar o recibo e receber”. Em outro momento, ouviu de um profissional da Fundação: “os meninos do projeto estão aí, eles vieram receber. A única coisa que eles fazem!!!”. Tal frase despertou um sentimento na jovem de que, o que estavam fazendo poderia não ser sério para a Fundação como imaginava,

A gente olhou um pro outro e pensou: - A gente está construindo algo em nós e tá tentando construir nos outros e a gente ouve isso? Foi quando eu comecei a achar que tudo o que eu estava vivendo era mentira. Entendeu? Que o projeto era mentira. Que o coletivo era mentira. Que era tudo falsidade. (...) Tinha o ‘auxílio’, entre aspas.... (...) Tinha os educadores, as coisas eram passadas pra eles que passavam pra nós e a gente tinha que mostrar resultados. (...) Então a minha relação com a Fundação não foi uma relação (LUISA, 20 anos – grifo meu).

A jovem que, por sua vez, não se sentia parte de um Coletivo e sim de um trabalho, relatou que tinham uma ocupação burocrática, remunerada, atendia a um objetivo instrumental da Fundação. Os jovens eram cobrados por resultados, como meta de trabalho a ser cumprida. Para ela o propósito maior, a aspiração era “aprender e construir algo” tanto no plano social como no cultural, porém, muitas vezes “não importava o que eu estava aprendendo, era o resultado”.

A gente tem que fazer isso, isso e isso e a gente tem que mostrar resultados. A gente tem que fazer tantos ofícios, tantas coisas. Aí veio a iniciativa da Fundação de ampliar o projeto, chamar novos jovens, que foi quando a gente começou a ocupar as escolas. Chegou pra gente como algo imposto. A gente precisa fazer. Eu até questioneei: e se a gente não fizer? E a resposta foi que a gente tem que fazer (LUISA, 20 anos).

Outra situação que vivenciaram nas relações com a Fundação, que despertou um sentimento de injustiça em alguns dos entrevistados, vinculou-se à decisão unilateral e centralizada da instituição em realizar um processo de “multiplicação” do que ela denominava de “grupo de líderes” mediante o ingresso de novos jovens estudantes moradores do bairro.

Todavia, para que a proposta se concretizasse três jovens que contribuíram para dar os primeiros passos do *Immutare* tiveram que compulsoriamente deixar o Projeto, sem justificativa alguma por parte da Fundação. De acordo com depoimento de uma das jovens que vivenciou os desdobramentos da deliberação adotada, não ficou clara a razão, o porquê, da necessidade de alguém sair, e muito menos de ser ela e os outros dois integrantes os “escolhidos”. Na sua percepção, o fato dos três “questionarem muito” as lógicas e as decisões da Fundação pode ter servido de fator determinante ao pedido de que eles se retirassem do Projeto.

Eu já estava ficando meio sem paciência pra ficar. (...) A gente estava querendo mudar o jeito que eles estavam falando, entendeu? Porque era meio... A Fundação, eles estavam ali pra organizar e tal... (...) Só que se as ideias não encaixavam muito no que eles queriam, já não considerava. Eu lembro que a gente questionava muito isso, sabe? A gente tentava fazer diferente daquilo e aí acabou não dando certo. Saíram os três (GISELE, 20 anos).

Conforme relatou Gisele, ela não queria sair do Coletivo, apesar dos embates que tinha com a Fundação: “ainda queria tentar, mas eles não deixaram”. Ao ser questionada sobre as justificativas apresentadas pela Fundação para excluir três jovens da primeira formação do *Immutare*, a jovem se esforçou para lembrar, pois não foi algo que ficou claro para ela, mencionando algo relacionado à bolsa auxílio. Para Gisele, aparentemente, os integrantes do segundo grupo que se formaria não acessariam a bolsa ou o valor diminuiria, sendo necessário “cortar algumas bolsas” e conseqüentemente, alguns participantes. Justificativas que geraram indignação, uma vez que para a entrada de novos jovens, alguns da primeira formação teriam que deixar a experiência. Para a jovem, com tal decisão, a Fundação explicitava assimetrias de poder nas relações com o Coletivo e assumia o lugar de alteridade:

[...] eu fiquei indignada. Porque eles vinham com esse Projeto, de que ia aumentar, ia mudar, que ia dividir e que não sei o quê... e aí veio com essa de que tinha que sair. E eu fiquei: - ‘*mais peraí... você quer multiplicar ou você quer tirar?*’ E aí eles tiraram nós três. Só saiu a gente, não saiu mais ninguém. (GISELE, 20 anos – grifo meu).

Por fim, outro fato que chamou a atenção de Luisa, ocorreu durante a edição da Feira do Livro de 2014, quando os jovens participaram ativamente do evento, elaborando programação voltada para a juventude da cidade. Nessa situação, percebeu que deveria gerenciar as interações e tensões com os profissionais da segurança pública – municipais, da

polícia militar – que estavam presentes e transitavam pelo lugar durante todo o período de realização da Feira. O espaço da praça destinado à programação da rádio que criaram e atividades culturais e esportivas que programaram, no início da manhã e fim da tarde, era ocupado por policiais, o que levou a jovem a elaborar a seguinte reflexão:

[...] A gente sentiu uma restrição muito grande. Eu pelo menos. Porque é um espaço que o jovem deveria ocupar, mas que estava sendo ocupado por chegou 9 horas da manhã e *o espaço estava sendo ocupado por policiais e não por nós...um espaço que é nosso...* Isso não podia porque os policiais proibiram. E fora as músicas. Nem todas as músicas tocavam na nossa rádio. A gente lutando por um negócio contra...e estava tudo inverso. Aí dava seis horas da noite eles mandavam fechar a praça e faltavam três apresentações ainda de banda....então foi uma experiência ruim por esse lado. Mas uma experiência boa, porque os jovens começaram a entender que tinha que alguma coisa ali voltada para eles. Mas que eles não podiam ocupar. O ruim foi isso (LUISA, 20 anos – grifo meu).

Os relatos acima sobre as relações com os atores sociais que os jovens interagiram, no bairro, na Fundação, na Prefeitura e na Feira se apresentam como respostas aos desafios e tensões que eles viveram durante esta experiência social, enquanto integrantes do *Immutare*. Tais embates e tensões também os ajudaram em se constituírem enquanto coletivo.

3.4 A experiência do *Immutare* e suas contribuições aos processos de diferenciação e produção identitária de seus integrantes

Como exposto no capítulo 1, para Dubet (1994), a noção de experiência social se expressa como um operador analítico de médio alcance, cuja potência residente na possibilidade de compreendermos as relações entre os indivíduos, os coletivos sociais e a sociedade, a partir da heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que orientam as condutas daqueles atores, do afastamento subjetivo que os indivíduos mantêm em suas relações com a objetividade do sistema, e pelo fato de se compreender que a experiência é uma construção, uma fabricação, que resulta das ações dos indivíduos com ela implicados.

Quando discorre sobre a heterogeneidade dos princípios que orientam as condutas dos indivíduos e coletivos dos atores implicados na experiência social, Dubet (1994) chama a atenção para o fato de que a identidade deles assemelha-se a um “jogo movediço de identificações”, cada vez menos atrelada aos papéis sociais que desempenham. O processo de produção identitária é fruto de um conjunto de orientações que portam os indivíduos, e que a “identidade social” é fruto de um trabalho que eles realizam (p. 15-16).

A partir dessas referências, dado que o jogo de produção identitária dos indivíduos relaciona-se aos coletivos que eles estabelecem interações (MARTUCCELLI, 2007, p. 49), neste item abordar-se-á como este jogo ocorreu para alguns dos integrantes do *Immutare*, durante a experiência que fabricaram no âmbito do Projeto proposto pela FFL.

Em seu depoimento, Vanessa (20 anos) reconheceu que a experiência que ajudou a construir com o *Immutare* lhe permitiu vivenciar processos de autoconhecimento e produção identitária, pois tinha dificuldades em identificar suas virtudes e se (re) conhecer como pessoa e indivíduo. A jovem afirmou que as vivências que teve com aquele Coletivo, a primeira externa ao universo escolar, permitiu que as individualidades aparecessem, pois, em suas palavras, a escola não é um espaço em que isso se torne possível, pois ainda que se possa identificar agrupamentos conformados pelos estudantes, tais como “os nerds” e “o fundão”, nem sempre há espaço para que outras singularidades emergjam e conquistem reconhecimento ou respeito, desse modo:

[...] o Projeto foi muito importante nessa parte do reconhecimento, pessoal, assim. Porque eu achava que era normal, mas todo mundo é diferente, sabe? E o projeto me ajudou a ver essa diferença. Eu não conseguia perceber isso na escola, porque na escola a gente era dividido entre os nerds e o fundão. Então, às vezes, eu estava ali no meio dos nerds e o resto era fundão ou meio termo que era não era nem nerd, nem fundão, sabe? Eram essas as divisões que eu conhecia. Ai eu vi que as pessoas tem individualidades, sabe? Cada um tem uma personalidade, cada um tem um jeito. Isso foi muito, muito importante, pra eu entender porque é que as pessoas faziam as coisas ou porque elas eram de um jeito...mas porque a família dela era diferente da minha família, entendeu? (VANESSA, 20 anos).

Os relatos de Vanessa permitem reconhecer que a experiência do *Immutare* parece ter oferecido aos seus jovens integrantes e participantes elementos para que pudessem aprofundar os processos de produção identitária e também compreender a formação da singularidade nos indivíduos, ainda que eles vivam sob as mesmas circunstâncias sociais e históricas.

O fato de ser jovem, morador (a) de periferia e integrante do *Immutare*, não faz com que sejam iguais ou que os processos de produção identitária aconteçam de forma idêntica ou similar, uma vez que cada experiência é única e cada jovem vivencia de modo singular.

Danilo relatou que, ao interagir e produzir laços de amizade com os pares do Coletivo se deu conta que “tinha voz” e que não devia se calar quando tinha vontade de se expressar, de falar, mas, sobretudo, as vivências que teceu com o *Immutare* lhe permitiu compreender “o espaço que tinha na comunidade e com isso se dar conta de que tinha “direitos, deveres” e que não era um “problema”.

Segundo esse jovem, tal reconhecimento permitiu assumir-se como albino, que tinha grande estatura e contava com baixa capacidade de visão. Se anteriormente, por suas particularidades experimentava situações de constrangimento e discriminação no âmbito escolar e, para atender as reclamações dos colegas durante as aulas, sentava-se no fundo da sala, o que lhe impedia de ter uma relação exitosa com o saber escolar, vivências que acarretaram duas reprovações nas etapas da escolarização básica, a experiência que teve no âmbito das artes pela mediação do *Immutare*, por sua vez, fez com que percebesse o seu espaço e algumas de suas marcas identitárias:

[...] através do teatro eu pude ver que eu tenho o meu espaço, que eu tenho que sentar na frente e dane-se! Sabe? Eu tenho direito de sentar na frente e fazer minha parte, fazer a tarefa, a lição. Tanto é que hoje se vou no âmbito da sala de aula, um curso e tal, aí eu lembro tudo o que eu aprendi no teatro, sabe? (...) Meu lugar é aqui e daqui ninguém me tira! Na verdade, abriu os meus olhos para muita coisa que eu deixava passar e que eu não conseguia ver. Foi um choque. (...) Mudou minha vida pra sempre. (DANILO, 20 anos).

Para reforçar a importância das vivências que construiu com o *Immutare*, Danilo destacou sua forma de agir no âmbito do trabalho, como um contratado PCD⁵⁷. Atuando no setor de serviços, em uma loja, sua função é vigiar as pessoas para que não cometam furtos, ocupação que muitas vezes teve “que lutar para que eu pudesse ter voz” e respeito, formas de agir que se fortaleceram com os processos de formação que experimentou com o teatro:

Porque eu já ouvi falar várias vezes que eu estava lá só porque eu sou PCD, como se eu não tivesse capacidade. E isso doía muito. Se fosse antigamente, eu ia ficar quieto, mas não, aí eu falei: “Olha eu trabalho aqui igual todo mundo, tenho a mesma carga horária, faço mesmo horário de almoço igual todo mundo, recebo igual todo mundo e estou totalmente ciente de que se essa pessoa roubar vai cair no meu peito” [...] Aí eles ficaram me olhando assim, com mais respeito (DANILO, 20 anos).

Luisa também relatou que experimentou uma “explosão identitária” (MARTUCCELLI, 2007, p. 50) com as vivências no *Immutare*, pois com elas pode se reconhecer, ao mesmo tempo como jovem, como mulher, negra, marginal, todavia, com sonhos e vontades. A construção dessa unidade identitária a impeliu a ser mais ativa e se

⁵⁷ Pessoa com deficiência segundo L8.213/91, lei de cotas para Deficientes e Pessoas com Deficiência dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm>. Acesso em: 20 jul. 2019.

compreender como “um ator capaz de dominar conscientemente, ao menos em certa medida, sua relação com o mundo (DUBET, 1994, p. 107) e nele agir:

Eu comecei a me reconhecer e me impor. Eu não me reconhecia. *Eu não me via como a Luisa, negra, mulher, marginal, que era mal vista pela sociedade, entendeu?* Eu ficava a mercê das situações, eu ficava vegetando. Daí eu comecei a correr atrás, eu comecei a mudar meu ponto de vista e minha família começou a acompanhar e aceitar isso. (...) Eu não sabia que eu tinha que me ouvir e me fazer ouvida. Isso foi uma das coisas que mais mudou na minha vida. (LUIZA, 20 anos; grifos meus).

Tanto Danilo quanto Luisa enfatizaram em seus relatos como o processo de construção identitária foi relevante para suas vivências juvenis, mesmo sem a percepção inicial desta necessidade de se (re) conhecerem enquanto jovens com sonhos, vontades e opiniões. Nota-se esta significativa contribuição em frases como “foi uma das coisas que mais mudou minha vida” e “mudou minha vida pra sempre”.

3.5 Contribuições aos processos de subjetivação e de autonomia dos jovens

Conforme exposto em páginas anteriores, de acordo com Dubet (1994), à compreensão dos sentidos das relações que o ator individual ou coletivo estabelece na sociedade contemporânea, a partir da noção de experiência social, é preciso considerar que ela é resultante da associação de três registros de ação – com princípios autônomos, adotados e combinados pelo ator: o da integração, estratégica e subjetivação.

Se a lógica da integração tem por referência os modos como o ator define-se tendo em vista as relações de pertencimento que estabelece com círculos ou coletivos que se insere e transita, se a lógica estratégica expõe a concepção que ele tem de seus interesses numa perspectiva concorrencial ou de disputas sociais e políticas, por sua vez, a lógica da subjetivação diz respeito à ação ou a atividade reflexiva e crítica do ator, como ele a representa no contexto social e de dominação em que está inserido (p. 113) e contribui para que ele fortaleça seus processos de autonomia, na medida em que estes relacionam-se com a “capacidade do indivíduo em servir-se de suas próprias leis ou orientações em suas ações” (MARTUCCELLI, 2007, p. 36).

Contudo, como meus interlocutores eram jovens e encontravam-se subordinados a relações de dependência com a família e à Fundação Feira do Livro, neste caso, ao apreender e discorrer sobre os processos de subjetivação que vivenciaram no contexto da experiência que construíram no Quintino II, levou-se em conta, também, as contribuições de François de

Singly (2005) quando, ao tratar da especificidade da juventude em sociedades complexas, observou que os jovens experimentam um processo de dissociação da independência e da autonomia, pois eles se encontram:

[...] em condições sociais e psicológicas que lhes permitem acessar a uma autonomia relativa sem contar com recursos, principalmente econômicos, suficientes para serem independentes de seus pais. Nesta área, a assistência financeira do pai e da mãe aos filhos pode ser entendida, em tese, como uma das maneiras pelas quais a proteção necessária lhes é assegurada. Os jovens podem ter uma certa autonomia sem serem independentes (SINGLY, 2005, p. 115).

Assim, segundo Bento, antes das vivências que teve com o *Immutare* “estava acostumado a seguir ordens”, a ser levado por um caminho e não escolher qual seria trilhado, por isso, para ele, a conquista de graus cada vez mais amplos de autonomia ancorou-se nas relações daqueles que lhes ofereceram “bagagem” para realizar suas próprias escolhas e decidir:

[...] você escolhe andar de mãos dadas com tudo o que você aprendeu, só que você decide pra onde você vai. Você escolhe a direção que você vai. Mas com toda aquela “bagagem” que já foi inserida na sua vida. (BENTO, 17 anos).

Já para Gisele, a experiência contribuiu para “aprender a ser mais ativa, conseguir ir atrás das coisas”, ou seja, constituir-se como “ator” e não ficar a mercê do que o momento lhe oferecia. A partir dessa tomada de consciência, a jovem – em conjunto com seu namorado e um amigo – organizou e realizou um evento de *punk rock* na cidade. Ainda que essa atividade não estivesse atrelada aos objetivos e as ações do Projeto da Fundação, para a jovem, os saberes e os caminhos que trilhou para conceber e realizar aquela iniciativa cultural derivaram das vivências no *Immutare*. Para a concretização do *show*, tiveram que interagir e demandar apoios de setores da Administração Municipal, autorizações de órgãos públicos municipais e estaduais responsáveis pela segurança pública, por expedições de alvarás, entre outras “burocracias”: “A gente fez o evento acontecer!”.

Segundo a jovem, conceber e por em prática iniciativas artístico-culturais no Quintino e em outros lugares da cidade, como o evento do *punk rock*, contribuíram para seu processo de autoconhecimento e para assumir uma postura crítica em relação a sua participação na comunidade e em diferentes coletivos.

Foi nessa época que eu aprendi muito; eu cresci demais!!! Eu aprendi a ver o mundo de outra forma; Conhecer que existe isto existe aquilo e aquilo outro e eu posso chegar até eles, sabe? Não é uma coisa inalcançável. (GISELE, 20 anos).

Os processos de reflexividade proporcionados com a experiência de construção e participação no *Immutare* permitiu que alguns dos jovens também desenvolvessem uma compreensão mais abrangente e crítica da vida escolar, pois tal como destaca Dubet (1994), “a experiência como uma combinação de lógicas da acção”, que vinculam “o actor a cada uma das dimensões de um sistema”, nela, “o actor é obrigado a articular lógicas de acção diferentes, e é a dinâmica gerada por esta atividade que constitui a subjectividade do acto e a sua reflectividade” (DUBET, 1994, p. 107).

Dos relatos sobre processos de reflexividade e subjetivação, experimentados por Luisa com o Coletivo, assinala-se as contribuições que lhe permitiram tecer uma posição mais individual e própria sobre a escola e a vida escolar:

[...] comecei a ter uma visão diferente do meu futuro na escola. Isso foi muito importante pra mim, porque eu entrei no Projeto sem a convicção daquilo que eu queria ser, daquilo que eu acreditava e daquilo que eu pretendia. E com o andamento do Coletivo (...) *eu passei a definir aquilo que eu sou dentro da escola, fora da escola...aquilo que eu queria pra minha vida e onde eu queria chegar, entendeu? E o coletivo contribuiu muito pra isso.* (LUISA, 20 anos; grifo meu).

Processos similares ao de Luisa vivenciou Danilo, em relação com a escola que frequentava, sua integração e participação na dinâmica social e de poder, pois, como afirmou, antes de sua participação no *Immutare* “tinha sua voz [naquela instituição], mas não sabia como podia expô-la” e defendê-la. O Coletivo lhe deu apoio para saber como falar com a direção da unidade escolar que frequentava, como apresentar propostas para direção tendo por propósito aproximar os alunos dos professores, pois, para ele, “ainda estamos vivendo o mesmo sistema de ensino que nossos pais viviam e nós vivemos completamente diferente”, “o sistema é muito arcaico, muito antigo”. O fato do professor entrar em sala, solicitar a cópia da página do livro e sair, para Danilo, é sinal de que não há nenhuma proximidade entre professor e aluno. De acordo com o jovem, a experiência do *Immutare* contribuiu para que interagisse e expusesse essa situação ao diretor da escola e, como um desdobramento dessa interação, ajudar para que outros estudantes pudessem olhar para o mundo escolar e percebessem que “podiam fazer diferente”, tendo em consideração uma perspectiva temporal:

[...] Algumas coisas, nós conseguimos fazer, outras não. E o que nós não conseguimos fazer, não era algo que ia ser tão rápido, entende? Algo que já vem de décadas no sistema de ensino, a gente não ia conseguir mudar em um ano, dois anos. Acho que seria mais anos. A gente defendia uma escola que mudasse tudo e não uma escola com um sentado atrás do outro, sabe? Que fosse uma roda de conversa na sala de aula. Isso querendo ou não, é uma quebra de padrão. (DANILO, 22 anos).

Ainda voltando ao relato de Bento, importa destacar as contribuições que ele extraiu das relações com o Projeto e o Coletivo *Immutare* no sentido de alterar e ressignificar as relações com a comunidade do Quintino II, pois, em suas palavras, atualmente ele se entende como um “elo importante entre a comunidade e a cidade”, que pode fazer por outros jovens o que a escola não fez por ele, pode contribuir com a orientação dos pares no interior do Bairro, pois o *Immutare* lhe permitiu conquistar respeito e reconhecimento naquela realidade social e cultural. Ao explanar sobre as razões que permitem com que se reconheça como um elo entre diferentes coletivos, explicita:

[...] o Projeto me mostrou o que eu posso fazer na minha comunidade e como eu posso fazer isso. O que eu vou ser hoje, tipos assim, graças (...) ao projeto, eu *sou reconhecido como uma representatividade dentro da minha comunidade*. Quando as pessoas têm algum problema, tanto burocrático como até pessoal mesmo, eles recorrem a mim! Isso é fantástico! E o Projeto me deu essa autonomia. O projeto me colocou nesse patamar que eu tô hoje. Eu não teria formação nenhuma sem esse Projeto. [Ele] me capacitou, (...) prá eu estar hoje aqui, entende? (...) Eu acredito que hoje eu *sou um elo, entre a comunidade e a cidade*. A cidade mais o lado cultural que eu conheci; hoje, eu acredito que eu posso proporcionar as mesmas oportunidades que me deram antes. (...) Quem me procura mais é o próprio público jovem. É o público alvo que eu pretendo atingir também de certa forma. (BENTO, 17 anos - grifo meu).

Reconhecer-se como “um elo entre a comunidade e a cidade”, “definir aquilo que eu sou dentro da escola, fora da escola”, “aquilo que eu quero pra minha vida”, e “aprender a ser mais ativa, conseguir ir atrás das coisas”, são depoimentos nos quais se percebe a articulação de diferentes lógicas (Dubet, 1994) a partir de suas vivências no Coletivo e a partir delas, a constituição de suas subjetividades por meio da reflexão gerada durante o processo. Nesse contexto, evidencia-se a contribuição, inclusive, para que se sentissem aptos a revisitarem e/ou modificarem suas perspectivas de futuro.

3.6 A experiência no *Immutare* e perspectivas para o futuro

Conforme os integrantes do Coletivo foram construindo seus processos de produção identitária, tecendo suas subjetividades, conquistando a autonomia e reconhecimento, mais eles se distanciavam de ações esperadas de seus papéis sociais e conseqüentemente, ampliavam sua reflexividade, como destacou Dubet (1994): “quanto mais nos afastamos da ação considerada como um papel, quanto mais nos voltamos para experiências sociais, para condutas estruturadas por lógicas diversas, mais podemos considerar que esta reflectividade é grande.” (DUBET, 1994, p.107).

Ao passo que suas condutas se modificavam, a partir das diferentes lógicas que organizavam durante a vivência no projeto, suas perspectivas de futuro também se alteravam. Todos os jovens que contribuíram com este estudo relataram que mudaram seus projetos de futuro, a partir da experiência que construíram.

Bento admitiu ter novas perspectivas de futuro, diferentes da anterior, de “trabalhar, constituir família e morrer”. À época da entrevista, o jovem fez questão de enfatizar que atuava como estagiário em uma organização não governamental e que contribuía com os esforços coletivos pela legalização da entidade no território do Quintino II. Do ponto de vista da continuidade de seu processo de escolarização, observou que estava em vias de finalizar a educação básica e projetava a inserção no ensino superior, em curso de formação inicial à docência:

Eu pretendo trabalhar na área cultural, algo do tipo. Antes mesmo do Projeto eu tinha um pouco disso, eu só não tinha descoberto isso. Mas eu pretendo ser professor! Eu quero!!! Como eu disse, tem a ver com minha perspectiva de vida, que é influenciar pessoas. Influenciar pessoas também cabe ensinar, então eu quero ser professor! Há pouco tempo eu descobri que eu gosto muito de história e geografia. Então, eu queria seguir nessa carreira. Não como uma área paralela a minha vida, mas algo bem direcionado para o meu futuro! (BENTO, 17 anos).

Este jovem construtor do *Immutare*, no tempo histórico da entrevista, além de atuar como estagiário em uma ONG, também estava engajado nos processos de legalização e institucionalização da organização que o acolheu, e, segundo disse, seu empenho tinha uma razão: num futuro próximo, projetava fazer da ONG o que Centro Cultural do bairro foi pra ele – um espaço com atividades culturais, oferecidas gratuitamente, que permitam a convivência e integração da juventude moradora do Quintino Facci II.

Luisa afirmou que durante a experiência com o *Immutare* desenhou um projeto de futuro, já que suas expectativas eram pautadas no que sua avó julgava relevante para a vida:

Eu não tinha projeto de futuro. Eu não tinha, antes de viver toda essa experiência. Eu tinha o sonho da minha avó, né? *Um teto pra morar, algo pra comer e ter o que vestir. Era isso. Eu não ampliava a minha visão, não tinha uma perspectiva maior.* (LUISA, 20 anos; grifo meu).

No momento em que essa jovem concedeu a entrevista, contou que projetava cursar Direito, pois havia terminado o curso de “Serviços Jurídicos” e pretendia tornar-se advogada para, nas palavras dela, “‘promotoriar’ na área da juventude e defender o ECA e o Estatuto da Juventude com todas as minhas forças”, pois alegou que construiu uma visão da juventude muito diferente do senso comum, uma vez que, para ela, a juventude não pode ser encarada como um problema:

[...] *nós não fomos feitos pra dar trabalho, entendeu? Mas nos é imposto assim. Nos é imposto a ponto de a gente acreditar. Para que as coisas sejam mais fácil com quem não questiona, entendeu? Dizem que o jovem questiona demais, dá trabalho demais [...] Nem um pouco. Eu não me sinto um problema.* Nunca me senti. E eu acho que quanto mais for problema melhor vai ser, porque as pessoas vão deixar de se acomodar, entendeu? Então quanto mais eu questionar, mas as pessoas vão deixar de se acomodar. (LUISA, 20 anos; grifo meu).

Apesar dos desafios que se deparou no caminho, as interações e relações que Luisa estabeleceu com os pares e outros atores coletivos diversos, permitindo-lhe ampliar e enriquecer seu processo de subjetivação e autonomia, também foram imprescindíveis para que reformulasse suas perspectivas de futuro. Encerrado o Projeto pela Fundação, não fez referências de engajamento a grupos ou coletivos similares ao *Immutare*, contudo, tratou de ampliar seu círculo social visando participar de projetos sociais e culturais, como forma de atuação profissional, um modo de agir para somar “naquilo que eu acredito que vai dar certo”.

Vanessa admitiu que antes de sua participação no Coletivo que ajudou a formar no bairro do Quintino, suas expectativas de futuro eram acessar o ensino superior, se inserir na esfera do trabalhar e “viver uma vida comum, normal, igual todo mundo”. A partir das vivências com o *Immutare* redimensionou aspirações, incluindo projeto de conhecer outras nações e outras culturas, de forma a enriquecer a fase da juventude – algo que não vislumbrava anteriormente. O sonho de cursar o ensino superior, já estava em andamento. No entanto, a jovem expressou que se surpreendeu quando se inseriu neste nível de educação

escolar, pois pôde perceber que seu diferencial em relação aos pares, que terão a mesma certificação e diploma, ancorava-se na experiência de ter colaborado para construir um Coletivo que atuou em sua comunidade:

Você entra na faculdade e descobre que não é bem assim. É uma coisa normal, todo mundo tá aqui...olha o tanto de gente.... Porque quando eu estava no Projeto eu não sabia como era estar em uma universidade, então eu fazia cursinho e pensava que ia ser de um jeito, *eu sabia pela experiência dos outros*. Mas quando você está lá dentro é diferente. ‘Eu tô aqui, no meio desse monte de gente, então eu sou só mais uma aqui dentro!’ Então, todo mundo lá está aprendendo a mesma coisa que eu, todo mundo vai sair com o mesmo diploma que eu. Então eu preciso fazer alguma coisa diferente dessas pessoas, prá que eu consiga me destacar, porque todo mundo aqui vai sair com a mesma formação. Claro, uns vão aprender mais, outros vão aprender outras coisas que gostam mais, mas *vai sair todo mundo igual, entendeu? Prontinho, assim que nem um pão (risos) (...) E aí, eu preciso ser diferente! Preciso ser um pão sem lactose talvez, um pão integral, não sei...(risos)*. (VANESSA, 20 anos, grifo meu).

Assim como reconheceu que construir e viver a experiência do *Immutare* e agir na comunidade onde mora, tiveram importância para sua vivência juvenil, revelou que gostaria de poder construir experiência semelhante no interior da comunidade universitária, ressaltando o quanto o Coletivo lhe educou para “participar ativamente”, deixou um legado, uma herança:

Então, a minha vida juvenil agora é a faculdade. Então eu decidi que eu precisava me envolver nos projetos daquela comunidade ali, da comunidade universitária, então tudo o que eu puder fazer dentro da universidade eu vou fazer. Então eu tenho um esquema programado pra cada ano: no primeiro ano eu participava de organização, agora nesse segundo ano estou participando de estágio dentro da faculdade, estou fazendo organização de eventos, aí no ano que vem vou sair das organizações e vou fazer iniciação científica, eu participo como representante discente nas reuniões...então eu acho que o projeto trouxe isso pra mim, sabe? Que eu preciso participar ativamente daquele ambiente que eu tô. Eu preciso fazer alguma coisa pra melhorar aquilo ali, sabe? Isso o projeto me trouxe e eu carrego isso.

Passado mais de um ano dos diálogos estabelecidos com os jovens do *Immutare*, houve a oportunidade de mais uma vez interagir com alguns deles e indagar sobre o que fizeram com o acúmulo que tal experiência lhes proporcionou, se ela tinha fecundado outros percursos da vivência juvenil após o encerramento do Projeto pela FFL.

Vanessa relatou que se dedicava ao estudo “do tema produção cultural” para emissora de TV local, e em parceria com o Educador do *Jovens Protagonistas*, tinha produzido

programa voltado à juventude, chamado *Papo de Futuro*. Além disso, atuava profissionalmente como “social mídia” em organização do terceiro setor, em projeto destinado a empregabilidade de jovens e outros projetos sociais. Em curto prazo, a expectativa era a conclusão do curso superior de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, oferecida por instituição privada, que ela frequentava como bolsista do Programa Universidade para Todos - ProUni. A esse processo formativo, ela ainda associou e estava concluindo o curso sobre “produção cultural e territórios periféricos”, oferecido pelo Serviço Social do Comércio – SESC, pois sua meta era construir trajetória profissional na área da Cultura.

Gisele, antes de engajar na construção do *Immutare*, revelou que aspirava o ingresso no ensino superior. A experiência vivida com Coletivo contribuiu para que ela conseguisse descobrir os meios e caminhos para concretizar seu projeto pessoal e segue cursando terapia ocupacional, em universidade pública situada em Ribeirão Preto.

Danilo, antes da experiência do *Immutare*, disse que sua perspectiva de futuro era “terminar a escola [de ensino médio], só!”. Com as vivências obtidas naquele Coletivo reformulou o projeto e tinha em mira realizar um curso superior de música – canta e toca violão – ou educação física. Em diálogo recente, o jovem não fez menções sobre seus planos de continuidade da escolarização, contudo, chamou a atenção para o fato de que já não trabalhava mais como segurança no setor de serviços, e que profissionalmente, atuava na linha de produção de uma indústria de produtos à base de amendoim, além de desempenhar a função de monitor junto a crianças, adolescentes e jovens de setores populares, de baixa renda, moradores de bairros periféricos, que estudavam como bolsistas em associação profissional de educação e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como anunciado na Introdução deste texto, a intenção do estudo realizado não foi de descrever e analisar em profundidade o Projeto Jovens Protagonistas da Fundação Feira do Livro, nem produzir conhecimento sobre as suas potencialidades educativas, mas sim compreender, a partir da escuta dos participantes – parafraseando Sirota (2001) – o que jovens estudantes que participaram daquela proposta criaram e fizeram daquilo que a Fundação e seus profissionais conceberam e ofereceram para eles, em atenção às práticas formativas de acesso ao livro e leitura e ações de “mobilização juvenil” para conformação de um “grupo de líderes”, que apoiasse a entidade na melhoria das relações dos segmentos juvenis da cidade com a Feira Nacional do Livro.

Os relatos da gestora e dos educadores sociais da FFL que atuaram no Projeto evidenciaram que, em 2013, a entidade se apropriou de uma perspectiva de programas e projetos fundamentados na noção de “protagonismo juvenil” que adquiriram grande visibilidade a partir de 1990, destinada a jovens dos setores populares, “moradores de favelas e periferias urbanas consideradas pobres e violentas” (SPOSITO, 2008; NOVAES; ALVIM, 2014). Para parcela da literatura que examinou criticamente aquelas propostas, tratava-se mais de um “‘protagonismo pedagógico’ que estimulava um papel proativo dos jovens, mas não visava ampliar sua participação social na construção da esfera pública”. (NOVAES; ALVIM, 2014, p. 274). Por outro lado, os jovens-estudantes que se dispuseram a participar da iniciativa da Fundação, partilhavam da visão de que “nós não somos um problema” e, só parcialmente, aceitaram a proposta do “protagonismo pedagógico”. Apesar de moradores de um bairro da periferia, não participaram dos atritos que causaram turbulências na edição da Feira do Livro de 2012. A partir desse exercício de insubordinação e autonomia, eles escolheram ser reconhecidos menos como um “grupo de líderes” e mais como um coletivo juvenil – o *Immutare*.

Estudantes de escolas públicas estaduais de ensino fundamental e médio, oriundos de famílias das classes médias de baixo poder aquisitivo, filhos de pais com escolaridade acima do ensino fundamental, moradores de um bairro marcado pela pobreza e violências, mas também por lutas sociais pela conquista de direitos sociais e urbanos (VINHA, 2014; PERIFERIA, 2018), atendidos precariamente por serviços públicos, com circulação relativamente reduzida pelo território Quintino e, com esparsas vivências de participação no contexto escolar ou fora dele, os jovens-estudantes do *Immutare*, nas relações sociais que estabeleceram, teceram paulatinamente um repertório de ações nas áreas artísticas, leitura e

literatura, a partir de diálogos com associações, fundações, institutos, culturas juvenis e outros coletivos que atuam no campo da produção cultural da cidade.

Assim, ao enfatizar as razões que os levaram a participar da proposta da Fundação, ao compreender as ações e relações que construíram a partir do bairro em que estavam inseridos, foi possível apreender que foram atores de uma “experiência social”, pois valeram-se de lógicas de ação não apenas como “orientações normativas”, mas também das relações sociais” (DUBET, 1994, p. 111) que estabeleceram com distintos atores, coletivos de diferentes territórios, áreas e equipamentos públicos da cidade.

A partir das narrativas que formularam sobre a experiência do *Immutare*, é possível reconhecer que os jovens criaram algo com aquilo que a Fundação pretendia fazer com eles. Eles não apenas geraram uma “identidade coletiva”, tal como definida por Reguillo (2000), delimitando alteridades e interpelando antagonistas do processo em que foram atores centrais, mas também extraíram elementos para enriquecerem seus processos identitários individuais, a exemplo do que ocorreu com a jovem Luiza que vivenciou uma “explosão identitária” (MARTUCCELLI, 2007), ao se afirmar como “jovem, mulher, negra, marginal”. Os processos de subjetivação e autonomia, por sua vez, foram fortalecidos e enriquecidos, como no caso de Bento, quando afirmou que “você escolhe andar de mãos dadas com tudo o que você aprendeu, só que você decide prá onde vai”.

A experiência do coletivo *Immutare* foi efêmera, sobretudo porque sem o apoio dos adultos seus integrantes não encontraram energia e desafios suficientes para darem novos rumos e sentidos ao coletivo que gestaram. Entretanto, foi significativa o suficiente ao contribuir para que os jovens também revissem, refletissem e redesenhassem seus projetos de futuro, tanto no que diz respeito às aspirações em relação ao acesso ao ensino superior quanto às perspectivas de inserção no universo do trabalho e atuação profissional, seja na área das atividades culturais ou em áreas sociais e educacionais.

A natureza do projeto que participaram, pautada na “metodologia pedagógica do protagonismo juvenil”, de fato não continha ineditismo ou diferencial do ponto das ações do mundo adulto em relação aos segmentos juvenis dos setores populares e moradores das periferias em décadas recentes, no entanto, ao ouvir os participantes, percebe-se que tal experiência possibilitou que ao construírem seus processos de subjetivação e produção identitária pudessem – cada um dos jovens – ampliar a reflexividade e perceber seu lugar no mundo e na sociedade em que vivem, compreendendo qual seria o papel social esperado e a partir desta tomada de consciência, se posicionar. Em outras palavras, estes adolescentes produziram experiência social que possibilitou acessarem e construírem processos complexos

ainda na idade juvenil, os quais contribuíram para suas relações familiares, com a educação escolar e concepções de projetos de futuro.

Ciente da relevância das contribuições que a experiência *Immutare* trouxe para cada um dos jovens, caberia uma provocação: a educação escolar não poderia contribuir intencionalmente com estes processos, a partir de um currículo ampliado?

Se, como lembra Gohn (2016), “a educação não formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno” (GOHN, 2016, p. 22), ao pensar a educação integral do sujeito juvenil, porque não promover no ambiente escolar propostas que envolvam diferentes linguagens artísticas, que estimulem a participação coletiva e provoquem reflexões, assim como ocorreu na experiência do coletivo *Immutare*?

Ao pensarmos a educação com foco no desenvolvimento humano de modo integral, seria fecundo olhar e tomar como referências as contribuições que propostas de educação não escolar construídas com jovens e por eles podem oferecer ao enriquecimento do currículo no processo de escolarização básica de adolescentes.

No momento em que os jovens do *Immutare* foram para a escola e iniciaram a formação de novos coletivos de estudantes, a FFL descontinuou o projeto e desta forma não houve tempo de identificar uma contribuição para a cultura escolar a partir do que o coletivo construiu fora da educação básica no campo da leitura, arte e cultura.

A arte se apresenta como um caminho possível para isto, uma vez que, também adentra o campo da subjetividade e identidade, “por seu potencial de criatividade e leitura crítica da realidade” (GOHN, 2016, p.21), e tem sido utilizada em diversas propostas de programas municipais e pelo terceiro setor como forma de dialogar com a juventude.

Este estudo permitiu visualizar as contribuições de iniciativas desta natureza a partir da escuta de jovens que participaram, não pela metodologia, nem pela proposta em si, mas pela experiência que construíram. Mesmo sem a clareza e objetividade inicial do que estava sendo proposto, os jovens do *Immutare* construíram esta experiência social e dela produziram suas subjetividades e autonomias, processos tão complexos e urgentes para emancipação.

Talvez,

O ideal, no plano das utopias, seria um dia virmos a ter o ensino/aprendizagem das artes como política pública, tão importante aos indivíduos como ser alfabetizado e saber fazer contas. Seria a integração da educação não formal com a formal (GOHN, 2016, p. 23).

Verificou-se, a partir dos diálogos realizados com os jovens arquitetos do *Immutare*, importantes contribuições para seus processos de construção da autonomia, produção identitária e subjetivação. Cenário este que, nos incentiva a manter o olhar para a integralidade da formação dos jovens, a partir da triangulação que envolve as artes, o acesso ao livro e a literatura – seja na educação escolar ou não escolar – oportunizar, por meio da combinação desses eixos formativos, que os jovens articulem e reconheçam seus anseios, angústias e sonhos, se formem como atores sociais, desenvolvam e se constituam como sujeitos questionadores, conscientes de sua história e singularidade.

REFERÊNCIAS

ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C (Org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003a.

_____. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil en Colombia. In: LEÓN, Oscar Dávila (Ed.). **Políticas públicas de juventud en America Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar: CIDPA, 2003b.

ACQUARP. Vinculado a Associação de Cultural Quarteto de Cordas de Ribeirão Preto – ACQUARP, desenvolve atividades de formação e difusão nas áreas da música, dança e teatro. Disponível em: <<http://acquarp2.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ECOLÓGICA PAU BRASIL. Página do Facebook. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/acepaubrasil/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 12 dez.2018.

BARBOSA, A. P. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova** [online], n. 79, p. 143-162, ISSN 0102-6445, 2010.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde soc.** [online], vol. 18, n. 3, p. 411-423, 2009.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, n. 15(2), p. 73-83, abr./jun. 2001.

BOURDIEU, P. (Org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRANDÃO, C. Educação? Educações: Aprender com o índio. In: **O que é educação**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 5. Ed. p. 7-12, Coleção Primeiros Passos, 1982.

BRASIL. Pessoa com deficiência segundo L8.213/91, lei de cotas para Deficientes e Pessoas com Deficiência dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm>. Acesso em: julho de 2019.

_____. Programa Escola da Família. Decreto Estadual nº 48.781, de 7/7/2004. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v1/PEF/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%2048.781%20-%20Programa%20Escola%20da%20Fam%C3%ADlia.pdf>>. Acesso em: 10 de mar. 2019.

CASTRO, J. P. M. Protagonismo juvenil e os novos modelos de políticas públicas. In: **Anais da 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, Brasil, 2008.

CASTRO, J. P. M. UNESCO - **Educando os jovens cidadãos e capturando redes de interesses**: Uma pedagogia da democracia no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

CEFAI, D. Públicos, problemas públicos, arenas públicas...: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). **Novos Estudos**, CEBRAP, p. 187-213, março 2017.

CENTRO CULTURAL QUINTINO II. Página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/CentroCulturalQuintinoII/posts/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, nº24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

DICIONÁRIO ON LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/imute/>>. Acesso em: março de 2019

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

EISENSTADT, S. N. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v. IV, p. 13-30, 1968.

FACCHINI, R. Não faz mal pensar que não se está só: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, v. 36, p. 117-153, 2011.

FABBRINI, A.; MELUCCI, A. **L'età dell'oro: dolcesnti tra sogno ed esperienza**. Milano: Feltrinelli Editore, [1992], 2017.

FERREIRA, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n.3, p. 979-992, 2014. ISSN 0104-1290.

FERRETI, C. J. *et al.* Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 411-423, maio/agosto 2004.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? *Lua Nova*: São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007.

FREIRE, M. *et al.* Grupo – indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. São Paulo: Espaço Pedagógico, Série Seminários, 1998. Disponível em: <<https://www.famema.br/famema/ensino/pdd/docs/oqueumgrupo.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO FEIRA DO LIVRO DE RIBEIRÃO PRETO. **Revista Entre Nós**, Ribeirão Preto, 1. Ed., 2014.

FUNDAÇÃO FEIRA DO LIVRO DE RIBEIRÃO PRETO. **Projeto Combinando Palavras**. Disponível em: <<https://fundacaodolivroeituarp.com/projetos/combinando-palavras/>>. Acesso em: 19 de mar. 2019.

_____. Oficina audiovisual interativa: provendo inclusão sociocultural. **5ª F. O Brasil fugiu da escola**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEUHz9Ko9pM&fbclid=IwAR1pMnS1rtAMDXW1F37801F7ufyRF_xIxyuk2dBHXZB1EIY5JHIeM50ZqSU>. Acesso em: 15 jan. 2019.

GOHN, M. da G. Artes e Aprendizagens em Coletivos de Jovens e Movimentos Sociais. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 29, p. 51-50 set./dez. 2016.

JORNAL CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO. **“Vamos arborizar Ribeirão” quer plantar 11 mil mudas de árvores**. Disponível em: <<http://www.cidadederibeiraopreto.com.br/noticia2635-vamos-arborizar-ribeirao-quer-plantar-11-mil-mudas-de-arvores.html>>. Acesso em: 15 de jan.2019.

LOURENÇO, D. **Fanzine: Procedimentos construtivos em mídia tátil impressa**. Dissertação de Mestrado - PUC-SP, 2006.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista USP de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTUCCELLI, D. Lecciones de sociologia del individuo. Pontificia Universidad Católica del Perú; Departamento de Ciencias Sociales, PUCP, **Cuadernos de Trabajo**; 2, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/52674>>. Acesso em: 9 de nov. 2018.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

NOVAES, R.; ALVIM, R. Movimentos, Redes e Novos Coletivos Juvenis: Um Estudo sobre pertencimentos, demandas e políticas públicas de juventude. In: LOPES, J. S. L.; HEREDIA, B. M. A. de (org.). **Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados**. Rio de Janeiro: CBAE, 2014.

ORGANIZAÇÃO NEGRA DE RIBEIRÃO PRETO. Página do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoAbayomi/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 10. dez. 2019.

PAIS, J. M. Introdução. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. Tribos urbanas: produção artística e identidades. Lisboa: **Imprensa de Ciências Sociais**, p. 11-22, 2004.

PERIFERIA. Entrevista o protagonismo de mulheres negras na cidade de Ribeirão Preto, SP. v. 10, n. 2, p. 231-238, DOI: 10.12957/periferia.2018.33393, jul./dez. 2018.

RANCI, C. Relações difíceis. A interação entre pesquisadores e atores sociais. In: MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**. Rio de Janeiro: Vozes, Cap.II, 2005.

REGUILLO, R. C. **Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

REVISTA ENTRE NÓS. Disponível em
<https://docs.wixstatic.com/ugd/b1bc65_4b7bb11b6a2745f385a150829d0286f7.pdf>.
Acesso em: 16 mar. 2019.

RIBEIRÃO PRETO. Lei nº 10311 de 18 de fevereiro de 2005, Autoriza a Fundação Feira do Livro de Ribeirão Preto a realizar a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e dá outras providências. Disponível em: <https://cm.jusbrasil.com.br/legislacao/683104/lei-10311-05?ref=topic_feed>. Acesso em: 14 de out., 2018.

ROSSETTI, R.; SANTORO JUNIOR, D. Fanzine Punk como mídia alternativa. **Revista ALTERJOR: Jornalismo Popular e Alternativo** (ECA-USP), a. 5, v. 2, 10. Ed., jul./dez.

SÃO PAULO. Educação: Ribeirão Preto terá Feira Nacional do Livro para 200 mil pessoas. 2001. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/educacao-ribeirao-preto-tera-feira-nacional-do-livro-para-200-mil-pessoas/>>. Acesso em: 14 de out., 2018.

SCHIMIDT, M. A. M. S.; DURAND, O. C. S. Juventude, juventudes: processos e espaços educativos. **Perspectiva**, v. 22, n. 02, p. 291-296, jul./dez. 2004 (Dossiê Juventude e Educação)

SINGLY, F. Las formas de terminar y no terminar la juventud. In: **Revista de Estudios de Juventud**, nº 71, 2005.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cad. Pesquisa**. [online], n. 112, p. 7-31. ISSN 0100-1574, 2001.

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Letras da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 1 (1), 2009, p1-28.

SOUZA, M. F. S. **A FESTA E A CIDADE: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. Belo Horizonte, MG, 2010 (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo).

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 57, p. 210-226, março/maio, 2003.

_____; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set/out/nov/dez, 2003.

_____; CORROCHANO, M. C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 141-172, 2005.

SPOSITO, M. P. *et al.* Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 238-371, maio/ago., 2006.

_____. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 2, p. 83-97 jul./dez., 2008.

_____. (Coord.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, Belo Horizonte: Argmentvm, v. 2, 2009.

_____; TARÁBOLA, F. de S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-25, 2017.

TOMMASI, L. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 533-548, abr./jun., 2014.

_____. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 12, n. 23, jan./abr., 2013.

VINHAS, G. C. G. **Nada para fazer!** Interesses, processos educativos e suportes presentes nas interações dos jovens com o Projovem Adolescente e Ribeirão Preto. (Dissertação de Mestrado em Educação) Ribeirão Preto, 2014.

WAUTIER, A. M. Para uma sociologia da experiência: uma leitura contemporânea de François Dubet. **Sociologias**, Porto Alegre. Ano 5, n. 9, p. 174-214, 2003.

YAMADA, G. Violência e Vandalismo expõem lado B de Feira do Livro de Ribeirão Preto. Cotidiano, Folha de São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/05/1458614-violencia-e-vandalismo-expoem-lado-b-de-feira-do-livro-de-ribeirao-preto-sp.shtml>>. Acesso em: 19 set., 2016

_____. Tumulto na Feira do Livro de Ribeirão termina com dez presos. Bol notícias, Ribeirão Preto, 2012. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/brasil/2012/05/28/tumulto-na-feira-do-livro-de-ribeirao-termina-com-dez-presos.jhtm>>. Acesso em: 19 de set., 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de perguntas utilizado nas entrevistas com os jovens

- 1- Como era experiência diária no seu bairro antes de participar do projeto “Jovens Protagonistas” da Fundação Feira do Livro?
- 2- Como você ficou sabendo do projeto e o que da proposta que lhe foi apresentada o motivou a dele participar?
3. O coletivo que vocês participaram ganhou teve alguma denominação?
 - 3.1 Se sim, como se deu esse processo de escolha da denominação?
4. O que o coletivo desenvolveu para a comunidade de seu bairro?
 - 4.1 Com quais atores vocês mais interagiram? Por quê?
 - 4.2 Com quais atores vocês menos interagiram? Por quê?
5. As ações do Coletivo restringiram-se se apenas à comunidade de seu bairro?
 - 5.1 Entre 2013 e 2015, quais foram as ações culturais/linguagens artísticas realizadas pelo Coletivo?
 - 5.2 Quais foram os agentes proponentes/propositores das ações culturais/linguagens artísticas que vocês realizaram ao longo do Projeto? (Estas diferentes linguagens artísticas (Fanzine, documentário, teatro, stencil) que foram sendo desenvolvidas ao longo do projeto, foram sugeridas pelos educadores ou foi uma demanda do coletivo);
6. Como foi para você para estruturar o Coletivo *Immutare*? (Quero os desafios, individuais e do Coletivo)
 - 6.1 Como foi para você agir na comunidade, integrando o Coletivo?
 - 6.2 Como foi a sua relação com os Educadores?
 - 6.3 Como foi a sua relação com a Fundação?
7. Você acha que participar deste Coletivo e agir coletivamente na sua comunidade lhe trouxe alguma aprendizagem de como trabalhar coletivamente?
8. O que você mais gostou de realizar ao longo do Projeto?
 - 8.1 O que você mais apreciou do/no Coletivo?
9. O que você menos apreciou ao longo do Projeto?
 - 9.1 O que você menos apreciou do/no Coletivo?
10. Para você qual foi o grande desafio dessa experiência?
 - 10.1 Algo que você alteraria no Projeto? (buscar o que poderia ter sido diferente?)

11. O que você considera que não sabia e o projeto de ensinou?
12. O que você já sabia e essa experiência ajudou a aprimorar?
13. Esse projeto trouxe contribuições a sua experiência/vivência juvenil?
 - 13.1 Sem sim, quais?
 - 13.2 Se não, por que?
- 14- Na última etapa do projeto, quando você se tornou um “jovem educador”, a proposta foi de que vocês investissem na formação de novos coletivos no interior da escola, que avaliação você faz dessa proposta?
12. Essa experiência trouxe contribuições para a sua relação com o bairro/comunidade?
 - 12.1 Essa experiência trouxe contribuições para a sua relação com a sua família?
 - 12.2 Essa experiência trouxe contribuições para sua relação com a vida escolar?
 - 12.3 Essa experiência trouxe contribuições para sua relação com seus colegas e amigos?
 - 12.4. Essa experiência trouxe contribuições para sua relação no campo da vida afetiva com o outro/a?
13. Que uso você fazia da verba que você recebia para participar do Projeto?
14. Qual era seu projeto de futuro antes de viver essa experiência?
15. Você entende que a vivência dessa experiência trouxe alterações/novas/outras perspectivas para o seu projeto de futuro?
16. E quanto ao trabalho, você que essa experiência lhe trouxe alguma contribuição? Se sim, quais, por que? Se não, por que?
17. Qual foi a importância dessa experiência na sua vida juvenil?
18. Algo que eu não tenha lhe perguntado sobre essa experiência que você gostaria de registrar?

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas utilizado na entrevista com educadores do Projeto Jovens Protagonistas da FFL

- 1- O que o (a) motivou a participar deste projeto para jovens moradores deste bairro específico, Quintino II?
- 2- Na sua concepção, qual o motivo da escolha dos jovens moradores deste bairro, por parte da Fundação Feira do Livro?
- 3- Você participou da seleção destes jovens? Como eles foram selecionados?
- 4- O nome *Immutare* foi escolhido pelos próprios jovens do coletivo? Como foi esse processo de escolha do nome?
- 5- O foco inicial do projeto era voltado para ações que se relacionassem ao livro e à leitura?
- 6- Os desdobramentos das ações em diferentes linguagens artísticas (Fanzine, -Documentário, Teatro etc) estavam previstos no projeto ou partiu de uma demanda do coletivo formado?
- 7- Qual era o objetivo inicial do Projeto? Na sua compreensão, ele foi alcançado?
- 8- Acredita que este projeto afetou positivamente a juventude destes participantes, para além do objetivo inicial?
- 9- Qual foi o maior desafio para vocês enquanto educadores ao longo destes 3 anos de projeto?
- 10- Na sua concepção, qual foi o maior desafio encontrados pelos jovens participantes?
- 11- Ao longo do projeto, percebeu alguma mudança de comportamento de algum jovem participante nas relações dele com a família, ou dele com a escola, ou até mesmo ele com os colegas do coletivo?
- 12- Na última etapa do projeto, quando ele foi para dentro da escola e os participantes se tornaram “jovens educadores” para formar novos coletivos, o que acharam desta experiência?
- 13- Gostaria de acrescentar alguma experiência vivenciada durante o projeto que não foi contemplada nas perguntas anteriores?

APÊNDICE C – Roteiro de perguntas utilizado na entrevista com gestora da FFL

- 1- Como surgiu a proposta de desenvolver projetos especificamente para jovens?
- 2- Por que especificamente os jovens moradores deste Bairro específico (Quintino II)?
- 3- Por que a escolha da metodologia de “Protagonismo Juvenil”?
- 4- Como foi a seleção destes jovens?
- 5- O foco inicial do projeto era voltado para ações que se relacionassem ao livro e à leitura?
- 6- Estes desdobramentos em diferentes linguagens artísticas (Fanzine, Documentário, Teatro etc) estavam previstos no projeto ou partiu de uma demanda do coletivo formado?
- 7- Qual era o objetivo inicial do Projeto? Na sua compreensão, ele foi alcançado?
- 8- Acredita que este projeto afetou positivamente a juventude destes participantes, para além do objetivo inicial?